

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**PAULA REGINA SCOZ DOMINGOS DAMÁZIO**

**TEORIAS SEMÂNTICAS E A SEMÂNTICA FORMAL NO BRASIL**

**CURITIBA  
FEVEREIRO/2016**

PAULA REGINA SCOZ DOMNGOS DAMÁZIO

TEORIAS SEMÂNTICAS E A SEMÂNTICA FORMAL NO BRASIL

Dissertação submetida ao curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Roberta Pires de Oliveira

CURITIBA  
FEVEREIRO/2016

Catálogo na publicação  
Mariluci Zanela – CRB 9/1233  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Damázio, Paula Regina Scoz Domingos  
Teorias semânticas e a semântica formal no Brasil / Paula Regina Scoz  
Domingos Damázio – Curitiba, 2016.  
138 f.

Orientadora: Profa. Dra. Roberta Pires de Oliveira  
Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas da  
Universidade Federal do Paraná.

1. Linguística aplicada - Semântica. 2. Sociologia - Semântica.  
3. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 4. Linguagem – Teorias  
semânticas. I. Título.

CDD 410



Setor de Ciências Humanas  
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras  
Tel./Fax: +55 41 3360-5102

## PARECER

Defesa de dissertação de mestrado de **PAULA REGINA SCOZ DOMINGOS DAMÁZIO** para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Os abaixo-assinados José Borges Neto, Atilio Butturi Júnior e Márcio Renato Guimarães arguíram, nesta data, a candidata, a qual apresentou a dissertação: "TEORIAS SEMÂNTICAS E A SEMÂNTICA FORMAL NO BRASIL".

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADA Não APROVADA
Dr. José Borges Neto(Presidente)		Aprovada
Dr. Atilio Butturi Júnior		APROVADA
Dr. Márcio Renato Guimarães		APROVADA

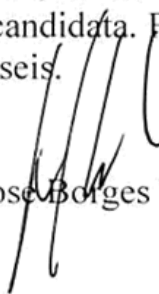
Curitiba, 26 de fevereiro de 2016.

  
Prof. Dr. Antonio Augusto Nery  
Vice-Coordenador



Setor de Ciências Humanas  
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras  
Tel./Fax: +55 41 3360-5102

Ata septigentésima vigésima oitava, referente à sessão pública de defesa de dissertação para a obtenção de título de mestre a que se submeteu a mestranda **PAULA REGINA SCOZ DOMINGOS DAMÁZIO**. No dia vinte e seis de fevereiro de dois mil e dezesseis, às quatorze horas, na sala 1013, 10.º andar, no Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos da Banca Examinadora, constituída pelos seguintes Professores Doutores: José Borges Neto, Presidente, *em substituição a Professora Doutora Roberta Pires de Oliveira que se encontra afastada do país para fazer pós doutorado*, Atílio Butturi Júnior e Márcio Renato Guimarães designados pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Letras, para a sessão pública de defesa de dissertação intitulada “TEORIAS SEMÂNTICAS E A SEMÂNTICA FORMAL NO BRASIL”, apresentada por **PAULA REGINA SCOZ DOMINGOS DAMÁZIO**. A sessão teve início com a apresentação oral da mestranda sobre o estudo desenvolvido. Logo após, o senhor presidente dos trabalhos concedeu a palavra a cada um dos examinadores para as suas arguições. Em seguida, a candidata apresentou sua defesa. Na sequência, o Professor José Borges Neto retomou a palavra para as considerações finais. Na continuação, a Banca Examinadora, reunida sigilosamente, decidiu pela aprovação da candidata. Em seguida, o senhor Presidente declarou **APROVADA** a candidata, que recebeu o título de **Mestre em Letras**, área de concentração Estudos Linguísticos. A versão final da dissertação deverá ser encaminhada à Coordenação em até 60 dias. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora e pela candidata. Feita em Curitiba, no dia vinte e seis de fevereiro de dois mil e dezesseis.

  
Dr. José Borges Neto

  
Dr. Atílio Butturi Júnior

  
Dr. Márcio Renato Guimarães

  
Paula Regina Scoz Domingo Damázio

## Meu Poeta

Os sonhos loucos de minha voz louca  
Voam nas asas do pássaro alado

As pétalas de sons de meus lábios  
Pendidas no ar como plumas  
Dedilhada nos pianos da lua...  
Eu! em canção derretida  
Aos beijos do poeta rendida

Despedaçada em tecnicolor translúcido  
Variante metafísica do escuro!

A ti super-amante do espaço  
Entrego-me em gota destilada  
A sonhar alto a quimera esfumaçada;  
Rasgando-me nos céus num beijo transbordante  
Em murmúrios secretos de nossos amores distantes

Os desejos loucos de minha boca sedenta  
Voam nas asas do pássaro alado...

*Para Marcelo Damázio*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha família, pelo apoio em todos os momentos. Obrigada a todos vocês, que sempre estão ao meu lado, apoiando tudo o que eu faço.

Agradeço muito a professora Roberta por ter aceitado o projeto e por ser uma pessoa tão extraordinária, a melhor orientadora e incentivadora que conheço.

Agradeço aos meus colegas PMET's da torre de controle de Joinville, que me ajudaram com um milhão de trocas de serviço para que eu pudesse concluir o curso em tempo. Obrigada Milton, Tiago, Adriano, Cindy, Márcia, Pedro e também meu chefe Antero!

Agradeço ao professor Borges e ao professor Márcio por participarem da banca de qualificação e também da defesa. Muito, muito obrigada! Agradeço ao professor Atílio, meu primeiro professor de linguística, por ter aceitado participar da banca.

Por fim, agradeço a cada semanticista que dedicou um pouco do seu tempo para responder o questionário. Fico muito honrada pela colaboração de cada um! Muito obrigada. Esse trabalho é de vocês e para vocês!

O Presente não é senão uma linha matemática que separa aquela parte da Duração Eterna, que chamamos Futuro, daquela outra a que damos o nome de Passado. Nada há sobre a Terra que tenha uma duração real, pois nada permanece sem mutação, ou no mesmo estado, durante um bilionésimo de segundo que seja; e a sensação que temos da realidade desta divisão do Tempo, conhecida como o Presente, advém da impressão momentânea ou das impressões sucessivas que as coisas comunicam aos nossos sentidos, à medida que passam da região do ideal, que denominamos Futuro, à região da memória, que chamamos Passado.

*Helena Blavatsky*

É verdade, sem engano, certo e muito verdadeiro. Aquilo que está abaixo é como aquilo que está acima, e aquilo que está acima é como aquilo que está baixo,...

*Hermes*

A atenção, pois, torna-se existente quando há urgência, a necessidade imediata de compreender a vida. E não se pode compreender esse extraordinário movimento da vida, intelectualmente, ou sentimentalmente, ou em conformidade com um certo padrão de pensamento – ideias, dogmas, sistemas. Para compreender qualquer coisa, é necessário dar-lhe atenção. E a compreensão não decorre de uma asserção verbal, ou do sentimento de que, emocionalmente, intelectualmente, a coisa foi compreendida. A compreensão é imediata e é, em si própria, ação; quer dizer, não se compreende primeiro, para depois agir – ou, não se presta atenção primeiro, para em seguida agir.

*Jiddu Krishnamurti*



## **RESUMO**

O objetivo geral deste trabalho, contextualizado no campo da sociologia da semântica, é proceder a um estudo sobre o quadro atual de teorias semânticas desenvolvidas no país e a análise do lugar da semântica formal nesse quadro. Para tanto, partimos de uma discussão sobre as teorias linguísticas e sobre o objeto teórico dessa ciência. Conforme Pires de Oliveira e Basso (2011) podemos pensar a linguística enquanto uma ciência que abriga duas diferentes formas de refletir sobre a linguagem, uma que é científica e outra que é humanista. A partir dessas colocações propomos uma investigação do quadro atual de teorias semânticas, buscando ainda saber se encontramos a mesma diferença entre metodologias e formas de reflexão. Por fim, com base em um questionário enviado aos semanticistas formais, e a semanticistas de outras abordagens, fazemos uma pesquisa qualitativa sobre a comunidade científica em questão e sobre a forma como os cientistas veem sua prática científica. O intuito é revelar alguns aspectos da prática científica, sob o viés sociológico, que possa nos dar subsídios para entender melhor a forma como a linguística em geral se organiza.

Palavras-chaves: Linguística. Sociologia da Semântica. Teorias semânticas.

## **ABSTRACT**

The aim of this work, contextualized in the field of semantic sociology, is to undertake a study on the current situation of semantic theories developed in the country and the analysis of the place of formal semantics in that frame. The starting point of a discussion of the linguistic theories and the theoretical object of this science. As Pires de Oliveira and Basso (2011) we can think of language as a science which houses two different ways of thinking about language, one that is scientific and one that is humanistic. From these placements we propose an investigation of the current frame of semantic theories, seeking to know whether there is the same difference between methodologies and ways of thinking. Finally, based on a questionnaire sent to formal semanticists, and semanticists other approaches, we do qualitative research on the scientific community in question and the way scientists see their scientific practice. The aim is to reveal some aspects of scientific practice, from the sociological bias, which can give us subsidies to better understand how the linguistics in general is organized.

Keywords: Linguistics. Sociology of semantics. Semantic theories.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>PARTE I .....</b>	<b>12</b>
1. <i>O objeto teórico da linguística .....</i>	12
2. <i>O paradigma científico e o paradigma humanista .....</i>	18
3. <i>Críticas à proposta de paradigmas na linguística .....</i>	25
<b>PARTE II .....</b>	<b>33</b>
1. <i>Breve história da semântica .....</i>	33
2. <i>Abordagens semânticas .....</i>	43
3. <i>Os estudos semânticos no Brasil .....</i>	54
<b>PARTE III .....</b>	<b>72</b>
1. <i>Metodologia .....</i>	72
2. <i>Quadro das teorias semânticas .....</i>	74
3. <i>A semântica formal pelos semanticistas .....</i>	77
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>95</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>101</b>
<b>ANEXO I .....</b>	<b>106</b>
<b>ANEXO II .....</b>	<b>110</b>
<b>ANEXO III .....</b>	<b>111</b>
<b>ANEXO IV .....</b>	<b>112</b>
<b>ANEXO V .....</b>	<b>113</b>
<b>ANEXO VI .....</b>	<b>133</b>

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação é o resultado de um trabalho que se dedica a compor o quadro atual de propostas teóricas para o estudo da significação desenvolvidas no país. Por conta disso, é importante que fique claro que não iremos trabalhar com um fenômeno linguístico, nem estaremos falando a partir de uma teoria semântica específica. A proposta é refletir sobre as comunidades científicas, e sobre as teorias semânticas na linguística. Para tanto, dividimos a dissertação em três partes, cada parte trata de um tópico considerado importante para a realização dessa reflexão. É preciso ainda esclarecer ao leitor que não pretendemos apresentar uma análise epistemológica das teorias semânticas ou da semântica formal, com a qual trabalharemos mais detidamente. Enquadramos as reflexões e análises desenvolvidas aqui no que podemos chamar de uma **sociologia da linguística**, que por sua vez tem por objetivo entender melhor a forma como os cientistas trabalham, como a comunidade científica se organiza, o que pensam a respeito da teoria a qual se filiam, e como essa teoria se constrói, partindo do olhar daqueles que a praticam. Trata-se de uma “sociologia” por ter como objeto de investigação as relações estabelecidas entre os pesquisadores de determinada comunidade científica e a teoria que desenvolvem, e ainda a relação de um grupo de pesquisadores com outro grupo de pesquisadores que compartilham um mesmo objeto, como é o caso do significado linguístico em semântica.

Na primeira parte da dissertação refletimos sobre a linguística utilizando os conceitos de objeto observacional e objeto teórico. Em seguida, analisamos a proposta de Pires de Oliveira e Basso (2011) que organiza a linguística com base nas metodologias utilizadas pelas teorias. Assim é possível perceber que a linguística é uma ciência que apresenta dois modelos de reflexão, ou paradigmas, de um lado, há estudos que utilizam metodologias científicas, de outro, teorias que utilizam métodos de interpretação. Com relação ao conceito de paradigma, utilizado por Pires de Oliveira e Basso (2011), tecemos algumas críticas no que se refere a sua aplicação para o caso da linguística.

A segunda parte é dedicada a uma revisão bibliográfica da história da semântica, iniciando com os primeiros estudos semânticos contemporâneos

até as tendências mais atuais. Na sequência, seguindo o exposto por Chierchia (2003), vemos ainda quais seriam as principais abordagens do significado linguístico, quais seus pressupostos teóricos e concepções sobre o significado. Por fim, fazemos um levantamento bibliográfico sobre as obras que tratam da história da semântica no Brasil. Os poucos trabalhos nessa linha evidenciam que a semântica, mais especificamente a história da semântica, ainda não foi devidamente discutida. No artigo *Uma história de delimitações teóricas: trinta anos de semântica no Brasil*, uma das poucas referências que tratam do tema, Pires de Oliveira (1999) apresenta um quadro de teorias semânticas desenvolvidas desde o estabelecimento da linguística até os anos de 1990. Outra referência importante é o livro *Semântica, semânticas* de Basso e Ferrarezi (2013). Com base nessas duas referências buscamos traçar o quadro atual de teorias semânticas. Após a análise crítica de *Semântica, semânticas* chegamos a um quadro representativo do estado atual da arte no país.

Na última parte dessa dissertação propomos duas análises, a primeira delas se refere ao quadro de teorias semânticas e a segunda a semântica formal. Avaliamos a representatividade do quadro proposto realizando o levantamento dos grupos de pesquisa cadastrados no CNPq que se filiavam às teorias em questão. Realizamos esse levantamento através da busca pela palavra-chave “semântica” no diretório de grupos. Após coletar os dados analisamos qualitativamente os grupos e relacionamos aqueles que podiam se filiar às teorias semânticas do quadro proposto. Relacionamos grupos filiados a todas as teorias, porém o que temos são apenas indícios do desenvolvimento dessas teorias.

O desdobramento final dessa investigação analisa a forma como a comunidade de semanticistas formais está organizada. Buscamos saber de que forma se estrutura essa comunidade científica, quais os pressupostos compartilhados pelos semanticistas formais, qual a importância do método utilizado em suas pesquisas. A coleta de dados foi realizada através de um questionário que contou com a colaboração de vários semanticistas formais e semanticistas de outras abordagens. Na sequência realizamos a análise qualitativa dos dados coletados. É importante deixar claro que se trata de uma investigação que se dispõe a relacionar as informações coletadas, formular

observações gerais e propor uma determinada interpretação dos dados. O objetivo é lançar luz sobre fenômenos de ordem sociológica.

Com a análise qualitativa pretendemos aprofundar o conhecimento sobre a forma como a comunidade de semanticistas formais se organiza, quais as crenças compartilhadas por essa comunidade. Assim contribuimos para aquilo que chamamos de sociologia da linguística, na medida em que nos voltamos não para a epistemologia de uma ciência, mas para a relação pesquisador/comunidade/teoria. A partir da análise proposta, pretendemos entender melhor de que forma uma comunidade científica dedicada ao estudo do significado linguístico se organiza, como os pesquisadores de outras abordagens veem essa comunidade e como se estabelece a relação entre eles. Dessa forma, partimos de uma discussão sobre a linguística, tentando entender como essa ciência se organiza, para chegarmos à análise de uma comunidade específica.

## PARTE I

### A CIÊNCIA DA LINGUAGEM

#### 1. O objeto teórico da linguística

*Se todos os linguistas vissem a linguagem de uma mesma forma, a partir de uma mesma perspectiva, poderíamos, com alguma certeza, supor que existe algo de errado ou com nossa ciência ou com nossos cientistas. Em outras palavras, ou nossa área de estudos não seria tão “rica” como se apregoa, ou nossos cientistas seriam menos inteligentes e criativos do que deveriam ser.*

Borges Neto

A linguística não se limita ao estudo de apenas um determinado aspecto da linguagem humana, ao contrário, são vários os níveis de análise e são várias as teorias construídas para dar conta das muitas facetas da nossa linguagem. Nessa seção abordamos o objeto teórico da linguística.

Segundo Borges Neto e Dascal (1991) as ciências, assim como as outras formas de saber, fazem reduções parciais da realidade (mundo das aparências), ou seja, todas elas fazem um recorte na diversidade observacional que será único. Precisamos partir do princípio de que “(t)oda teoria delimita uma certa “região” da realidade como seu objeto de estudos” (BORGES NETO, DASCAL, 1991, p. 18). Por exemplo, uma teoria sobre a luz irá tratar apenas de fenômenos luminosos, deixando de lado qualquer outro tipo de fenômeno, como os sons ou o movimento dos corpos.

Assim se dá também na linguística. As teorias linguísticas debruçam-se sobre objetos observacionais dentro do grande objeto complexo chamado linguagem humana, e a construção de cada objeto teórico está ligada a definições próprias das teorias. A “região” da realidade que é privilegiada pela linguística (i.e., a linguagem humana), e que constitui um conjunto de fenômenos observáveis, é o que podemos chamar, em sentido amplo, de seu **objeto observacional**. A partir da delimitação do objeto observacional a ser analisado, cada teoria irá propor diferentes entidades básicas, atribuindo propriedades aos fenômenos pertencentes ao seu campo de estudos, e estabelecendo relações entre eles. Dessa forma, transforma-se o objeto

observacional em **objeto teórico** (BORGES NETO, DASCAL, 1991). Conforme os autores, “teorias diferentes podem construir objetos teóricos distintos sobre um objeto observacional que é supostamente o mesmo, bastando para isso reconhecer entidades básicas, predicados e relações diferentes no objeto observacional.” (BORGES NETO, DASCAL, 1991, p. 20).

Podemos, assim, levantar as seguintes constatações levando em conta o exposto pelos autores: i) os domínios do conhecimento não estão naturalmente delimitados, ou seja, é a partir do olhar humano que são criados os diferentes objetos observacionais; ii) o objeto observacional, no caso da linguística, será a “região” recortada da diversidade observacional que trata da linguagem humana; e iii) o objeto teórico nada mais é do que um *modo particular* de construir teorias sobre um objeto observacional, através do reconhecimento de entidades básicas, predicados e relações diferentes.

O mesmo objeto observacional, como uma sentença<sup>1</sup> qualquer da língua, pode gerar objetos teóricos extremamente distintos. Borges Neto e Dascal (1991) dão o seguinte exemplo:

- (1) O indivíduo A dirige-se ao indivíduo B e pronuncia as seguintes palavras:  
 “João não viu o menino que trouxe o pacote.” (BORGES NETO, DASCAL, 1991, p. 20).

Sendo (1) uma descrição de um fenômeno pertencente ao objeto observacional da linguística, é possível observar o que algumas teorias “selecionam” deste fenômeno e que propriedades atribuem a ele.

A Gramática Gerativa, por exemplo, “ignora o contexto concreto em que o enunciado (o conjunto das palavras) ocorreu e concentra-se apenas nele.” (BORGES NETO, DASCAL, 1991, p. 20). Nesse momento do modelo, o enunciado é visto enquanto uma estrutura superficial, à qual se associam estruturas mais abstratas (Estrutura-P, Estrutura-S e Forma Lógica) (cf. CHOMSKY, 1957). A estrutura superficial é apenas “uma manifestação sem importância teórica de um aspecto mais importante – mais central – da

---

<sup>1</sup> Segundo Pires de Oliveira (2001) uma sentença “pode ser definida, pela presença de um verbo principal conjugado e, semanticamente pela expressão de um pensamento completo.” (PIRES DE OLIVEIRA, 2001, p. 99).



linguagem: a gramática inscrita na mente dos falantes.” (BORGES NETO, DASCAL, 1991, p. 20).

Já Austin colocaria a discussão a respeito de (1) em outros termos. “Para ele, A realiza um ato de fala assertivo com o qual pretende que B tome conhecimento do conteúdo proposicional do enunciado.” (BORGES NETO, DASCAL, 1991, p. 20). O ato de fala, isto é, o enunciado em (1), envolveria três atos superpostos: o ato locucionário, o ato ilocucionário e o ato perlocucionário.

Para Borges Neto e Dascal (1991), podemos ter teorias que se concentram em identificar a estrutura do enunciado em termos de estrutura superficial, enquanto outras podem abordar o objeto em termos de atos de fala, e assim por diante. Nas palavras de Borges Neto (2010, p. 1),

O objeto observacional de uma teoria científica é o conjunto de fenômenos, a porção de realidade, que a teoria assume como seu objeto; o objeto teórico é a construção (o modelo) que o cientista idealiza como representação do objeto observacional. Por exemplo, a sintaxe estruturalista e a sintaxe gerativista, em princípio, podem ter o mesmo objeto observacional (o conjunto de sentenças bem-formadas que podem ser ditas em alguma língua); os objetos teóricos, no entanto, podem ser bastante diferentes: a sintaxe estruturalista vê as sentenças como cadeias estruturadas de palavras (ou morfemas) e sua tarefa é revelar essas estruturas, enquanto a sintaxe gerativista vê as sentenças como o resultado da aplicação de regras internalizadas (inatas, em parte). Assim, onde o estruturalista encontra cadeias estruturadas, o gerativista encontra indícios da aplicação de regras presentes na mente/cérebro do falante. Os “dados” são os mesmos (as sentenças da língua), mas o que se faz com eles (o que se depreende deles) é absolutamente distinto.

O modo particular como cada teoria olha para a diversidade de fenômenos observáveis gera um modo particular de lidar com esses fenômenos criando assim objetos teóricos distintos. Como dito por Saussure uma palavra apenas, por exemplo *nu*, pode gerar diversos níveis de análise a depender de a tomarmos “como som, como expressão duma ideia, como correspondente ao latim *nudum*”. (SAUSSURE, 1981, p. 15). Dessa forma, podemos entender a diversidade teórica na linguística como consequência natural da diversidade de objetos, ou de recortes no objeto observacional, com os quais podemos trabalhar.

Ao linguista caberia a escolha entre caminhos distintos, ou melhor, a formas particulares de teorizar sobre algum aspecto da linguagem, pois não existe uma teoria unificada na linguística. Escolher entre “caminhos” distintos torna-se a prática corrente na linguística, e a escolha pelo tipo de investigação dependerá em última instância da própria convicção e formação do linguista; se pretende trabalhar com aspectos ligados a enunciação, ou aos discursos veiculados pelos enunciados, ou ainda com aspectos fonéticos, morfológicos, semânticos, sintáticos, etc. Na grande maioria das vezes, trabalha-se com escolhas teóricas e metodológicas prévias à investigação. Por conta disso,

[é] necessário, pois, privilegiar um enfoque, ignorando – ao menos temporariamente – todos os outros. Assim, se por alguma razão, uma abordagem sociologizante da linguagem me parece mais interessante e frutífera, fatalmente deixarei de lado abordagens logicizantes ou psicologizantes. E isso se dará em todos os casos. (BORGES NETO, 1996, p. 5).

Caberá ao linguista escolher a via que mais atenda as suas necessidades e questões teóricas, podendo decidir ir por uma via mais sociológica, psicológica, ou lógica da linguagem. Para cada uma dessas vias a própria definição do que seja a linguística pode divergir.

Por conta da diversidade teórica da linguística, na literatura há o questionamento a respeito de uma possível complementariedade entre os diversos objetos teóricos dessa ciência, assim como a própria complexidade inerente ao seu objeto. Com relação a complexidade, Borges Neto (2010) esclarece que ela

pode se dar no nível observacional. Dizer que a língua é um objeto complexo pode significar que os fenômenos linguísticos a serem estudados são fenômenos complexos (envolvem, por exemplo, fenômenos de várias naturezas: fenômenos físicos, como as cadeias sonoras, fenômenos estruturais, fenômenos relacionados ao uso das expressões, fenômenos relacionados às imagens que os usuários das expressões supõem para si e para os outros falantes/ouvintes, fenômenos ligados às posições ideológicas assumidas pelos falantes, etc.). O objeto observacional tomado pelo linguista é de natureza complexa porque contém em si fenômenos dificilmente relacionáveis. (BORGES NETO, 2010, p. 2).

A complexidade leva também ao problema da complementaridade entre as teorias linguísticas. Para autores como Franchi (cf. FRANCHI, 1992), as teorias linguísticas não seriam incomensuráveis<sup>2</sup>, pois existiria um único objeto de estudos comum às várias abordagens linguísticas – a linguagem humana –, estando as teorias linguísticas em relação de complementariedade. Borges Neto (1996) não defende a via da complementaridade:

Não posso aceitar, (...), que exista algo como “a linguagem humana” independentemente da perspectiva assumida, nem que as várias abordagens sejam abordagens de um mesmo objeto. Nisso estou com Saussure, que afirma que “o ponto de vista cria o objeto”. (BORGES NETO, 1996, p.12).

Não faria sentido falarmos em complementaridade entre teorias se assumirmos que o objeto dessas teorias são diferentes uns dos outros. Partindo por essa via podemos entender que há logo de início uma incompatibilidade entre as teorias linguísticas devido à construção dos objetos teóricos serem diferentes uns dos outros, não possibilitando uma comparação racional entre eles.

Do ponto de vista do objeto teórico, certamente as teorias linguísticas não estarão falando, na maior parte das vezes, a partir de uma mesma construção teórica, cada teoria, no recorte que faz do objeto observacional, lança mão de ferramentas existentes na tradição específica de estudos ao qual pertence para elucidar determinado fenômeno. Nesse sentido, assim como Borges Neto (1996), não acreditamos que seja possível esperar que a linguística se construa por meio de um trabalho de complementariedade entre diferentes níveis de análise.

O ponto principal dessa discussão é perceber que as teorias linguísticas, invariavelmente, “não podem deixar de fazer “cortes” no objeto complexo “linguagem”, fazer “escolhas”, deixar coisas de fora. Uma teoria que esgote o objeto, (...) será inútil” (BORGES NETO, 1996, p. 6). Porém isso não exclui a possibilidade de que ocorram trocas teóricas entre as diversas teorias

---

<sup>2</sup> “A afirmação de que duas teorias são incomensuráveis é, assim, a afirmação de que não há uma linguagem, neutra ou não, em que ambas as teorias concebidas como conjuntos de sentenças possam ser traduzidas sem haver resíduos ou perdas.” (KUHN, 1983, p. 50).

linguísticas. Abordagens mais contemporâneas, inclusive na sintaxe gerativa, procuram integrar níveis distintos como a sintaxe à pragmática.<sup>3</sup>

A questão em torno da complementariedade das teorias linguísticas ganha diversos proponentes, desde aqueles que defendem a necessidade de se construir a linguística tendo em vista uma ciência unificada, ou de outros, que partem do princípio de que as teorias são incomensuráveis. Não pretendemos desenvolver essas questões, mas apontamos para a necessidade desse tipo de debate, que merece mais atenção por parte dos linguistas.

Essas colocações, sobre os objetos da linguística, abrem a nossa investigação sobre as teorias semânticas desenvolvidas no Brasil. Partimos das noções de objeto observacional e objeto teórico para que tenhamos em conta que uma ciência como a linguística se constrói a partir de vários recortes do objeto linguagem humana. Não necessariamente estaremos defendendo a incomensurabilidade das teorias linguísticas, porém nosso olhar está voltado para a diferença que há entre as abordagens do significado linguístico, ou melhor, não estamos buscando os pontos de troca teórica ou o que há de consenso entre os semanticistas, mas justamente o que marca cada abordagem e o que a diferencia.

---

<sup>3</sup> Ver Chierchia (2013). No Brasil, um exemplo bem conhecido é a Sintaxe Paramétrica.

## 2. O paradigma científico e o paradigma humanista

*Na escolha de um paradigma, – como nas revoluções políticas – não existe critério superior ao consentimento da comunidade relevante.*  
Thomas Kuhn

Conforme o que discutimos anteriormente, é fácil perceber que organizar essa diversidade de teorias linguísticas não é uma tarefa simples, não só pela diversidade de objetos, mas pelas possíveis miscigenações entre as teorias. Nesse sentido qual seria a melhor forma de organizar as teorias de modo a delinear o atual quadro das pesquisas em linguística? Que critérios utilizar?

A presente seção tem como objetivo discutir uma proposta teórica que organiza os estudos linguísticos em dois grandes paradigmas. Não pretendemos avaliar o objeto teórico das teorias, mas tentar entender como podemos organizar essas teorias de modo a visualizar como a linguística vem produzindo conhecimento. Para Pires de Oliveira e Basso (2011) podemos entender os estudos atuais em linguística centrados em dois modos de descrever o objeto teórico: o **paradigma científico** e o **paradigma humanista**.

No paradigma científico as teorias linguísticas são separadas em dois programas de pesquisa, de um lado os *estudos formalistas* propõem uma descrição lógico-formal da língua, e de outro, os *estudos funcionalistas* fazem previsões probabilísticas em suas análises. Além da diferença na escolha do método de análise e experimentação, a prática científica formal e a prática científica funcional diferem no aspecto da linguagem focado por cada programa. O pensamento formalista se volta para a forma linguística, ou melhor, para a estrutura da linguagem, já o pensamento funcionalista está voltado para a função e o uso da linguagem (PIRES DE OLIVEIRA, BASSO, 2011).

Para Pires de Oliveira e Basso (2011) as duas abordagens, tanto a formalista, quanto a funcionalista, enquadram-se na definição de ciência e de prática científica, que para os autores “(...) tem por objetivo a explicação de fenômenos teoricamente relevantes (...), a partir da construção de hipóteses

indutivas ou dedutivas sobre fenômenos, que os explicam”. (BASSO, PIRES DE OLIVEIRA, 2011. p. 35). A busca da ciência seria então a de

construir um modelo abstrato para explicar esses fenômenos e esse modelo é apresentado utilizando uma linguagem lógico-matemática porque ele deve ter não apenas poder de predição, mas capacidade de refutação. Ele deve ser passível de ser publicamente verificado. (PIRES DE OLIVEIRA, BASSO, 2011. p. 35-36).

As teorias não passíveis de refutação não são consideradas científicas, e, portanto não entram no paradigma científico. O paradigma científico reuniria as teorias linguísticas comprometidas com o método científico, que se define por uma descrição dos fenômenos utilizando uma linguagem clara, arregimentada, e formulação de hipóteses que possam ser verificadas experimentalmente e, portanto, que possam ser abandonadas/refutadas<sup>4</sup>.

Com relação ao formalismo é importante levar em conta as diferentes formas de ser *formal*. Para Pires de Oliveira (2004) o termo faz referência a três diferentes acepções. A primeira delas liga o termo *formal* ao modelo da gramática gerativa. Nesse tipo de formalismo, postula-se que a mente/cérebro é modular, e que há um componente específico para o processamento das línguas naturais, a sintaxe. Além do que, aplica-se uma metodologia nomológico-dedutiva, a mesma aplicada em ciências como a física.

A segunda acepção do termo *formal* remete ao modelo científico propriamente dito. Podemos dizer que uma teoria é formal se ela possui uma *metalinguagem* arregimentada para expressar as suas hipóteses, como é o caso da física que utiliza a matemática como metalinguagem, e se ela pode ser *refutável* ou *verificável*. Essa acepção do termo formal se aproxima da definição de ciência defendida por Pires de Oliveira e Basso (2011), no sentido de que a empreitada científica está comprometida eticamente com uma descrição que é ao máximo isenta do cientista, isto é objetiva. O cientista tem por obrigação explicitar o mais claramente possível a sua teoria para que

---

<sup>4</sup> É bom ter presente que os autores discutem o que é ciência e buscam mostrar que não é preciso ser científico para uma explicação ter validade, e que a ciência pode até mesmo não ser a melhor explicação. Esse é certamente o caso dos sistemas de crenças e da ideologia.

outros possam realizar sua verificação (e possível refutação). Assim, tanto formalistas quanto funcionalistas adotariam esse compromisso.

Por fim, formal pode estar relacionado à estrutura do fenômeno analisado. Entende-se que os fenômenos podem ser explicados através da estrutura que o possibilita, ou melhor, da estrutura que lhe é dada pelo mundo (PIRES DE OLIVEIRA, BASSO, 2011). O mundo ou partes dele exibiria uma estrutura lógica. Quando Galileu Galilei afirma que a natureza é matemática ele se refere à existência de uma estrutura que seria matemática, já dada de antemão no mundo.

Dessa forma, um dos pontos a serem observados com relação ao paradigma científico é que ser formal não implica em ser gerativista. A teoria gerativa representou durante muito tempo a teoria formal por excelência na linguística, porém, há teorias formais que não são gerativistas, e nem por isso são menos formais. A diferença entre os dois programas de pesquisa (formalista e funcionalista) está no modo como cada um lida com a primeira e a terceira acepção apresentada mais acima, porém todas as teorias que entram nesse paradigma são formais, na segunda acepção do termo, por assumirem o compromisso com a explicitação objetiva de suas hipóteses, possibilitando a verificação ou refutação pela comunidade científica.

Por outro lado, o paradigma humanista em linguística abrigaria áreas de estudo como as teorias enunciativas e a análise do discurso. O ponto de partida para esses estudos se dá de outra perspectiva. Trata-se de uma perspectiva que leva em conta principalmente o sujeito da fala, e o discurso como acontecimento.

A análise do discurso, por exemplo, apresenta um novo programa de estudos dentro da linguística pensando a linguagem enquanto fato social, elegendo o discurso como seu objeto. Para Orlandi (1994, p. 52), pesquisadora de renome na área, “[a] Análise de Discurso se constitui no espaço disciplinar que põe em relação a Linguística com as Ciências Sociais.”

Esta é uma proposta de análise linguística que tem como um dos seus principais objetivos apontar para o sujeito da fala e para a relação estabelecida entre esse sujeito e sua exterioridade, especificamente a relação entre o sujeito e os discursos. A aproximação da análise do discurso com as ciências sociais não se dá apenas como forma de complementação de uma pela outra, ao



contrário, essa aproximação pretende gerar um ponto de tensão entre esses dois saberes. Orlandi (1994, p. 53) discorre sobre a análise do discurso enquanto disciplina de entremeio:

Em suma, a Linguística exclui a exterioridade, e as Ciências Sociais tratam a linguagem como se ela fosse transparente. A Análise de Discurso, por seu lado, ao levar em conta tanto a ordem própria da linguagem como o sujeito e a situação, não vai simplesmente juntar o que está necessariamente separado nessas diferentes ordens de conhecimento. Ao contrário, ela vai trabalhar essa separação necessária, isto é, ela vai estabelecer sua prática na relação de contradição entre esses diferentes saberes. Desse modo, ela não é apenas aplicação da Linguística sobre as Ciências Sociais ou vice-versa. A Análise de Discurso produz realmente outra forma de conhecimento, com seu objeto próprio, que é o discurso. Este, por sua vez, se apresenta como o lugar específico em que podemos observar a relação entre linguagem e ideologia. (ORLANDI, 1994, p. 53).

Portanto, para os analistas do discurso importa confrontar a linguagem e tudo aquilo que está fora da linguagem, mais especificamente, os aspectos ideológicos entremeados à linguagem. Para a análise do discurso o sentido não está fixado aprioristicamente, ao contrário, há uma determinação histórica do sentido que deve ser levada em conta a cada interpretação de um fenômeno linguístico. Estamos sempre nos remetendo à dimensão social e principalmente a noção de que o mundo do sujeito é um mundo constituído pela ideologia, que “é vista como o imaginário que medeia a relação do sujeito com suas condições de existência.” (ORLANDI, 1994, p. 56). Por fim, “no discurso, o mundo é apreendido, trabalhado pela linguagem e cabe ao analista procurar apreender a construção discursiva dos referentes. A ideologia é, pois, constitutiva da relação do mundo com a linguagem, ou melhor, ela é condição para essa relação” (ORLANDI, 1994, p. 56).

Como vemos, a análise do discurso elege o discurso como seu objeto. A partir da observação desse recorte na diversidade de fenômenos linguísticos possíveis, são feitas análises do material discursivo e propostas interpretações particulares para os fenômenos analisados. Embora o funcionalismo também remeta à dimensão social e histórica do sujeito, seu procedimento de análise e



sua metodologia difere daquela utilizada pelas abordagens humanistas. Para Pires de Oliveira e Basso (2011) no paradigma humanista,

[...] não há construção de um modelo abstrato que visa explicar universalmente os fenômenos de interesse, não há generalização nem previsão, tampouco parece haver refutação ou experimentos cruciais. Isso ocorre porque, nesse modo de reflexão, interessa a particularidade, o caso irreproduzível, a singularidade. (PIRES DE OLIVEIRA, BASSO, 2011, p. 37).

Diferentemente da prática científica, que constrói teorias verificáveis e refutáveis, trabalha-se com a particularidade de um evento ou fenômeno, o seu acontecimento.

É exatamente por essa razão que, na análise do discurso, a subjetividade torna-se o foco da sua reflexão: o sujeito da enunciação única e irreproduzível. Se estamos lidando com o particular, estamos lidando com o imprevisível, com aquilo que nem mesmo as teorias de probabilidade podem explicar. O tipo de fenômeno que interessa a vertente humanista não pode ser explicado através de cadeias causais, como aquelas que aplicamos aos objetos naturais; esses fenômenos precisam de uma explicação de outra ordem, que leve em conta ponderações sobre a história, a ideologia, a psique do sujeito entre outros fatores. (PIRES DE OLIVEIRA, BASSO, 2011, p. 37).

O critério de validação dessas explicações pode estar na “discutibilidade” de uma interpretação, pois, “se não é possível refutar as interpretações, as humanidades precisam de outro critério para validar suas explicações e esse critério parece ser a “discutibilidade”, sua capacidade de engendrar interpretações.” (PIRES DE OLIVEIRA, BASSO, 2011, p. 39). Assim quando não há mais discussão em torno de uma interpretação considera-se então que esta não é mais uma explicação esclarecedora o bastante. A reflexão se esgota quando a explicação proposta não é mais original e não mais ilumina os fenômenos de interesse. Nesse sentido, a análise do discurso é muito frutífera porque gerou (e gera) um grande complexo de discussões.

Portanto, o critério básico para a separação dos estudos linguísticos em paradigmas está na utilização ou não de uma metodologia científica. Com base nisso, teríamos, na linguística, dois modelos gerais de reflexão, de um lado o paradigma científico e de outro o paradigma humanista. Abaixo reproduzimos o

quadro geral com a proposta epistemológica de distribuição dos paradigmas, conforme Pires de Oliveira e Basso (2011, p. 81):

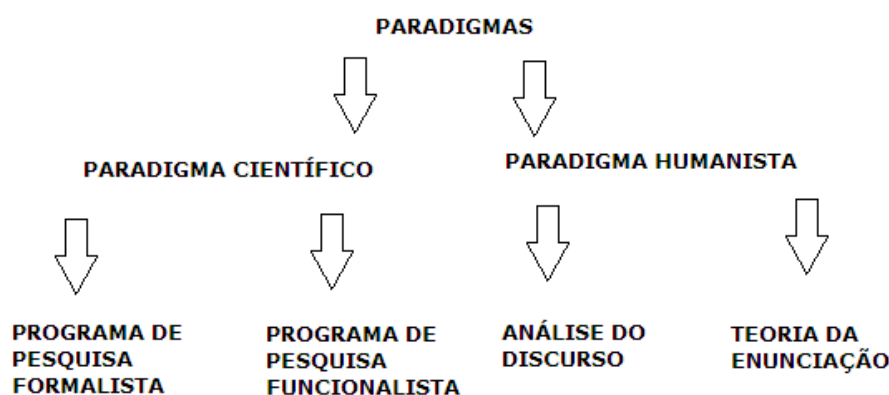


FIGURA 1: PROPOSTA EPISTEMOLÓGICA DE DISTRIBUIÇÃO DOS PARADIGMAS DE ABORDAGEM DO OBJETO LINGUAGEM.

O quadro separa os estudos linguísticos em dois paradigmas, os paradigmas, por sua vez, devem ser encarados como um conjunto de métodos, de perguntas e de respostas possíveis. (PIRES DE OLIVEIRA, BASSO, 2011, p. 81)

O quadro geral dos paradigmas apresentados não especifica com mais detalhes de que teorias ou níveis de análise estamos tratando, ou melhor, há uma divisão bem ampla dos estudos linguísticos baseada na utilização ou não de um método científico<sup>5</sup>. Essa divisão resulta no que poderíamos chamar de duas diferentes frentes de estudos na linguística. O funcionalismo e o formalismo enquadram-se no paradigma científico e estão de acordo naquilo que se refere à utilização do método científico. Por outro lado, a segunda frente de estudos reuniria outras abordagens dos fenômenos linguísticos, que basicamente se diferenciam por não utilizarem uma metodologia científica se aproximando mais de um tipo de análise como aquelas utilizadas nas humanidades.

Com relação ao paradigma científico, apesar de ser um consenso o compromisso com a objetividade, não há consenso quanto ao melhor caminho para se descrever os fenômenos linguísticos. De toda forma, os dois

---

<sup>5</sup> Para uma proposta tipológica dos modelos linguísticos ver Borges Neto (1980).

programas caminham paralelamente e eventualmente trocas teóricas ocorrem. No paradigma humanista, a análise do discurso apresenta um objeto bem delimitado, porém seria o caso de se aprofundar o estudo sobre as outras abordagens que comporiam esse paradigma, não discutidas nesse trabalho.

Buscando uma aproximação das noções teóricas discutidas na seção anterior e o quadro apresentado, o que vemos é que cada paradigma constituiria um “conjunto de métodos, de perguntas e de respostas possíveis” próprios, isto é, os paradigmas podem estar delimitando objetos observacionais distintos, o que leva a possibilidade de estarmos falando em diferentes “linguísticas”. Como vimos anteriormente, a análise do discurso, elege como objeto o discurso. As análises nessa linha irão buscar relações com uma outra sorte de questões como a ideologia, as relações de poder entremeadas a linguagem, enfim, questões essas que não fazem parte de uma análise funcionalista da linguagem, que ao contrário, trabalhará com dados, experimentos, e uma série de metodologias que auxiliem na comprovação ou não de uma determinada hipótese.

Questões como as que apontamos acima ainda precisam ser investigadas com mais profundidade. O mais importante para a nossa reflexão é perceber que a linguística é uma ciência marcada pela diversidade teórica, a nível teórico e possivelmente a nível observacional. A proposta dos paradigmas nos mostra que existem duas diferentes formas de reflexão nessa ciência, uma que utiliza métodos científicos em suas análises e outra que utiliza métodos interpretativos. Com isso temos uma visão geral de como a linguística está organizada e que tipos de pesquisas são desenvolvidas, indicando a forma como se constrói conhecimento nessa ciência.

### 3. Críticas à proposta de paradigmas na linguística

*O observador não tem consciência da escolha; ao contrário, a escolha é imposta a ele diretamente, dentro de um modo irracional, conduzindo-o a partir de seu modo de pensamento, de sua disposição mental, de suas práticas mentais de pensamento – em resumo: o que chamamos de estilo de pensamento.*  
Ludwick Fleck

Após discutirmos com mais detalhes o quadro geral dos paradigmas de Pires de Oliveira e Basso (2011), propomos uma análise crítica desse quadro nos atendo especificamente ao uso do conceito de paradigma<sup>6</sup>.

A proposta de paradigmas faz uma generalização que separa duas formas distintas de reflexão nos estudos linguísticos contemporâneos. Pires de Oliveira e Basso (2011) deixam claro que utilizam o conceito de paradigma de uma maneira frouxa, de toda forma o que pretendemos nessa seção é questionar se seria possível aplicar as noções de revolução científica e de ciência normal para a linguística.

Primeiramente, a proposta de paradigmas estaria contribuindo para a visão de que as teorias são intraduzíveis, compartilhando com a compreensão de que

[p]rovavelmente o caminho do linguista diverge do caminho do físico, nesse momento: enquanto o físico procura unificar sua ciência, buscando uma teoria que unifique a física quântica (que trata bem do microcosmos) e a física relativística (que trata bem do macrocosmos), caberia ao linguista estabelecer que porções de seu objeto constituiriam áreas “intradutíveis”. (BORGES NETO, 2010, p. 3).

A reflexão de Pires de Oliveira e Basso (2011) não assume, no entanto, que há intradutibilidade entre as teorias, o que é uma decorrência da proposta de paradigmas<sup>7</sup>; antes, ela se aproxima do modo como Fleck (1979) descreve o desenvolvimento de um conceito científico como o de sífilis, resultante de

---

<sup>6</sup> Existe uma vasta bibliografia discutindo as várias acepções do conceito de paradigma. O próprio Kuhn reformula esse conceito ao longo de seus estudos.

<sup>7</sup> Vale lembrar que para Kuhn paradigmas são incomensuráveis.

convergências de várias linhas de pensamento que se entrecruzam para produzirem o conhecimento. Assim, diferentemente da visão de Borges Neto e Dascal (1991), entre outros, para quem cada teoria é única, Pires de Oliveira e Basso (2011) entendem que as teorias são fluxos de conversas que se cruzam.

Há uma outra implicação que o uso do conceito de paradigma carrega. Como já dissemos, esse conceito filia-se a reflexão de Thomas Kuhn (1978) que propõe a existência de rupturas teóricas na ciência, chamadas de *revoluções científicas*. Essas rupturas modificariam a visão de mundo assumida pelos cientistas, instaurando uma maneira totalmente nova de perceber o objeto de estudo. Um paradigma pode ser entendido como “um campo ou ‘mundo’ conceitual, que representa uma maneira de investigar uma série de fenômenos acoplada a uma visão de mundo e que constitui a chamada ciência normal, momentos em que a comunidade científica está em consenso”. (PIRES DE OLIVEIRA, BASSO, 2011, p. 20).

O período de ciência normal começa a ser abalado quando se observam anomalias dentro do paradigma vigente. A partir daí começa a se desenrolar uma série de discussões, passando-se para um período de ciência extraordinária. Segundo Kuhn (1978, p.115-116), podemos ter três diferentes desfechos dessa situação: i) o paradigma vigente consegue explicar as anomalias e assim a crise é contornada; ii) os cientistas deixam de lado as anomalias para serem resolvidas no futuro; ou iii) o paradigma é substituído por um novo, que consegue resolver as anomalias geradoras da crise. Neste último caso, temos o que Kuhn chama de revolução científica propriamente.

Com o novo paradigma devidamente estabelecido inicia-se novamente um período de ciência normal. Um dos pontos dessa teoria sobre o desenvolvimento do conhecimento científico é perceber que a ciência deixa de ser apenas um empreendimento cumulativo para ser historicamente demarcada por uma sucessão de revoluções nas quais padrões de pensamento ou de métodos se modificam radicalmente abrindo assim o campo para um novo despertar de ideias e de novos jogos possíveis.

A proposta de Kuhn pretende explicar a passagem do modelo aristotélico na física para o modelo newtoniano. Em *A estrutura das revoluções científicas*, umas de suas obras mais influentes, Kuhn (1978) afirma que

[...] “ciência normal” significa a pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas. Essas realizações são reconhecidas durante algum tempo por alguma comunidade científica específica como proporcionando os fundamentos para sua prática posterior. Embora raramente na sua forma original, hoje em dia essas realizações são relatadas pelos manuais científicos elementares e avançados. Tais livros expõem o corpo da teoria aceita, ilustram muitas (ou todas) as suas aplicações com observações cedidas e comparam essas aplicações com observações e experiências exemplares. (KUHN, 1978, p. 29).

Entendendo por paradigma aquilo que se refere ao campo conceitual que instaura uma forma de investigar e até mesmo de perceber os fenômenos, fundamentado por meio de manuais, o primeiro passo para utilizar o termo paradigma é verificar se a linguística está numa fase de ciência normal ou se já esteve em tal fase. Se de fato a linguística pode ser dividida em paradigmas, poderíamos perguntar se seria o caso de estarmos vivendo um momento de ciência extraordinária. Na citação abaixo vemos o que Kuhn diz a respeito dos momentos de crise na ciência.

A transição de um paradigma em crise para um novo, do qual pode surgir uma nova tradição de ciência normal, está longe de ser um processo cumulativo obtido através de uma articulação do velho paradigma. É antes uma reconstrução da área de estudos a partir de novos princípios, reconstrução que altera algumas das generalizações teóricas mais elementares do paradigma, bem como muitos de seus métodos e aplicações. Durante o período de transição haverá uma grande coincidência (embora nunca completa) entre os problemas que podem ser resolvidos pelo antigo paradigma e os que podem ser resolvidos pelo novo. Haverá igualmente uma diferença decisiva no tocante aos modos de solucionar os problemas. Completada a transição, os cientistas terão modificado a sua concepção da área de estudos, de seus métodos e de seus objetivos. (KUHN, 1978, p. 116).

Um estudo epistemológico de uma ciência, que utilize a metodologia de Kuhn, deve procurar responder como e quais seriam as revoluções científicas que deram início a um período de ‘ciência normal’. No caso particular da linguística, deveríamos saber o que deu início aos paradigmas, e com base nas

respostas a essas questões seria possível avaliar se a linguística está passando por um momento de transição de paradigmas ou não.

Portanto, pensar a linguística em termos kuhnianos exige primeiramente a análise dos momentos de revolução científica, e também nesse ponto parece haver certas particularidades que tornam não muito óbvias o enquadramento das revoluções ocorridas na linguística naquilo que seria uma revolução kuhniana. (cf. BORGES NETO, 1990).

Borges Neto (1990) tece sua argumentação sobre a possibilidade de aplicar a metodologia de Kuhn para analisar o embate entre o Estruturalismo Americano e a Gramática Gerativa.

Mesmo tendo como referência apenas a breve e esquemática apresentação das ideias de Kuhn que fizemos acima podemos perceber que não é muito difícil caracterizar o EA (Estruturalismo Americano) e a GGT (Gramática Gerativa Transformacional) como dois **paradigmas** distintos: os pressupostos metafísicos não são os mesmos; as exigências feitas aos trabalhos de pesquisa são distintas; a noção de problema linguístico bem resolvido não é a mesma; as generalizações simbólicas e os exemplos também são distintos. Por outro lado, as características gerais do surgimento e da expansão da GGT não tornam a “revolução chomskyana” um exemplo claro, transparente, de revolução científica. (BORGES NETO, 1990, p. 84, negrito e sublinhado do autor).

Apesar de a Gramática Gerativa apresentar vários indícios de ter sido de fato uma espécie de revolução científica na linguística, já que apresenta uma abordagem totalmente nova sobre a linguagem, o autor descarta o uso do modelo kuhniano ao observar que: i) não havia crise na linguística norte-americana em meados da década de 1950, época em que Chomsky publica *Syntact Structures*, considerada a obra que dá início a história da GGT; ii) Chomsky não propõe a GGT para ser um paradigma solucionador a uma possível crise do paradigma anterior, ao contrário, a GGT surge como uma espécie de complemento ao EA; iii) o EA não foi abandonado pela comunidade linguística, inclusive alguns trabalhos incorporaram aspectos da nova teoria; iv) apesar da postura que alguns adeptos da GGT mantiveram com relação ao EA, ao considerar a GGT revolucionária, seria insuficiente enquadrar a GGT como uma revolução científica no sentido kuhniano.



Diante da constatação de que o enquadramento da “revolução chomskiana” no conceito de revolução científica de Kuhn não é óbvio, para dizer o menos, podemos pensar em alternativas. Uma alternativa é garantir o modelo de Kuhn, mas afirmar que ele não se aplica ao caso específico da linguística por causa de características próprias desta ciência. (...) Outra alternativa seria considerarmos que o modelo de Kuhn é adequado para o tratamento da história da linguística mas que as pessoas que tem tentado esse enquadramento não conseguiram achar o lugar correto da linguística no modelo. (BORGES NETO, 1990, p. 86-87).

Lahud (apud Borges Neto, 1990) defende que o modelo de Kuhn pode ser aplicado à linguística, desde que descartado o conceito de revolução científica. Nesse caso, teríamos antes a constatação de que a linguística permanece em um estado “pré-paradigmático”, isto é, não só não haveria paradigmas na linguística, como as revoluções científicas seriam impossíveis de ocorrer, pois sequer estaríamos em uma fase paradigmática. Para Assis, autor que discute o uso do conceito kuhniano aplicado às ciências sociais,

[u]ma determinada atividade com pretensões ao conhecimento atinge a fase paradigmática quando para de haver debate em torno de princípios. As diversas escolas que estudam determinado conjunto de fenômenos concordam com ser o enfoque de uma delas o mais promissor. Antes desse acordo, o que existe é um debate desorganizado entre diferentes escolas, partidárias de diferentes fundamentos, baseados em diferentes ontologias e que enfocam um mal definido conjunto de problemas, cada uma a sua maneira. A certa altura, uma das escolas começa a ganhar adeptos, o que sufoca as tradições rivais. (ASSIS, 1993, p. 136).

Com relação a um possível estado pré-paradigmático na linguística, Borges Neto (1990) endossa os argumentos de Lahud, dizendo que

[n]ão é difícil arrolar alguns argumentos em favor da posição de Lahud. Em primeiro lugar, nunca houve, em toda a história da linguística, uma teoria que conseguisse – de forma clara e incontestada – a aceitação geral dos linguistas de uma certa geração. Em segundo lugar, é difícil pensar, por exemplo, no estruturalismo como um paradigma kuhniano, colocando “no mesmo saco” bloomfieldianos, sapirianos, glossemáticos, firthianos, etc. em terceiro lugar, se observarmos as várias histórias da linguística, veremos que a época do surgimento do “primeiro paradigma” muda constantemente, conforme a formação e o interesse do historiador. Para uns, o primeiro



paradigma foi o da linguística histórico-comparativa; para outros ainda, é apenas com a GGT que a linguística adquire “uma estrutura lógica, científica” (Mitsou Ronat em Chomsky 1977, p.103), ou adquire “uma perspectiva verdadeiramente científica” (Neymeyer 1980, p. 20). (BORGES NETO, 1990, p. 88).

Nas palavras do próprio Kuhn (1978, p. 72-73),

[o] período pré-paradigmático, em particular, é regularmente marcado por debates frequentes e profundos a respeito de métodos, problemas e padrões de solução legítimos – embora esses debates sirvam mais para definir escolas do que para produzir um acordo.

Em vista das dificuldades apresentadas, seria indicado, para o caso de um estudo epistemológico, procurar outro modelo que ofereça uma saída mais apropriada para o tratamento das teorias linguísticas. Uma das principais dificuldades em aplicar o conceito de paradigma, e da teoria de Kuhn de modo geral, deve-se a falta de consenso dos linguistas com relação às proposições básicas de sua prática científica, que deveriam ser compartilhadas por todos, além de não ser claro que tenham existido revoluções científicas nessa ciência, no sentido kuhniano do termo.

Apesar da necessidade de um estudo mais aprofundado com relação à aplicação do conceito de paradigma à linguística, tendo em vista as implicações que o termo carrega, a proposta não deixa de levantar algumas questões importantes. A primeira delas está em distinguir as principais formas de reflexão na linguística utilizando como critério a metodologia. A linguística não só apresenta um quadro de teorias comprometidas com a utilização de métodos científicos, como é de se presumir em uma ciência, mas mantém paralelamente uma tradição de estudos ligados a outros tipos de metodologias, que se baseiam em outros critérios de validação.

Em segundo lugar, o distanciamento entre os dois paradigmas coloca como questão a possibilidade de se estar constituindo uma nova área do conhecimento distinta da linguística propriamente. Para que postulássemos algo nesse sentido, seria necessária uma investigação muito mais embasada sobre o que de fato as teorias do paradigma humanista diferem daquelas de outras áreas e da linguística, e o que realmente poderia conferir a elas o *status*

de uma nova área do conhecimento. Se procurarmos elucidar como o paradigma humanista se constitui e como ele vem se construindo, seria possível perceber se há um movimento direcionado para uma possível busca por autonomia. Vimos que com a análise do discurso parece ser esse o caso. Em suma, a proposta dos autores torna evidente a necessidade de mais discussões em epistemologia da linguística, visto as mudanças que podem vir a ocorrer ao longo das próximas décadas e a necessidade de se refletir sobre as bases teóricas e metodológicas de uma ciência como a linguística.

Chegamos assim ao seguinte questionamento: o conceito de paradigma é realmente aplicável à linguística, levando-se em conta o fato de que os linguistas não entendem 'linguagem' da mesma forma? Isto é, mesmo que levemos em conta a incomensurabilidade das teorias, seria o caso de aplicarmos um conceito como o de paradigma para uma ciência como a linguística? A própria abordagem de Pires de Oliveira e Basso (2011) responde negativamente a essas questões; por isso, consideramos inadequada a utilização desse termo pelos autores mesmo com o acréscimo de que ele está sendo usado frouxamente.

Assumimos a proposta de Pires de Oliveira e Basso (2011), sem que com isso estejamos nos remetendo ao conceito kuhniano, isto é, entendemos por paradigma aquilo que diz respeito às comunidades de pensamento, e dessa forma nos afastamos de um conceito bastante marcado como o de paradigma e passamos a compreender as duas formas de reflexão presentes na linguística enquanto comunidades de pensamento distintas. Ao contrário do conceito rígido proposto por Kuhn, e pensado tendo em vista ciências como a física, por exemplo, utilizamos os conceitos como o de *estilo de pensamento* e o de *pensamento coletivo*, proposto por Ludwick Fleck<sup>8</sup>. Podemos entender o conceito de *estilo de pensamento* como uma forma dirigida de percepção e teorização dos fenômenos. Em sua obra mais conhecida, *The Genesis and Development of a Scientific Fact*, Fleck (1979) analisa a história da sífilis ao longo dos séculos. A história dessa doença venérea evidencia o caráter histórico e a dependência cultural da ciência ao *estilo de pensamento*

---

<sup>8</sup> A epistemologia de Fleck não será aprofundada nesse trabalho, utilizamos apenas esquematicamente alguns conceitos.

predominante em cada época. Até chegarmos à concepção atual, o conceito de sífilis encontrou diversas explicações para seu surgimento, - de explicações místico-éticas aos tratamentos com mercúrio iniciados no século XVIII. O exemplo da sífilis utilizado por Fleck nos mostra como um fato científico surge e é legitimado, e esclarece que “à medida que os estilos de pensamento são alterados ao longo da história, o próprio fato científico também assume esse caráter de transformação, acomodação e desenvolvimento, adaptando-se em cada período ao estilo dominante.” (PARREIRAS, 2006, p. 59).

O *pensamento coletivo* diz respeito aos indivíduos que compartilham mesmas ideias, conceitos e teorias, sendo a contraparte social do *estilo de pensamento*. As concepções associadas a cada pensamento coletivo se ligam aos valores e interesses sociais de um determinado período que orientam como e o que se vê, até mesmo nos resultados dos experimentos. De maneira sucinta, o conceito de *pensamento coletivo* nos mostra que as teorias são inteligíveis somente se considerado os aspectos históricos e psicológicos, isto é, se levarmos em conta os pressupostos de uma determinada comunidade de investigadores direcionados por um *estilo de pensamento* específico. (PARREIRAS, 2006). Quando falamos em comunidades de pensamento remetemos a esses conceitos, principalmente entendendo que cada tipo de reflexão em linguística é constituído por *pensamentos coletivos* distintos. Assim as comunidades de pensamento dão forma a maneiras distintas de como ver e o que se vê dos fenômenos linguísticos, porém não há a exclusão de possíveis conversas entre diferentes pensamentos coletivos, isto é, há o sentido de interação e entrecruzamento de ideias.

Na primeira parte desse trabalho desenvolvemos os seguintes pontos: 1º vimos que a linguística é uma ciência marcada pela diversidade teórica, são vários os níveis de análise e métodos que podem ser usados para descrever os fenômenos linguísticos; 2º com a proposta de paradigmas, ou *comunidades de pensamento*, podemos ter uma ideia mais detalhada de como uma ciência como a linguística se organiza e se desenvolve, quais suas principais formas de investigação; 3º essa visão geral do quadro teórico da linguística nos dá as bases para realizar a tarefa de propor um quadro teórico da semântica e posterior análise sociológica das comunidades científicas, objetivo principal dessa dissertação.

## PARTE II

### A SEMÂNTICA E OS ESTUDOS SEMÂNTICOS

#### 1. Breve história da semântica

*Uma disciplina alcança a sua maioridade quando contempla seriamente o seu próprio passado.*  
K. Koerner

A linguística ramifica-se em diversas áreas de estudos, e cada área se dedica a determinado aspecto da linguagem. A Fonética e a Fonologia “têm como objeto de estudo os sons da fala. Ou melhor dizendo, tanto a fonética quanto a fonologia investigam como os seres humanos produzem e ouvem os sons da fala” (SEARA, et al, 2011, p. 11). Já a Sintaxe “é a parte da gramática que estuda como é que combinamos palavras para formar sintagmas, como combinamos sintagmas para formar sentenças e como combinamos sentenças para formar sentenças complexas.” (MIOTO, 2009, p. 10). Ainda temos áreas como a Semântica e a Pragmática; “à Semântica cabe o estudo do significado da sentença, enquanto cabe à Pragmática o estudo do significado do falante.” (PIRES DE OLIVEIRA, et al, 2009, p. 17). Poderíamos continuar citando áreas como a Sociolinguística, que faz um ‘casamento’ entre linguística e sociologia, ou ainda, nos casos de miscigenação, a sintaxe paramétrica<sup>9</sup>, por exemplo.

A linguística não se limita a essas áreas, cada área pode se ramificar em várias subáreas, por exemplo, podemos falar em Fonética Articulatória, ou em Fonética Acústica ou ainda em Fonética Instrumental. Segundo Seide (2006, p. 12) “tal qual as demais ciências, a Linguística caracterizou-se por levantar fronteiras, pois houve uma especialização extrema, na medida em que cada disciplina, corrente ou abordagem se fecha em si mesma”, desenvolvendo seus estudos com base em diferentes metodologias e pressupostos teóricos.

---

<sup>9</sup> Outro exemplo é a questão do foco, cuja pesquisa iniciou com o funcionalismo, nos escritos de Halliday, e passou para o gerativismo e para outras abordagens hoje em dia ditas conversacionais que estão para além da distinção entre função e forma.

Nessa seção temos por objetivo apresentar um breve percurso histórico do campo de estudo da Semântica. Com isso daremos base a nossa investigação sobre as teorias semânticas no Brasil levando em conta os estudos realizados internacionalmente.

Mesmo que aparentemente seja uma tarefa simples enumerar alguns episódios históricos ou obras consideradas importantes para a especialização de uma área de estudos,

a primeira dificuldade daquele que se lança à tarefa de escrever a história da linguística é estabelecer o que deve ser incluído no escopo do termo “linguística” – e suas variantes – sem o que qualquer tentativa de historização não encontra seu(s) objeto(s) material(is) de observação e qualquer tentativa de periodização se torna inexecutável. O primeiro desafio do historiógrafo da linguística reside, pois, na explicitação dos limites do seu domínio e na enumeração dos seus objetos possíveis. (ALTMAN, 2012, p. 19).

Apesar de não pretendermos realizar um estudo historiográfico da semântica, mas apenas citar algumas obras importantes para a constituição dessa disciplina, as orientações dadas pela autora nos são úteis, pois contribuem para uma visão crítica das “introduções históricas” e da função que a historiografia da linguística muitas vezes acaba desempenhando.

A prática de fazer preceder ao problema descritivo ou teórico que se aborda seu percurso histórico, como de hábito também no Brasil (ALTMAN, 1996), desenvolve-se de forma secundária em relação a outros interesses, tomando frequentemente a forma ou de uma introdução panorâmica aos manuais de linguística geral (rever, por exemplo, SAUSSURE, 1993; JESPERSEN, 1949; BLOOMFIELD, 1933), ou de capítulo inicial às teses acadêmicas. De maneira geral, essas “introduções históricas” visam mostrar os avanços da disciplina, ou de parte da disciplina, em relação a estágios anteriores. Ou seja, muitos dos pesquisadores do século XIX, e mesmo do XX, que se dedicaram a historiar a linguística, estavam em alguma medida interessados ou na promoção de uma determinada teoria ou na manutenção do que entendiam ser a unidade essencial da disciplina como um todo. (ALTMAN, 2012, p. 15).

Não temos como objetivo indicar um percurso linear da disciplina, isto é, apresentar momentos da história da semântica como se houvesse uma

necessária relação entre as diferentes abordagens, ou ainda com vistas a promoção de uma abordagem semântica específica. É importante que esteja claro que uma seção como essa apenas se justifica na medida em que não poderíamos falar em semântica no Brasil sem antes apresentar alguns episódios e propostas teóricas feitas ao longo do tempo, atentando para o fato de que não há determinação histórica ou um progresso linear entre um momento e outro da história da disciplina.

Para realizar um estudo historiográfico, conforme Altman (2012), é preciso primeiramente delimitar o escopo da investigação. No caso da semântica, poderíamos delimitar um determinado período a ser analisado, por exemplo, poderíamos selecionar os trabalhos de Michel Bréal como o ponto inicial da investigação, e assim, deixaríamos de fora do escopo os estudos sobre o significado linguístico que remontam à Índia Antiga. Ou ainda, poderíamos restringir a investigação a uma única obra.

Para além do estabelecimento do escopo de investigação, há ainda uma série de processos e de etapas a serem realizados. O trabalho do historiógrafo está em analisar a prática científica de uma maneira holística, indo desde a análise dos fatores que motivaram o desenvolvimento de uma ciência da linguagem até o seu contexto de produção e recepção, dos processos de introdução da nova prática e de suas novas ideias, e ainda em analisar a forma como esse conhecimento foi percebido e divulgado.

Em suma, a tarefa do historiógrafo exige uma investigação documental aprofundada do período histórico selecionado.

Colocar o processo de produção do conhecimento linguístico em perspectiva histórica significa buscar, na medida do possível, uma documentação paralela ao texto publicado que nos serve de fonte, que pode incluir desde a correspondência (incluindo eletrônica) entre dois autores até anotações de leitura, notas de aula, de conferências e assim por diante. (ALTMAN, 2012, p. 22).

Novamente é importante frisar que o que apresentamos ao leitor se resume a um breve levantamento de obras que podem ser indicadas como importantes para a história da disciplina semântica, no entanto sem a devida base documental que uma investigação historiográfica exigiria. Na sequência

vamos abordar brevemente algumas obras que representam diferentes momentos da história da semântica ordenados de modo cronológico, contudo trata-se de pequenos recortes que não representam de maneira integral todos os acontecimentos importantes de sua história.

O ensaio de Michel Bréal, *Ensaio de semântica. Ciência das significações*, publicado em 1897, marca aquilo que ficou conhecido como semântica lexical histórica, ou ainda, conforme Geeraerts (2010), semântica histórico-filológica. A maior dificuldade desse período da história da semântica encontra-se em como isolar as significações linguísticas de outras atividades, ou melhor, em como estabelecer a autonomia das significações linguísticas frente às especulações filosóficas, lógicas e psicológicas. O conceito darwiniano de evolução foi muito importante para estabelecer essa autonomia na medida em que à semântica coube o estudo da evolução das significações nas línguas; essa evolução seria comandada por leis gerais, e essas leis, por sua vez, seriam extraídas a partir de observações empíricas. A perspectiva evolucionista permitiu que a semântica fosse posta ao lado tanto das ciências naturais quanto das ciências históricas. Por um lado, aplicavam-se os métodos de análise evolucionista, e por outro se realizava um trabalho de reconstrução histórica com base nos métodos comparativistas. (TAMBA, 2006, p. 15). Conforme Geeraerts (2010, p. 14) a “semântica histórico-filológica é caracterizada por dar foco ao dinamismo da linguagem, por uma concepção do significado em termos cognitivos e psicológicos e por uma metodologia interpretativa.”<sup>10</sup>

Já no século XX, em torno da década de 1930, entra em cena a semântica lexical sincrônica<sup>11</sup>. Um dos marcos do surgimento da semântica lexical de base estruturalista é a publicação de J. Trier, *Die Geschichte eines sprachlichen Feldes*<sup>12</sup>. Parte-se da dicotomia língua e fala, que define a língua

---

<sup>10</sup> “historical-philological semantics is characterized by a focus on the dynamism of language, by a cognitive, psychological conception of meaning, and by an interpretative methodology.” (Geeraerts, 2010, p. 14)

<sup>11</sup> Segundo Lopes (1995, p. 234), “ao conceber o signo linguístico como uma unidade de significante mais significado, Saussure reintroduzia a Semântica no corpo da Linguística e reativava o interesse, então adormecido, pelos estudos dessa área”.

<sup>12</sup> Nas palavras de Lopes (1995, p. 242) “o fundador da teoria dos campos de palavras, J. Trier, observou que as unidades léxicas de uma língua se deixam reunir em grupos estruturados de tal modo que cada unidade fica ali definida pelo lugar que ocupa respectivamente à posição das demais.”



como objeto da linguística, e conseqüentemente da semântica. Segundo Tamba (2006, p. 20),

[e]ssa virada teórica leva a conceber as palavras não mais como simples denominações, cujo *sentido* é tributário de conceitos ou objetos preexistentes, mas como os elementos ou *termos* de um sistema de relações lexicais, de onde eles extraem sua *significação diferencial ou valor*. (TAMBA, 2006, p. 20, grifos da autora).

Deixam-se de lado questões evolucionistas ou diacrônicas e evidenciam-se as relações sistemáticas e a organização sincrônica do léxico.

Em 1957 com a publicação de *Syntactic Structures* inicia-se um novo período nos estudos semânticos. Conforme Partee (2013, p. 2) Chomsky “sempre foi ambivalente sobre a semântica ser uma ciência e sobre a relação entre a sintaxe e a semântica”<sup>13</sup>. Dessa ambivalência resultou a exclusão da componente semântica<sup>14</sup>. Com a publicação de *Aspects of the theory of Syntax* Chomsky apresenta o modelo de análise que ficou conhecido como a “teoria-padrão”. Conforme Borges Neto (2004, p. 2), com a publicação de *Aspects*, a Gramática Gerativa passa a ter uma identidade própria.

Os mecanismos sintáticos parecem ser suficientemente poderosos para permitir a descrição adequada das estruturas linguísticas; os componentes interpretativos – semântica e fonologia – parecem adequados para que se dê conta da maior parte dos fatos linguísticos (ao menos dos fatos considerados pertinentes desde o ponto de vista com origens no EA); E as teorias auxiliares, como a teoria inatista da aquisição da linguagem, a psicolinguística e uma teoria geral dos mecanismos gerativos (Teoria Formal da Gramática) parecem dar suficiente sustentação às descrições e explicações obtidas pela GG. (BORGES NETO, 2004, p. 2).

---

<sup>13</sup> “has always been ambivalente about semantics as a science and about the relation between syntax and semantics.” (PARTEE, 2013, p.2).

<sup>14</sup> Conforme Pires de Oliveira (2001, p.31) “Chomsky, no entanto, falava sobre a sintaxe das línguas naturais. Sua posição com relação à semântica é menos clara. Se a semântica se referir a relações internas (formais) entre elementos, então ela é parte da sintaxe; em outros termos, ela é um sistema recursivo de regras. Mas se por semântica entendermos o estudo do significado em sua acepção robusta, como sinônimo de conteúdo, então Chomsky reproduz a tradição de Bloomfield e Harris de crítica ao estudo científico do significado.”



Em 1963, J. Katz e J. Fodor, ex-alunos de Chomsky, publicam *The structure of a semantic theory*, que representa um primeiro esforço em construir uma semântica no quadro da Gramática Gerativa, conhecida como Semântica interpretativa. Observa-se que

[p]or volta de 1965, houve um otimismo muito difundido sobre a hipótese de Katz-Fodor de que a interpretação semântica seria determinada por uma estrutura profunda, e a interface sintaxe-semântica foi vista como algo extremamente simples (mesmo sem se ter nenhuma boa ideia sobre a natureza da semântica.)<sup>15</sup> (PARTEE, 2013, p. 4).

Porém esse “jardim do Éden” não durou muito tempo. O famoso embate entre a Semântica gerativa, defendida por autores como Lakoff, Ross, McCawley e Postal, e a Semântica interpretativa, com nomes como Jackendoff e Chomsky, deu origem a concepções bastante diferentes sobre o significado linguístico, de um lado a Semântica gerativa “fez a estrutura profunda “mais profunda”, e tentou encontrar um nível semântico na estrutura subjacente”<sup>16</sup> (PARTEE, 2012, p. 6), e de outro a Semântica interpretativa

manteve a sintaxe perto da gramática transformacional clássica, e trabalhou em descobrir quais partes da interpretação semântica deve ser baseada na estrutura profunda, quais na estrutura de superfície, quais em outra coisa, permitindo uma relação mais heterogênea da sintaxe-semântica. (PARTEE, 2013, p. 6).<sup>17</sup>

O quadro das gramáticas formais situou sua problemática no nível das relações entre estruturas sintáticas e estruturas semânticas, deslocando o foco das semânticas anteriores que estudavam as relações que unem as palavras às coisas e ao pensamento. Outra modificação foi considerar essas relações

---

<sup>15</sup> “Around 1965, there was very widespread optimism about the Katz-Fodor hypothesis that semantic interpretation is determined by deep structure, and syntax-semantics interface was believed to be relatively straightforward (even without having any really good ideas about the nature of semantics).” (PARTEE, 2013, p. 4).

<sup>16</sup> “make the deep structures “deeper”, and try to find a semantically sound level of underlying structure” (PARTEE, 2012, p. 6)

<sup>17</sup> “kept syntax close to classical transformational grammar, and worked on figuring out which parts of semantic interpretation should be based on deep structure, which on surface structure, which on something else, allowing for a more heterogeneous syntax-semantics relationship.” (PARTEE, 2013, p. 6).

no nível frasal, entendida como unidades teóricas geradas a partir de um conjunto abstrato de regras, independentes de contexto de utilização. (TAMBA, 2006, p. 35). Com os estudos posteriores, iniciados principalmente por Partee, os significados linguísticos passam a ser modelados por sequências finitas de cálculos, isto é, adotam-se instrumentos lógicos-matemáticos como a lógica de predicados, cálculo lambda, além de conceber a semântica como o estudo das relações entre expressões gramaticais de uma língua e suas representações semânticas.

Apesar de ser uma área que apenas recentemente ganhou relevância na linguística<sup>18</sup>, a semântica possui uma longa tradição de estudos dentro da filosofia da linguagem e da lógica. Muitos filósofos e lógicos dedicaram-se a melhor compreender o fenômeno do significado linguístico. A semântica formal representa um elo entre essa tradição e a linguística propriamente. Um dos filósofos mais importantes dessa tradição foi Richard Montague.

Diferentemente da concepção chomskyana que liga a linguística como um todo à psicologia, sendo a primeira uma ramificação da última, Montague propõe que “a sintaxe, a semântica e a pragmática das línguas naturais são ramos da matemática, e não da psicologia.”<sup>19</sup> (PARTEE, 1978, p. 1). A gramática montaguiana foi introduzida na linguística por Barbara Partee. Segundo a própria autora “o objetivo de Partee era encontrar uma maneira de combinar a semântica de Montague (MG) com a gramática transformacional chomskyana (TG).”<sup>20</sup> (PARTEE, 2012, p. 7).

A semântica formal coloca a questão do significado linguístico em outro patamar de investigação. Ao contrário de Chomsky, Montague “não foi um sintaticista. Ele tinha algumas ideias interessantes sobre sintaxe, mas não era seu interesse principal. Para ele, a sintaxe foi uma base necessária para a

---

<sup>18</sup> “[...] para aqueles interessados na linguagem, a relevância da Semântica é incontestável. No entanto, até bem pouco tempo, ela era empurrada para fora dos domínios da Linguística, em especial porque não há uma teoria unificadora do significado e porque a semântica ainda mantém um forte vínculo com a Metafísica. Embora sem consenso sobre o que é o significado e como ele se relaciona ao mundo, a pesquisa em semântica explodiu nesses últimos anos, de tal modo que, hoje em dia, ninguém nega seu lugar na Linguística.” (PIRES DE OLIVERIA, 2001, p.12).

<sup>19</sup> “the syntax, semantics, and pragmatics of natural languages are branches of mathematics, not of psychology”. (PARTEE, 1978, p. 1)

<sup>20</sup> “Partee’s goal was to find a way to combine Montague’s semantics (MG) with Chomskian transformational grammar (TG).” (PARTEE, 2012, p. 7).

estrutura semântica: a sintaxe deve fornecer a estrutura relevante "parte-todo" para a composicionalidade trabalhar."<sup>21</sup> (PARTEE, 2012, p. 7).

Outro momento importante para a história da semântica é quando se publica *The relation of grammar to cognition: a synopsis* de Leonard Talmy, marcando o início de uma abordagem cognitiva ligada aos desenvolvimentos recentes da psicologia. A semântica cognitiva desse período trabalha em três grandes frentes de estudo: das expressões espaciais, que se correlacionam com as restrições perceptivas; da categorização, que se funda na noção de protótipo; e da atividade de conceitualização metafórica, que fisicaliza o pensamento abstrato (TAMBA, 2006, p. 42).

Conforme Ferrari (2011, p. 15),

[...] a LC (Linguística Cognitiva) não é a única abordagem que prioriza a semântica. Os estudos funcionalistas de diferentes matizes também o fazem, bem como a semântica formal, cujo interesse se concentra na área do significado. Ocorre, entretanto, que tais vertentes assumem (implícita ou explicitamente) uma visão objetivista do significado, baseada na semântica de condições de verdade, que identifica o significado de uma sentença às condições sob as quais esta pode ser considerada falsa ou verdadeira (relação direta entre palavra e mundo). Em direção oposta, a LC concebe o significado como construção mental, em um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais. Trata-se, portanto, de estabelecer uma semântica cognitiva, a qual sugere uma visão enciclopédica do significado linguístico, em contraste com uma visão de dicionário tradicionalmente adotada nos estudos semânticos.

A autora apresenta a semântica cognitiva como uma vertente oposta à dos estudos que ela denomina como dotados de “uma visão objetivista do significado”, que supostamente se baseiam apenas na semântica de condições de verdade.

Por fim, as teorias pragmático-enunciativas do sentido partem também do princípio da formalização do significado linguístico. Conforme Tamba (2006),

---

<sup>21</sup> “was not a syntactician. He had some interesting syntactic insights, but he had no independent interest in syntax. For him, syntax was a necessary basis for semantic structure: syntax should provide the relevant “part-whole” structure for compositionality to work”. (PARTEE, 2012, p. 7).

a pragmática lógica, os atos de fala e a semântica enunciativa são representantes do quadro das teorias pragmático-enunciativas do sentido. “Essas abordagens filosóficas e enunciativas têm em comum o fato de destacarem uma dimensão semântica decorrente da atividade linguística e não exclusivamente do sistema linguístico.” (TAMBA, 2006, p. 39).

Identificamos assim cinco diferentes períodos ou formas de investigação do significado linguístico ao longo da história da semântica. A semântica histórico-filológica, entre os anos de 1830 a 1930, liga-se a tradição dos estudos filológicos, tendo como objetivos principais o estudo da mudança dos significados das palavras, dedicando-se basicamente a um trabalho de identificação, classificação e explanação das mudanças semânticas. (GEERAERTS, 2010). A semântica estruturalista dá continuidade com as classificações das mudanças semânticas, mas nega explicações de cunho psicológico. Para essa abordagem o significado é parte integrante do sistema linguístico, e deve ser tomado apenas com relação a ele, deixando-se de lado aspectos individuais. Para os teóricos do período da semântica estruturalista, o significado faz parte da língua, enquanto sistema, e não deve estar relacionado à vida mental de um indivíduo.

Nos anos que se seguem, a partir de 1960, inicia-se uma nova fase nos estudos semânticos. Conforme Geeraerts (2010), o modelo de Katz e Fodor “é uma combinação de um método de análise estruturalista, um sistema formalista de descrição, e uma concepção mentalista de significado”<sup>22</sup> (GEERAERTS, 2010, p. 101). Segundo o autor, a proposta de Katz e Fodor coloca novas questões ao propor a descrição do significado no contexto de uma gramática formal, trazendo um renovado interesse à realidade psicológica do significado linguístico. O embate em torno do lugar da interpretação semântica levou a um completo questionamento sobre a natureza e o lugar das representações semânticas no interior da gramática gerativa. (ver BORGES NETO, 2004).

A linguística cognitiva, por sua vez, considera a linguagem como parte integrante da cognição, estando ela em interação com outros sistemas cognitivos. Para essa abordagem a semântica é tida como fenômeno primário

---

<sup>22</sup> “is a combination of a structuralist method of analysis, a formalist system of description, and a mentalist conception of meaning”. (GEERAERTS, 2010, p. 101)

de investigação. Os estudos nessa linha sintonizam com outras escolas e teorias “que se concentram no uso da linguagem e nas funções por esta desempenhadas” (SILVA, 1997, p. 63), sendo uma teoria pragmaticamente orientada, tanto teórica como metodologicamente.

Como vemos, a semântica, surgida enquanto subproduto dos estudos etimológicos e da gramática histórica, passou de uma área pouco explorada a um campo de estudos extremamente frutífero para os estudos linguísticos. (cf. ROTH, 1998).

## 2. Abordagens semânticas

*O espírito científico, fortemente armado com seu método, não existe sem a religiosidade cósmica.*  
Albert Einstein

Na seção anterior, apresentamos ao leitor um breve percurso pela história da semântica. Nesta seção iremos nos aprofundar um pouco mais na forma como diferentes abordagens semânticas lidam com o significado linguístico e como procedem em suas investigações. Ainda não estaremos tratando especificamente das teorias semânticas desenvolvidas no Brasil, o objetivo é discutir, com base no apresentado por Chierchia (2003), três principais abordagens do significado linguístico em semântica.

Primeiramente, é preciso levar em conta que não há consenso entre os semanticistas sobre os limites da semântica, isto é,

a semântica é um domínio de investigação de limites moveidços; semanticistas de diferentes escolas utilizam conceitos e jargões sem medida comum, explorando em suas análises fenômenos cujas relações não são sempre claras: em oposição à imagem integrada que a palavra ciência evoca, a semântica aparece, em suma, não como um corpo de doutrina, mas como o terreno em que se debatem problemas cujas conexões não são sempre óbvias. (ILARI, GERALDI, 2011, p. 6).

Assim como os autores mencionados, Tamba (2006) enfatiza que “se considerarmos apenas a área de investigação da semântica, não descobriremos objeto de estudo unificado nem campo de fronteiras bem delimitadas” (TAMBA, 2006, p. 11). Os estudos semânticos abrigam diferentes modos de descrição do significado linguístico, podendo tomar de empréstimo procedimentos metodológicos de diversos campos da linguística e também de outras ciências. Os objetos teóricos são construídos através do reconhecimento de entidades básicas e de relações diferentes, não tendo em vista a unificação das teorias.

Seguimos Chierchia (2003), a fim de entender melhor quais são as abordagens mais representativas da semântica<sup>23</sup>. O autor identifica três principais abordagens ao analisar a história dos estudos linguísticos contemporâneos. Cada uma delas nos dá uma dimensão mais aprofundada sobre a semântica e sobre as formas de descrição do significado linguístico. Segundo o autor “[a]s abordagens de maior sucesso que foram propostas ao longo da história podem ser agrupadas, *grosso modo*, em três famílias.” (CHIERCHIA, 2013, p. 40). São elas: a abordagem representacional, a abordagem pragmático-social e a abordagem denotacional.

Para a abordagem **representacional** ou **mentalística** “o significado é essencialmente um modo pelo qual representamos mentalmente a nós mesmos o conteúdo daquilo que se diz.” (CHIERCHIA, 2003, p. 41). O autor cita os trabalhos de Rosch (1973), em que se demonstra que a ideia que explica o significado enquanto representação mental pode ser articulada em termos de imagens mentais. Por exemplo, a palavra *ave*, está associada a uma imagem ou esquema mental de ave, tal qual uma fotografia registrada na mente. Os falantes tendem a classificar os exemplares (como o exemplo de ave) de maneira uniforme de acordo com sua prototipicidade. Daí chega-se a noção de protótipos mentais, (um canário seria mais típico do exemplar ave, se comparado a uma galinha, que por sua vez é mais típica ao protótipo de ave do que um avestruz). Supõe-se, com base nisso, que o significado de uma expressão seja a imagem mental a ela associada. (CHIERCHIA, 2003, p. 41).

Outros experimentos, como os de Shepard (1978), demonstraram ainda que ao apresentar a um indivíduo um objeto que esteja rotacionado em relação ao seu eixo natural, aquele levará mais tempo para identificar o objeto em questão. A explicação para essa espécie de *delay* com relação ao reconhecimento de um objeto se explica na medida em que o indivíduo estaria reconhecendo o objeto confrontando-o com o seu arquivo mental, e que para fazer isso ele precisa recolocá-lo mentalmente na posição correta. (CHIERCHIA, 2003, p. 41). Com base nessa descoberta, postula-se que a mente abrigaria um dispositivo gráfico interno através do qual os objetos

---

<sup>23</sup> Um ponto importante da apresentação de Chierchia é a de buscar integrar essas abordagens aproveitando o que cada uma delas tem de mais esclarecedor sobre o fenômeno da significação. Aqui nos limitamos a apresentar as características gerais de cada abordagem.



podem ser deslocados, rotacionados, etc. A questão passa a ser a de descobrir se esse aparato é diretamente responsável pela maneira como interpretamos as expressões da nossa linguagem. (CHIERCHIA, 2003, p. 41). O autor apresenta dois argumentos contra essa hipótese.

Primeiramente, as imagens mentais são particulares, isto é, para cada indivíduo pode haver uma imagem mental associada a uma expressão, e ela pode divergir da de outros indivíduos. Até mesmo um único indivíduo pode ter imagens mentais diferentes, estando em contextos diferentes. Portanto, o significado da palavra *ave* não pode ser a imagem mental de apenas um indivíduo, ela precisa ser uma coisa mais abstrata, comum e relativamente constante no tempo. (CHIERCHIA, 2003, p. 42). Outro argumento exposto por Chierchia (2003), contra uma teoria do significado como imagens mentais, refere-se a dificuldade de se entender de que forma o nosso dispositivo gráfico poderia nos ajudar na interpretação de palavras abstratas, de palavras funcionais e ainda dos sintagmas complexos.

Chierchia (2003) apresenta uma segunda variante dessa abordagem representacional ou mentalística. Esta consiste em sustentar que o significado de uma expressão reside no conceito ou pensamento que associamos a ela. (CHIERCHIA, 2003, p. 42). Basicamente coloca-se a discussão em outro plano equacionando o significado não às imagens mentais, mas aos conceitos. Ao colocar a questão nesses termos passa-se a postular a existência de algo como uma linguagem do pensamento interna a mente, ou o que é conhecido como “mentalês”<sup>24</sup>. Os conceitos são considerados como expressões do

---

<sup>24</sup> “Embora a ideia de que a língua seja um espelho do pensamento ser bastante antiga, a prática filosófica atual não nos encoraja a explorá-la. A tradição semântica em que a maioria de nós fomos educados traça as suas raízes de volta para a lógica matemática - Frege, Russel, e Tarski, que afinal, estavam principalmente interessados em matemática. Como resultado, esta tradição mostra pouco interesse nos fundamentos psicológicos da linguagem, nem muita preocupação em encontrar uma relação particularmente esclarecedora entre a semântica e a estrutura gramatical. O fardo deste livro é que a evidência psicológica e gramatical deve ser exercida sobre as questões de semântica abordadas pela filosofia da linguagem tradicional, e que esta evidência leva a uma teoria da semântica consideravelmente mais rica em ambos os aspectos formais e materiais do que as abordagens lógicas padrão.” (JACKENDOFF, 1983, p.3).

“While the idea that language mirrors thought is of great antiquity, current philosophical practice does not on the whole encourage us to explore it. The tradition of semantics in which most of us were educated traces its roots back to mathematical logic – Frege, Russel, and Tarski, after all, were primarily interested in mathematics. As a result, this tradition shows little interest in psychological foundations of language, nor much concern with finding a particularly enlightening relationship between semantics and grammatical structure. The burden of this book is that



mentalês e entender uma sentença consistiria, essencialmente, em traduzi-la para o mentalês. (CHIERCHIA, 2003, p. 42). A tarefa de uma semântica como essa será a de reconstruir a estrutura do mentalês. Para Chierchia, a hipótese de uma linguagem do pensamento é de fato interessante e fecunda para a linguística, porém ele tece um argumento contra a essa hipótese.

Em geral, não fica claro como o fato de traduzir do português para o mentalês possa nos fazer entender o que é o significado, a menos que saibamos de antemão como é feita a semântica do mentalês. Traduzir nos faz passar de uma representação à outra, o que desloca o problema de um nível (o da linguagem verbal) para outro (o da hipotética linguagem mental), não nos faz compreender como as expressões podem codificar informações sobre o ambiente, deixando escapar assim alguma coisa que parece ser um dos objetivos centrais da semântica. (CHIERCHIA, 2003, p. 43).

A segunda abordagem, chamada de **pragmático-social**, qualifica o significado como uma prática social, assimilando-o à maneira como as expressões são usadas. (CHIERCHIA, 2003, p. 43-44). Entram no escopo dessa abordagem, como o próprio nome sugere, questões referentes a pragmática, que mantem uma tênue linha de separação com relação a semântica. Para Chierchia, em alguns casos, os estudos da abordagem pragmático-social identificam de uma maneira um tanto quanto precipitada o significado ao uso. Questiona-se principalmente em que medida, ou até onde é preciso recorrer às teorias da ação e das dinâmicas sociais para explicar como interpretamos as sentenças de uma língua.

Não há dúvidas de que para conhecer o significado de uma palavra é preciso enfronhar-se na história da comunidade linguística que é a sua. Também é verdade que palavras e sintagmas podem ser usados de maneira muito diversificada, e quase sempre o são. Mas é exatamente aí que está o problema. (CHIERCHIA, 2003, p. 44).

---

psychological and grammatical evidence must be brought to bear on the issues of semantics addressed by traditional linguistic philosophy, and that this evidence leads to a theory of semantics considerably richer in both formal and substantive respects than standard logical approaches.” (JACKENDOFF, 1983, p.3)

Uma sentença como *O cachorro está no jardim*, por exemplo, pode ser usada para as mais diversas ações; pode servir para dar uma ordem, ou como um pedido de ajuda, ou ainda como um insulto. Para isso basta imaginarmos contextos que permitam essas interpretações.

É claro que há um significado único que a sentença *O cachorro está no jardim* apresenta e que esse significado, interagindo com as nossas capacidades gerais e as particularidades da situação de emissão, nos permite usá-la para executar atos distintos. Mas então não podemos identificar sem mais nem menos significado e uso: o significado é único e é determinado pela gramática; os usos são muitos e são determinados pela interação da gramática com uma multiplicidade de outros fatores de natureza extragramatical. (CHIERCHIA, 2003, p. 45).

Vamos agora fazer uma digressão e abordar brevemente a disciplina pragmática dentro da filosofia da linguagem. Assim como a semântica, a pragmática também fez parte das preocupações dos filósofos da linguagem<sup>25</sup>, e tem uma longa trajetória dentro dessa disciplina. Para Danilo Marcondes (2006, p. 220),

[é] possível distinguir duas linhas principais de desenvolvimento da pragmática na filosofia da linguagem. A primeira, que podemos denominar de **contextualista**, considera o contexto como noção central na análise pragmática, examinando as características das situações de uso que incidem diretamente na determinação do significado das expressões linguísticas. Trata-se, assim, basicamente de uma semântica acrescida da consideração do contexto quando isso é necessário para a determinação do significado de expressões linguísticas de certo tipo. A segunda assume como característica central da pragmática a concepção da linguagem como **ação** ou realização de atos. De acordo com essa concepção, “dizer é fazer”; portanto, a determinação do significado só pode ser feita a partir da consideração do ato que está sendo realizado quando essas expressões são proferidas e das regras que tornam possível a realização desses atos. Esta concepção pode ser, por sua vez, dividida em duas tendências. A primeira, representada pelo assim chamado “segundo Wittgenstein”, ou seja, o Wittgenstein das Investigações filosóficas (1999), adota

---

<sup>25</sup> “A divisão tradicional do estudo da linguagem em sintaxe, semântica e pragmática tem sua origem, contemporaneamente, no texto *Foundations of a Theory of Signs* do filósofo Charles William Morris (1901-1979), da Universidade de Chicago, publicado na *International Encyclopedia of Unified Science* (1938), da qual Morris foi um dos organizadores, juntamente com os membros do Círculo de Viena Otto Neurath e Rudolf Carnap.” (MARCONDES, 2006, p. 218).

uma concepção assistemática de tratamento da linguagem e da questão do significado. Não é possível sistematizar essa análise porque isso levaria à perda do que é mais característico da linguagem: sua diversidade, sua multiplicidade. De certa forma, Wittgenstein concorda com Carnap neste sentido: não é possível tratar o que é totalmente heterogêneo de modo teórico e sistemático; porém, não vê isso como um problema, mas exatamente como o que deve ser levado em conta quando se analisa a linguagem de um ponto de vista filosófico. Ou seja, se não é possível sistematizar a análise da linguagem, isso não vem a ser necessariamente uma dificuldade ou limitação, já que também não seria preciso para fins da elucidação filosófica. Contudo, foi Austin que introduziu o que podemos denominar “concepção performativa de linguagem”. Sua proposta de sistematização consiste em manter que a linguagem em uso pode ser tratada de modo sistemático desde que sejam adotadas as categorias adequadas para isso; ou seja, desde que a linguagem seja tratada como uma forma de ação e não apenas de representação do real ou de descrição de fatos no mundo. (MARCONDES, 2006, p. 220, negrito nosso).

A primeira linha de pesquisa diz respeito a uma concepção de pragmática como extensão da semântica, mais especificamente, às *expressões indiciais* ou *dêixis* (ver BAR-HILLEL, 1982). As expressões dêiticas dependem do contexto para ter significado, “sem o que não podem ter a sua referência determinada” (MARCONDES, 2006, p. 220-21). Uma sentença como *Ele não veio aqui ontem*, só poderá ser compreendida, segundo Marcondes, se houver a determinação da referência das palavras *ele*, *aqui*, *ontem*, “o que só pode ser feito levando-se em conta o contexto específico em que a sentença foi utilizada” (MARCONDES, 2006, p. 221). A linha de pesquisa contextualista considera, portanto, a contribuição dessas expressões linguísticas, e sua interpretação de acordo com o contexto, para estabelecer o significado das sentenças em que são empregadas.

Segundo essa concepção, a pragmática diz respeito à determinação do significado de sentenças quando isso depende basicamente do contexto, ou seja, (...), de elementos extralinguísticos. Daí se origina a visão segundo a qual contexto é a categoria dominante em uma análise pragmática. (MARCONDES, 2006, p. 221).

Já a concepção da linguagem como ação pode ser dividida entre a concepção performativa e a noção de jogo de linguagem. A primeira está

fortemente presente na linguística com a Teoria dos Atos de Fala do filósofo da linguagem John Austin<sup>26</sup>. Austin separa inicialmente as sentenças entre constataivos e performativos, isto é, entre o uso de sentenças para descrever fatos e eventos e sentenças que são usadas para realizar algo e não para descrever ou relatar. (MARCONDES, 2003, p. 27).<sup>27</sup> Os constataivos podem ser verdadeiros ou falsos em relação aos fatos que descrevem, enquanto que um performativo não pode ser verdadeiro nem falso, pois não descreve um fato, deve ser considerado como bem ou mal sucedido. Posteriormente, Austin propõe que a concepção do uso da linguagem como uma forma de agir deve ser estendida para toda a linguagem.<sup>28</sup>

Retornamos à crítica de Chierchia, que desconsidera as abordagens que associam de uma maneira um tanto quanto precipitada o significado ao uso de uma expressão linguística. O autor diz limitar-se às abordagens mais recentes, que se inspiram, sobretudo no segundo Wittgenstein. (cf. CHEIRCHIA, 2003, p. 40). O ponto central, no que se trata da abordagem pragmático-social, é distinguir o que faz parte do domínio do significado e o que é do domínio do uso de uma expressão.

De um lado, há o conhecimento do significado que a gramática associa a uma expressão (ou seja, o seu significado “literal”).

---

<sup>26</sup> “A importância da Teoria dos Atos de Fala consiste principalmente em seu modo de tratar um dilema central na filosofia da linguagem na assim chamada guinada pragmática (Habermas, 1990). Inicialmente, filósofos como Rudolf Carnap consideraram que os aspectos pragmáticos da linguagem, isto é, a linguagem tal como utilizada concretamente, enquanto comunicação, não poderiam ser objeto de uma análise filosófica. Embora exista sempre concretamente como comunicação, sendo usada em contextos particulares e para fins específicos, a linguagem só poderia ser analisada em um sentido filosófico ou científico através de sucessivos níveis de abstração, da pragmática para a semântica e da semântica para a sintaxe, ou seja, do nível do uso concreto dos falantes da língua para o nível da relação dos signos com o que significam e deste, por sua vez, para o da relação dos signos entre si. (...). A Teoria dos Atos de Fala, tal como proposta por Austin, pode ser considerada como uma tentativa de dar conta de modo sistemático dos fenômenos pragmáticos, isto é, do uso da linguagem. Austin procurou mostrar que o uso da linguagem pode ser objeto de uma análise sistemática desde que se adote os instrumentos conceituais adequados para isso, mostrando deste modo que a análise pragmática da linguagem não é, em princípio, incompatível com uma abordagem teórica.” (MARCONDES, 2003, p. 26).

<sup>27</sup> Um exemplo de sentença constativa seria *João está brincando no jardim* e de performativa *Prometo que lhe pagarei amanhã*.

<sup>28</sup> “Quando sugerimos empreender a tarefa de fazer uma lista de verbos performativos explícitos (do tipo “peço desculpas”, ou “aprovo”), encontramos algumas dificuldades para determinar se um proferimento era ou não performativo, ou pelo menos *puramente* performativo. Pareceu conveniente, portanto, voltar às questões fundamentais para considerar em quantos sentidos se pode afirmar que dizer algo é fazer algo, ou que ao dizer algo estamos fazendo algo, ou mesmo que *por* dizer fazemos algo.” (AUSTIN, 1962, p. 95).

De outro lado, há aquilo que o falante faz com esse conhecimento em situações concretas. De um lado há o significado que uma expressão tem devido ao sistema do qual faz parte; de outro, há o significado que o falante de fato lhe atribui. (CHIERCHIA, 2003, p. 242-43).

Com base nessas considerações, uma situação enunciativa<sup>29</sup> pode ser representada da seguinte maneira (CHIERCHIA, 2003, p. 234):

GRAMÁTICA	USO
Significado (em sentido estrito) (conteúdo, força, pressuposições)	ato locutivo (aquilo que é dito) ato ilocutivo (aquilo que é feito) ato perlocutivo (os efeitos obtidos)
Significado em sentido amplo	

Com essa distinção compreende-se que aspectos do significar se baseiam em propriedades de representações lógicas determinadas pela gramática, e que aspectos se baseiam em práticas e normas sociais, de caráter mais amplo. (CHIERCHIA, 2003, p. 233).

Passamos ao terceiro tipo de abordagem, que o autor chama de **denotacional**. Podemos entender que essa abordagem

se baseia na seguinte representação do que seja comunicar: uma língua é constituída por um conjunto de palavras e de regras para combiná-las. As palavras são associadas por convenção a objetos (isto é, os denotam). Em virtude dessa associação podemos empregar sequências de elementos lexicais para codificar as situações em que os objetos se encontram. (CHIERCHIA, 2003, p. 45).

---

<sup>29</sup> Uma situação enunciativa, isto é, qualquer ato linguístico envolve os níveis em questão: o ato locutivo, o ato ilocutivo e o ato perlocutivo. “O ponto de partida de um ato linguístico é o significado em sentido restrito, determinado pela gramática. Ele inclui uma caracterização do conteúdo de uma expressão, de sua força, de suas pressuposições e, em geral, de tudo aquilo que é determinado por regras especificamente linguísticas. O significado em sentido estrito é colocado em uso com a ajuda da totalidade de nossas capacidades cognitivas (percepção, estratégias inferenciais não estritamente linguísticas, etc.)” (CHIERCHIA, 2003, p. 235).

Além disso, “a função da sentença é exhibir um modo de dispor objetos e de conectá-los através de relações”. (CHIERCHIA, 2003, p. 46). As sentenças, apenas as declarativas, podem ser verdadeiras ou falsas. O que faz uma sentença ser verdadeira depende de os objetos sobre os quais se fala, de fato, se encontrem nas relações descritas. Por exemplo, a sentença *Pavarotti olha Clinton* será “verdadeira no tempo t no qual é emitida se Pavarotti estiver efetivamente na relação associada a olha com respeito a Clinton no tempo t.” (CHIERCHIA, 2003, p. 46). A questão central está em determinar as condições de verdade de uma sentença.

Aquilo que chamamos informalmente de significado de uma sentença consiste nas condições em que ela é verdadeira; estas condições dependem da referência dos termos de que a sentença é constituída. Entender o significado da sentença *Pavarotti vê Clinton* é entender em que condições é verdadeira. E, como vimos, esta sentença é verdadeira quando o indivíduo denotado pelo sujeito está na relação denotada pelo verbo com respeito ao indivíduo denotado pelo objeto direto. (CHIERCHIA, 2003, p. 47).

A abordagem representacional ou denotacional coloca a semântica e a lógica juntas. Uma das primeiras postulações parte da hipótese de que a língua é composta por um conjunto de elementos básicos (primitivos), os itens lexicais propriamente, e que a língua apresenta um conjunto de regras que permitem derivar, a partir das unidades mínimas, o significado de unidades complexas. Conforme Pires de Oliveira (2001, p. 54),

[a] análise lógica das línguas (naturais e artificiais), que, desde o trabalho de Gottlob Frege, no final do século XIX, conhece um desenvolvimento formidável, já lidava com a hipótese de que uma língua se compõe de um conjunto de elementos primitivos que podem ser combinados recursivamente a partir de um conjunto de regras, que, obviamente, também restringe certas interpretações (e combinações, no caso da sintaxe). É essa hipótese, que dizia respeito aos sistemas lógicos, que Chomsky traspõe para a reflexão sobre as línguas naturais. Só que, nesse caso, as restrições são impostas pela faculdade da linguagem, e, em última instância, pela mente humana. O que impede a interpretação em (4) (\*Ele<sub>i</sub> disse que João<sub>i</sub> saiu) não é uma restrição lógica, mas uma restrição que nos diz algo sobre o funcionamento da mente humana, porque é uma restrição da ordem da linguagem.

Os pontos fracos da abordagem denotacional, segundo Chierchia, são três: primeiro, existem expressões que tem a mesma referência, mas sua interpretação pode ser muito diferente, como, *Clinton* e *o presidente dos Estados Unidos eleito em 1992*; apesar de denotar o mesmo indivíduo os sintagmas nominais têm claramente semânticas diferentes; segundo, assim como acontece para o caso da postulação de imagens mentais, não é claro qual é a referência de palavras abstratas como *bondade*, *conhecimento*, etc, de palavras funcionais, como *o*, *por*, etc, e dos nomes de entidades míticas ou fictícias; terceiro, para sentenças não-declarativas (imperativas, interrogativas, optativas, etc), como por exemplo, *Saia daqui!* o conceito de verdade pode parecer irrelevante. Essa sentença exprime uma ordem, não fazendo sentido perguntar se é verdadeira ou falsa. Apesar disso, nós atribuímos um significado às sentenças não-declarativas, mesmo que o conceito de verdade pareça irrelevante nesses casos.

Apesar disso, para Chierchia a abordagem denotacional mostra-se mais vantajosa, pois

[n]o primeiro caso (abordagem representacional), estamos tentando relacionar as línguas naturais a algo cujas propriedades não conhecemos, pois não sabemos como se configuram a sintaxe e semântica da linguagem mental. No segundo caso, por outro lado, sabemos melhor o que procurar, porque sabemos como é que uma lógica precisa configurar-se. (CHIERCHIA, 2003, p. 49).

Cada abordagem oferece um modo de lidar com o significado linguístico. Resumidamente, para a abordagem representacional, que se consolidou recentemente, sobretudo entre os psicólogos e os pesquisadores da inteligência artificial, o significado é aquilo que captamos mentalmente quando usamos uma expressão. Por outro lado, a abordagem pragmático-social, subordina o significado de um sistema de expressões às convenções sociais que o governam. Por fim, a abordagem denotacional define o significado em termos de verdade e referência. (CHIERCHIA, 2003, p. 40).

Na primeira seção desse capítulo, levantamos algumas obras importantes para a história da área de estudos da semântica, e nesta seção, traçamos as principais abordagens do significado linguístico com o intuito de entender melhor a forma como as diferentes abordagens constroem seus



objetos teóricos. A partir desse ponto, nos voltamos para os estudos semânticos desenvolvidos no Brasil, exclusivamente.



### 3. Os estudos semânticos no Brasil

*O que faz a singularidade das teorias não é, como se pensa às vezes, o objeto de que tratam; são antes seus pressupostos (ou seja, as crenças que a teoria assume sem explicitá-las) e os métodos usados para chegar aos objetivos visados.*

Rodolfo Ilari

Nessa seção utilizamos como principal referência o artigo de Pires de Oliveira (1999) *Uma história de delimitações teóricas: Trinta anos de Semântica no Brasil*. Em linhas gerais o artigo visa lançar luz sobre a história dos modelos<sup>30</sup> semânticos no Brasil e propõe um quadro de teorias semânticas, desenvolvidas até o fim da década de 1990. Defende ainda que a pluralidade de teorias ou modelos pode ser explicada quando analisados os debates (e embates) entre as diferentes teorias<sup>31</sup>. A década de 1970 marca o início dos estudos linguísticos no Brasil nascidos a partir da institucionalização da Linguística em 1968, com fundação da ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística).

Para Altman (1998) é possível classificar três vertentes teóricas na semântica: a semiótica, a semântica argumentativa e a semântica formal ou linguística. A primeira delas tem como base teórica a semântica analítica de Pottier, desenvolvida no Brasil por Cidmar Pais, e a semântica estrutural de Greimas, cujo representante brasileiro foi Ignácio Assis Silva. A segunda vertente tem como nome principal Carlos Vogt, e delineou-se a partir do contato entre Vogt e Ducrot, e dos vários cursos ministrados pelo último na Unicamp. A terceira vertente, de cunho científico, se deu em torno das proposições de Chomsky, Katz e Fodor, Lakoff e Jackendoff. Com relação a essa classificação proposta por Altman, Pires de Oliveira (1999) aponta que

[u]ma retrospectiva dos artigos, debates e teses dos primeiros vinte anos de semântica mostra que as tendências delineadas por Altman são orientações teóricas que nortearam a análise

---

<sup>30</sup> “Cumprir dizer que, ao longo deste artigo, o termo ‘modelo’ é usado de maneira quase informal, como sinônimo de orientação teórica.” (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p. 293).

<sup>31</sup> As questões debatidas no artigo *Uma história de delimitações teóricas...* são de extrema importância para o nosso trabalho, portanto, vamos seguir de perto o exposto pela autora.

do significado. Antes, porém, de enfrentar a questão de como se deram estas delimitações, é preciso acrescentar que há pelo menos uma orientação que não é explicitamente mencionada por Altman, ao menos enquanto tendência de análise semântica, mas que, assim nos parece, está presente desde a fundação da linguística. Trata-se do que chamaremos de abordagem funcional do significado. (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p. 296).

Pires de Oliveira (1999) identifica, para além das três vertentes apresentadas por Altman (1998), a tendência funcional. De início não havia confronto explícito entre os estudos formalistas e os estudos funcionalistas, suas diferenças eram mais facilmente percebidas como complementares.

Após concluir o levantamento dos trabalhos desenvolvidos nas primeiras décadas de linguística no Brasil<sup>32</sup>, assim como, com base no exposto por Altman (1998), Pires de Oliveira (1999) chega ao seguinte quadro (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p. 297):

	1968	1974	1977
Filologia	Fundação da Linguística		
Lexicografia		Semiótica	
			Semântica Argumentativa
			Semântica Formal
			Funcionalismo

TABELA 1: OS PRIMEIROS VINTE ANOS DE SEMÂNTICA NO BRASIL.

Segundo Pires de Oliveira (1999), a inauguração dos estudos semióticos no Brasil pode ser identificada com a publicação do artigo de Pais em 1974. A semântica formal, que surge na linguística fortemente ligada a abordagem gerativa/formal, e tem autonomia própria dentro dos estudos lógicos-filosóficos. Um estudo nessa vertente pode ser exemplificado pela tese de Kato, defendida na PUCSP em 1972 e publicada em 1974. A semântica argumentativa tem

<sup>32</sup> “Nossa análise baseou-se nas seguintes referências: Altman (1998), Marcuschi (1998), Banco de Dados de teses do CNPq, Banco de Dados CAPES, Banco de Dados de Grupos de Estudo do CNPq, artigos publicados em: RBL (Revista Brasileira de Linguística - São Paulo), D.E.L.T.A., CEL (Cadernos de Estudos Linguísticos, Unicamp), Anais do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, GEL, ALFA, Letras (PUCCAMP), Estudos (Universidade Federal da Bahia, Salvador), Letras de hoje (Porto Alegre), Revista Letras (Universidade Federal do Paraná).” (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p. 292). Com relação às teses consultadas “restringimos nossa pesquisa às teses produzidas em: Unicamp, USP, PUCRS, PUCSP, UFSC, UFPR, UFRS.” (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p. 291).

como marco a publicação da tese de Carlos Vogt em 1977. Por fim, a abordagem funcional seria ainda não claramente um modelo semântico, mas uma maneira de descrever o significado, difusamente presente na linguística. (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p. 297).

A semiótica é a primeira a se definir porque seu estabelecimento é concomitante à instituição da própria linguística em sua oposição a filologia. (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p. 297). A semiótica representa o que seria o estruturalismo “científico” por rechaçar as análises filológicas por conta da falta de padrões científicos empregados. Porém, é importante perceber, como indica Pires de Oliveira, que a semiótica irá se contrapor a própria linguística em sua luta por autonomia, e não propriamente a outros modelos de descrição do significado.

A semântica argumentativa, por seu lado, nasce da crítica à semântica formal, mais precisamente, começa a se delinear a partir dos trabalhos de Ducrot (1972).

Já a semântica formal,

floresce com o crescimento do gerativismo e por suas próprias pernas, repetindo um movimento internacional – a análise formal do significado nas línguas naturais nasce sob a influência da tese de Chomsky de que as línguas naturais podem ser descritas como sistemas formais, mas, graças à própria tradição lógico-filosófica descendente de Gottlob Frege, e que conta entre tantos outros com o trabalho de Richard Montague, ela ganha autonomia da sintaxe chomskiana. (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p. 297-98).

Novamente verificamos que há tradições diferentes nos estudos formais, uma que se liga ao formalismo chomskyano, e outra ligada a uma tradição fora da linguística, isto é, aos estudos lógico-filosóficos.

A autora aponta ainda que nos primeiros anos não havia uma oposição clara entre os estudos formais e os estudos funcionais.

A introdução da sociolinguística - que vem substituir a dialetologia - e o fim da semântica gerativa, que tem como um de seus efeitos o surgimento da semântica cognitiva, estão na base da leitura de confronto que oporá a abordagem formal e uma certa vertente funcional, em especial a semântica cognitiva. (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p. 298).

Após nova análise, Pires de Oliveira (1999, p. 298) propõe um novo quadro:

Década de 80 e 90

Semiótica <sup>33</sup>	Semântica argumentativa	Semântica formal	Funcionalismo
Estrutural Pragmática		Extensional Intensional	Semântica cognitiva Funcional

TABELA 2 – O QUADRO ATUAL DE SEMÂNTICAS NO BRASIL

A semântica argumentativa é o único dos modelos que não tem divisões internas, enquanto que os demais modelos apresentam várias tendências. A semiótica divide-se entre estudos mais estruturais ou mais pragmáticos. A semântica formal teria orientações tão diversas quanto a semântica extensional e a intensional. Já o funcionalismo teria ao menos uma polarização entre versões mais fortes e versões mais fracas, para umas a sintaxe simplesmente não tem lugar (versões fortes), enquanto para outras é possível falar de um condicionamento mútuo entre as diferentes instâncias.<sup>34</sup>

Para explicar de que forma se deram as delimitações teóricas dos modelos em questão a autora apresenta dois caso-estudo, o primeiro envolve o debate entre Eduardo Guimarães e Rodolfo Ilari, e o segundo refere-se a diferença entre formalismo e funcionalismo. Pires de Oliveira (1999) pretende demonstrar que as delimitações teóricas são recorrentemente realizadas através da constituição de um modelo-inimigo, isto é, constroem-se “inimigos-fantasmas” que deverão ser derrotados pelas “teorias-mocinhos.”

Na década de 1970, a semântica da linguagem natural e as análises lógico-formais estavam integradas e consolidadas. (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p. 302). Porém, ao longo do período começam a haver dissidências,

<sup>33</sup> “Incluimos a semiótica porque seus adeptos definem suas pesquisas pelo termo ‘semântica’, mas Altman parece estar correta ao afirmar sua autonomia da linguística.” (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p. 299).

<sup>34</sup> A autora cita as seguintes pesquisas como exemplos de cada modelo: “A pesquisa de Hardarik Blühdorn é em semiótica; o autor explicita sua posição teórica nas linhas de pesquisa ao se filiar à semiótica geral. José Borges Neto e Ana Lúcia de P. Müller representam a vertente formal, e nos seus descritores encontramos a palavra ‘lógica’; Eduardo R. Guimarães e Mônica Zoppi-Fontana incluem nos descritores o termo ‘enunciação’, o que os filia à semântica argumentativa; finalmente, Valéria Coelho Chiavegatto e Margarida Salomão explicitamente colocam-se como funcionalistas e se filiam à semântica cognitiva.” (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p. 298).

entre elas a de Osvald Ducrot, que propõe, nos seminários ministrados no IEL, uma nova forma de abordar as pressuposições, então extensamente discutidas no modelo formalista. A semântica argumentativa começa a ganhar espaço através da crítica às análises formalistas.

Buscava-se mostrar que conjunções como *e*, *mas*, *não só... mas também*, ... não têm o mesmo conteúdo semântico. Não podemos, este era o argumento dos adeptos da semântica argumentativa, substituir *e* por *mas*, como preconiza a semântica formal sem alterarmos o significado das sentenças. (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p. 302).

Guimarães (1985) defende a inadequação da abordagem lógico-formal para a análise de operadores como *e* e *não só...mas também* por esta considerar os termos equivalentes entre si. Essa posição tornaria impossível a explicitação das diferenças de sentido entre os operadores. Guimarães (1985) propõe então o aumento do léxico, de modo a incluir as diferenças produzidas pelos operadores em questão negando a via de descrição da composicionalidade. Já Ilari (1987),

não explora, contudo, uma leitura de oposição. Ao contrário, ele utiliza, em sua análise, a descrição do *mas* proposta pela semântica argumentativa; o que nos fala da possibilidade de compatibilizar estas abordagens e da presença, ao menos até certo momento da história da semântica no Brasil, de uma vontade de compatibilização. (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p. 305).

Conforme Pires de Oliveira (1999) a semântica argumentativa afirma, em um movimento retórico para eleger um inimigo a ser combatido, que a semântica formal estaria atrelada a uma visão informacional e representacional da linguagem, que, por sua vez, estaria atada à noção de composicionalidade. Nesse sentido, a delimitação teórica da semântica argumentativa se fundamenta na sua oposição direta ao conceito de composicionalidade, crucial para a abordagem lógico-formal. Com isso, “(d)esvencilhando-se da semântica formal, a semântica argumentativa se aproxima da análise textual, da análise de discurso de origem francesa e também de uma certa pragmática.” (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p. 306).

O segundo caso-estudo refere-se a oposição entre funcionalismo e formalismo. Os anos de 1970 também foi palco de mais um debate importante na história dos estudos semânticos no Brasil, com consequências importantíssimas na forma de se fazer linguística ainda hoje.

A diferença entre forma e função começa a ser entendida como oposição, não tanto por algum tipo de necessidade teórica ou metodológica, mas pela necessidade de se criar um modelo particular de análise, e para isso uma estratégia eficiente é erguer inimigos. Novamente a estratégia do 'modelo-inimigo' estaria sendo posta em ação. Dessa vez será a semântica cognitiva, fruto do embate entre Semântica interpretativa e da extinta Semântica gerativa, que irá levantar a bandeira contra a semântica formal e a sintaxe gerativa chomskyana.

Nos anos de 1980 a 1990 a oposição forma e função já está estabelecida; o surgimento da semântica cognitiva marca esse processo de institucionalização que separa formas distintas, e para alguns, incompatíveis de se teorizar sobre a linguagem. Um dos pontos é a oposição radical que a semântica cognitiva mantém com relação à análise formal, alegando que esta não seria capaz de explicar os fenômenos da linguagem natural. Para Lakoff, a abordagem formal ignora a centralidade da metáfora, ou melhor, nesta abordagem a metáfora não teria espaço, seria apenas um desvio marginal. Outro ponto de oposição tem relação com a noção tradicional de categoria que, para os cognitivistas, estaria equivocada, pois não encontra respaldo nas pesquisas realizadas em psicologia.

A oposição transforma-se em alguns momentos em disputa, "ela toma a feição de uma oposição "fatal"" (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p. 310). A abordagem formal e a abordagem funcional não seriam apenas opostas, como é uma delas que pretende ter a explicação total da linguagem. Esse posicionamento evidencia novamente a estratégia de criação de um inimigo a ser combatido. Desse embate vemos de que forma se deu a delimitação teórica do que hoje conhecemos como semântica cognitiva.

Conciliados ou inimigos, o funcionalismo e o formalismo estão definitivamente presentes na linguística contemporânea. A partir da década de 80 não é mais possível definir a abordagem funcionalista do significado apenas negativamente, como

“aquilo que não é nem semântica formal, nem argumentativa, nem semiótica”, porque o surgimento da semântica cognitiva define os contornos de uma semântica propriamente funcionalista. (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p. 312).

O quadro proposto por Pires de Oliveira (1999) é esclarecedor até certo ponto da história da semântica e contribui para traçarmos as linhas gerais de investigação do significado linguístico. Porém para podermos propor um quadro atual, precisamos saber se há novas abordagens sendo desenvolvidas no país, posteriores a publicação de *Uma história de delimitações teóricas...*

O livro *Semântica, semânticas*, organizado por Celso Ferrarezi Junior e Renato Basso (2013), nos oferece indícios de abordagens semânticas que se desenvolvem hoje. Este livro apresenta um total de nove capítulos, cada um deles intitulado com o que seria uma teoria ou vertentes de teoria semântica diferente. São elas: semântica argumentativa, semântica cognitiva, semântica computacional, semântica cultural, semântica da enunciação, semântica de protótipos, semântica e psicolinguística experimental, semântica formal e semântica lexical<sup>35</sup>.

Cada capítulo foi redigido por um pesquisador da área convidado a responder às seguintes questões: o que é a semântica? O que a semântica estuda? Como estudar um fenômeno usando a semântica? Poderia me dar um exemplo? Quais são as grandes linhas de investigação? O que eu poderia ler para saber mais?

As questões que colocamos com relação a esse quadro/classificação são: quais os critérios utilizados para a composição dessa classificação, isto é, devemos entender que cada capítulo indica teorias diferentes com base em que? E essa classificação representa realmente as pesquisas realizadas hoje? Há indicações de grupos de pesquisa atuantes filiados a essas teorias?

Com relação ao primeiro ponto, não encontramos facilmente uma resposta, na introdução poucas informações são dadas a respeito da forma como o livro foi organização. Em um trecho da introdução lemos o seguinte:

---

<sup>35</sup> São mencionadas várias abordagens além das já apresentadas por Pires de Oliveira (1999). Ao fim da seção iremos comparar o quadro apresentado pela autora e a nossa leitura do quadro apresentado por Ferrarezi e Basso (2013).



O leitor não encontrará aqui uma história das várias Semânticas. Antes, nossa opção foi a de reunir textos de diferentes pesquisadores brasileiros (e “diferente”, aqui, não se presta apenas a identificar os autores como indivíduos biológicos distintos, mas como pesquisadores que fazem coisas realmente muito diferentes na pesquisa linguística) que trabalham nas mais diversas formas de buscar explicações para a questão do significado linguístico. Fizemos isso com o objetivo de mostrar, a quem estiver interessado e de uma forma bastante acessível, o que são, o que fazem e como o fazem cada uma das *teorias* aqui representadas. O intuito é, primordialmente, mostrar que, quando falamos em “Semântica”, podemos estar falando de coisas muito distintas entre si. Mas, além disso, é levar o leitor a notar o quanto de trabalho ainda há por ser feito, apresentando, mais do que a informação da diversidade, um leque de opções para quem tem curiosidade sobre a questão da significação ou, ainda, para quem queira trabalhar com o estudo do significado nas/das línguas naturais em qualquer uma dessas linhas. As áreas aqui cobertas não são todas as possíveis e isso por conta de simples razões factuais: no Brasil (e, talvez, em nenhum lugar) não se praticam, sistemática e permanentemente, todas as formas de Semântica existentes. Além disso, algumas estão ainda em sua “infância”, o que dificulta encaixá-las no quadro mais tradicional que compõe um *handbook* como este. Ainda assim, o conjunto de abordagens apresentadas nos capítulos que se seguem serve para dar uma boa ideia, uma noção bastante consistente da dimensão do campo de estudos e de sua vivacidade. (FERRAREZI, BASSO, 2013, p. 15, grifo nosso).

Não há informações sobre a forma como foram escolhidas as teorias apresentadas no livro, e nem o que motivou o convite aos pesquisadores. Fica claro que o objetivo é mostrar as diferentes abordagens do significado linguístico, o que é extremamente válido, porém, não se tem uma preocupação maior em mostrar ao leitor o que embasa a classificação apresentada. De uma perspectiva teórica, há certa confusão entre o que temos como teorias, e por outro lado, o que são abordagens ou ainda vertentes de uma teoria. Todas são colocadas lado a lado, e mesmo para aqueles que tenham apenas “curiosidade sobre a questão do significado” poderá parecer que no cenário atual há uma variedade imensa de maneiras de se teorizar sobre o significado, levando a enxergar diferenças no lugar em que encontraríamos apenas formas de aplicação ou vertentes de uma mesma teoria.

Dessa forma, para a primeira questão que levantamos, o que concluímos é que não há, diferentemente do proposto por Pires de Oliveira (1999), uma preocupação maior na delimitação teórica do quadro apresentado.



Não são dados critérios para a classificação proposta, ficando a cargo de cada pesquisador, autor do capítulo, definir o que é a teoria.

O primeiro capítulo trata da **semântica argumentativa**. Conforme Barbisan (2013, p. 19), “a semântica argumentativa foi criada na França, na École des Hautes Études en Sciences de Paris por Oswald Ducrot, inicialmente em conjunto com Jean-Claude Anscombre, e continuada atualmente por Ducrot com a colaboração de Marion Carel, no mesmo centro de pesquisas francês.” Quanto aos fundamentos teóricos da teoria a autora aponta que

[a] Semântica Argumentativa ou Teoria da Argumentação na Língua estuda o sentido construído pelo linguístico. É, por isso, uma Semântica Linguística. Pretende mostrar que é possível explicar o significado do signo sem fazer intervir o extralinguístico, ou seja, sem fazer intervir um domínio diferente do domínio da língua. Não se trata, pois, de estudar a relação entre o sentido de uma palavra e a informação que a palavra dá sobre a realidade extralinguística, nem sobre uma realidade psicológica, nem sobre condições de verdade. Mas, na Semântica Argumentativa, há outra escolha: seu objeto de estudo é o sentido linguístico que se produz, não na língua, mas no discurso, ou seja, no emprego da língua. [...]. Em síntese, é do modo de explicar o sentido essencialmente pela noção de relação que decorrem o objeto de estudo e as características da teoria: a de ser uma semântica, porque vai em busca da explicação do sentido; a de ser uma semântica linguística, porque explica o sentido construído pela relação entre palavras, enunciados, discursos; a de ser uma semântica linguística do discurso, isto é, do emprego da língua, não da palavra ou da frase isoladas; a de ser uma teoria explicativa do sentido do discurso, sempre olhando a linguagem a partir das bases epistemológicas que a sustentam. (BARBISAN, 2013, p. 21-22).

A autora apresenta uma teoria com um objeto específico, que utiliza conceitos como o de *argumentação interna* e de *argumentação externa* na análise de enunciados, etc. Com relação aos grupos de pesquisa, não há menção a pesquisas feitas no Brasil, assim como não vemos indicações bibliográficas de autores brasileiros, apenas de obras traduzidas do francês. No geral, o capítulo tenta formar um quadro da teoria tendo como referência principal Ducrot, e os desenvolvimentos recentes da teoria propostos por ele, junto com Marion Carel.

Passamos agora ao segundo capítulo, vejamos como Lenz (2013) apresenta a **semântica cognitiva**.

O primeiro passo dado pela autora é apontar para o fato de que existe uma tradição nos estudos linguísticos que entende que a linguagem é essencialmente literal, e a linguagem figurada somente encontrada em textos literários. Seguindo os passos de *Metaphors We Live by*, a autora argumenta que “a metáfora não é apenas um modo de fazer poesia ou um recurso de retórica, mas faz parte da forma como pensamos e raciocinamos.” (LENZ, 2013, p. 32). Portanto, a semântica cognitiva estaria seguindo a contramão da Linguística, da Lógica e da Filosofia, que veem a semântica enquanto “o estudo do sentido literal”.

Conforme a autora,

[o] movimento, que se transformou na área denominada Linguística Cognitiva no final dos anos 1980, iniciou ainda na década de 1970, quando os estudiosos interessados nessa relação entre linguagem e pensamento, essencialmente semanticistas gerativistas, começaram a discordar das tendências vigentes na época, dominadas principalmente pela Linguística Gerativa, de explicar os padrões linguísticos por meio de apelos às propriedades estruturais internas e específicas da língua (Kremmer, 2012). [...]. A nova área surgiu, portanto, em franca oposição às ideais chomskyanas de que o significado é periférico ao estudo da língua porque as estruturas linguísticas são governadas por princípios essencialmente independentes do significado. [...], na visão da Linguística Cognitiva, as estruturas linguísticas têm a função de expressar significados, portanto, os mapeamentos entre forma e significado são o principal objeto da análise linguística. Em outras palavras, o significado, e não a sintaxe, é o elemento central dos estudos linguísticos, sendo este um dos pressupostos mais importantes da área, compartilhado pelas várias abordagens. (LENZ, 2013, p. 35-36).

A *Linguística Cognitiva* divide-se em duas linhas de estudo, a Gramática Cognitiva e a Semântica Cognitiva. As metodologias utilizadas nesses estudos são basicamente quatro: “a introspecção linguística, na qual inclui a metodologia de pensamento analítico (entendido como manipulação sistemática de ideias, abstração, comparação e raciocínio), a análise audiovideográfica, a análise de corpus e o método experimental.” (LENZ, 2013, p. 42). Com relação aos estudos produzidos no país a autora cita 8 grupos de

pesquisa, são eles: Gramática e Cognição; Grupo de Estudos de Indeterminação e Metáfora; Gelp – Grupo de Estudos sobre Linguagem e Pensamento; INCOGNITO – Interfaces Linguagem, Cognição e Cultura; Processamento Cognitivo da Língua Materna e da Língua Estrangeira; Cultura e Semântica Cognitiva; NES – Núcleo de Estudos em Semântica Lexical e Indeterminação e Metáfora no Discurso.<sup>36</sup> Além disso, nas referências são indicados vários trabalhos de pesquisadores brasileiros, dentre os quais Feltes (2003), Ferrari (2010), etc, e um vasto material em inglês.

O terceiro capítulo aborda a **semântica computacional** subárea da *Linguística Computacional*. Essa abordagem semântica “seria a combinação de uma subárea da Linguística (neste caso, a Semântica) com a Computação.” (PAGANI, 2013, p. 57). Conforme esclarece Pagani (2013, p. 59),

[d]o ponto de vista semântico, é preciso escolher algum fenômeno (ou um grupo de fenômenos) e uma teoria que forneça alguma concepção sobre ele. Normalmente, não é necessário que o semanticista computacional execute diretamente nenhuma pesquisa empírica ou teórica em Semântica (esse é o trabalho do semanticista), ainda que os resultados da implementação computacional sejam um bom campo de teste para explicações e teorias, e também ofereçam a possibilidade de inspirar soluções explicativas e teóricas [...]. Do ponto de vista computacional, por sua vez, também é preciso escolher alguma perspectiva a ser adotada. Aqui, preferimos subdividir o campo em três áreas: a do modelamento, a da aplicação e a da computabilidade.

A semântica computacional não tem como principal objetivo desenvolver pesquisas semânticas, seria antes um modo de testar teorias semânticas em uma implementação computacional. Portanto, deve ser considerada como uma maneira de testar hipóteses semânticas, e não como uma teoria propriamente. Com relação a indicação de estudos nessa abordagem, o autor aponta que há pouca referência em português, e não são citados grupos de pesquisa.

---

<sup>36</sup> Segue os líderes dos grupos respectivamente: Profa. Maria Margarida Salomão (UFJF); Profa. Mara Zanotto (PUC-SP); Profas. Paula Lenz Costa Lima (UECE) e Ana Cristina Pelosi (UFC); Profa. Heliana Mello (UFMG) e Prof. Tommaso Raso (UFMG); Profa. Márcia Cristina Zimmer (UCPEL); Profa. Heloísa Pedroso de Moraes Feltes (UCS); Prof. Heronides Moura (UFSC) e Profa. Solange Coelho Vereza (UFF).

Passamos agora a **semântica cultural**. Ferrarezi (2013) define a Semântica Cultural (SC) como

uma vertente da Semântica que estuda a relação entre os sentidos atribuídos às palavras ou demais expressões de uma língua e a cultura em que essa mesma língua está inserida. De forma mais simplificada, podemos dizer que a SC estuda a formação e a atribuição dos sentidos na relação entre uma língua e a cultura em que essa língua é utilizada. (FERRAREZI, 2013, p. 72).

Essa abordagem tem como um de seus principais objetivos lançar luz sobre a relação (considerada indissociável) entre o pensamento, a cultura já estabelecida e a língua que se fala, isto é, pretende estudar “esse complexo processo de interinfluência e como ele interfere na construção dos sentidos que atribuímos às palavras e demais construções da língua em nosso dia a dia.” (FERRAREZI, 2013, p. 75). Com relação a metodologia, as análises buscam reconstruir o sentido atribuído a uma expressão com base em uma série de procedimentos. Em uma etapa do processo, por exemplo, podem-se analisar os aspectos discursivos e elocutivos envolvidos na atribuição de um sentido específico a uma palavra ou expressão.

Conforme Ferrarezi,

[o]s procedimentos (...), obviamente, são realizados levando-se em conta toda a complexa construção cultural de que o falante participa, toda a complexidade que envolve o fazer linguístico em nosso dia a dia. Isso torna os estudos em SC, ao mesmo tempo, fascinantes e incrivelmente complexos. Muitas vezes, a complexidade que a abordagem exige demanda um tempo enorme de estudos para a consecução de uma única resposta. Mas essa resposta virá balizada por um conjunto de elementos muito mais envolventes do fato linguístico, muito mais elucidativos do que apenas uma análise gramatical ou lógica de uma palavra ou expressão qualquer. (FERRAREZI, 2013, p. 78).

Há indicações bibliográficas de estudos feitos no Brasil, a maioria deles desenvolvidos pelo próprio autor do capítulo, e por Fabíola Ocampo. Outras indicações são de obras em inglês, como *Cultural Semantics* de Martin Jay. Não há indicações de grupos de estudos.

Flores (2013) inicia o capítulo sobre a **semântica da enunciação** apontando para a complexidade do termo *enunciação*. Conforme o autor, podemos situar a semântica da enunciação dentro da *Linguística da Enunciação*, esta reúne autores como Roman Jakobson, Claude Hagège, Algirdas Greimas, Gustave Guillaume e Oswald Ducrot. Flores (2013) esclarece que ao falarmos sobre as teorias desenvolvidas por cada um desses autores, estamos nos remetendo a diferentes *teorias da enunciação* e ao falarmos no conjunto dessas teorias nos remetemos a Linguística da Enunciação. O autor esclarece ainda que

[a] *Semântica da Enunciação* estuda a *enunciação*. O problema é que *enunciação* é algo distinto para cada autor. Não há unanimidade; há no máximo, pontos de aproximação. Isso quer dizer que, quando queremos fazer uma análise enunciativa, temos de nos vincular a uma das *Teorias da Enunciação* para poder fazer uma *Semântica da Enunciação*. (FLORES, 2013, p. 96).

Nas indicações bibliográficas o autor faz referência a vários trabalhos em português, porém não é mencionada a ocorrência de grupos de estudos. Faz-se referência também às obras de Benveniste.

A **semântica de protótipos** apesar de compartilhar muitos dos princípios da Semântica Cognitiva difere desta em especial por colocar no centro de investigação as categorias prototípicas e os graus de prototipicidade. Rosch, um dos principais nomes dessa abordagem, introduz uma nova agenda de investigação ao propor um *continuum* entre essas categorias, que resultará em duas tendências diferentes de estudos dentro da semântica de protótipos.

Com relação a metodologia de análise “a semântica de protótipos dedica-se à análise empírica de dados linguísticos, coletados de *corpora* variados, orais e/ou escritos, e recortados de acordo com o tipo de interesse da pesquisa.” (MARTINS, 2013, p. 111). Outro ponto importante é o caráter interdisciplinar dessa abordagem, de um lado, há trabalhos ligados a Lexicologia, Lexicografia e a Semântica Cognitiva, e de outro, mantem um diálogo com a Linguística Textual, a Análise da Conversação e até mesmo com a Análise Crítica do Discurso e as Ciências Sociais.

Na bibliografia são indicados vários estudos em português, incluindo trabalhos de Koch, Neves, Marcuschi, Salomão e Castilho. São dadas referências em inglês como Geeraerts, Rosch e Taylor e Lakoff.

O próximo capítulo trata da **semântica e psicolinguística experimental**. Claramente, não é possível falar aqui em teoria semântica, mas da relação entre a psicolinguística experimental e a semântica, isto é, da maneira como os instrumentais da psicolinguística podem ser aplicados a diferentes teorias semânticas. Com relação a metodologia em psicolinguística Cunha Lima (2013) aponta que está é

uma ciência basicamente experimental, que usa métodos quantitativos para explorar o processamento da língua. Em geral, mede-se a diferença entre um comportamento e outro. Essa medida pode ser o tempo que a pessoa leva para processar um estímulo (uma palavra, uma oração), a quantidade de erros ao responder uma pergunta sobre o que ela processou, quanto ela lembra do que processou depois de um tempo. As medidas, para serem confiáveis, têm que ser muito precisas e precisam ser repetidas. (CUNHA LIMA, 2013, p. 123-24).

Um dos pontos importantes da relação entre a psicolinguística experimental e a semântica é que a primeira indicaria “uma espécie de conjunto de restrições ou limitações a que modelos abstratos deveriam obedecer se querem realmente descrever o funcionamento da língua humana.” (CUNHA LIMA, 2013, p. 122). O psicolinguista está interessado em testar a plausibilidade cognitiva dos modelos linguísticos, e entende que “os modelos precisam se ajustar àquilo que a mente humana é capaz de fazer e àquilo que sabemos que ela realmente faz.” (CUNHA LIMA, 2013, p. 122).

São indicados grupos de pesquisa em algumas universidades como UFMG, PUC-RJ, UFRJ, UFJF, UFPB, UFSC, PUC-RS e UNICAMP, sem menção aos nomes dos grupos ou dos pesquisadores envolvidos. São citados também importantes periódicos para a área como *Journal of Language and Cognitive Process*, *Journal of Memory and Language* e *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*.

No capítulo sobre a **semântica formal**, Basso (2013) esclarece que esta “é uma ciência mais nova, cuja forma atual tem cerca de cinquenta anos e cujas características definidoras são encontradas também na Filosofia e na

Lógica”. (BASSO, 2013, p.135). Conforme o autor, haveria três principais ideias por trás das reflexões em semântica formal: “(a) a língua é um sistema regado; (b) a interpretação das mensagens linguísticas é referencial; (c) o sistema linguístico é composicional.” (BASSO, 2013, p. 136).

Outra noção fundamental nessa abordagem é a ideia de “condições de verdade”. A ideia é que “as condições de verdade nos permitem relacionar sentenças a entidades extralinguísticas através do conceito de verdade: saber interpretar, em seu nível mais básico, é saber atribuir condições de verdade.” (BASSO, 2013, p. 136). Em seus estudos, a semântica formal lança mão de uma metalinguagem lógico-matemática que possibilita “enxergar o que está além dos fenômenos que estamos imediatamente descrevendo, revelando padrões antes invisíveis”, além de ter caráter preditivo e heurístico. (BASSO, 2013, p. 138)”.

Em suma,

[a] Semântica Formal é uma teoria sobre um certo tipo de conhecimento que nos fornece, através de uma metalinguagem lógico-matemática que atende ao princípio de composicionalidade, uma maneira sistemática de relacionar a língua a uma realidade extralinguística por meio da ideia de condições de verdade, e assim explicar nosso conhecimento semântico. (BASSO, 2013, p. 140).

Nas indicações bibliográficas há referências importantes em português como os livros introdutórios de Pires de Oliveira (2001), a compilação *Semântica Formal*, de Müller, Negrão e Foltran (2003), entre outros. Não há indicação de grupos de pesquisa. São citados alguns estudos em inglês de autores como Davidson, Heim, Kneale e Chierchia.

Por fim, Wachowicz (2013) apresenta a **semântica lexical**. Esse tipo de abordagem estuda “o significado da palavra e sua relação com outros níveis linguísticos – outras palavras e sentenças.” (WACHOWICZ, 2013, p. 153). Alguns dos fenômenos de interesse são a antonímia, a hiperonímia e a mereonímia. Além disso, são analisadas as relações de significado entre sentenças como aqueles resultantes de acarretamentos e pressuposições. Atualmente, o alvo das investigações concentra-se em fenômenos gramaticais



“que se relacionam à sintaxe da sentença, com forte relação com motivações cognitivas à estruturação da informação lexical.” (WACHOWICZ, 2013, p. 155).

Importante frisar que podemos ter diferentes pontos de vista com relação ao estudo semântico do léxico, pois não se trata de uma teoria semântica, mas de uma área de estudos com diferentes abordagens, e com interesses bem distintos. Como aponta a autora, temos ao menos três diferentes tendências de estudos, uma que segue o ponto de vista aspectual, outra o temático e outra ainda o conceitual. A primeira delas liga-se a nomes como o de Vendler (1967), Dowty (1979), Pustejovsky (1991), de um lado, e de outro, nos estudos focados na relação entre aspecto lexical e gramatical, são indicados nomes como Castilho (2002), Comrie (1976), etc. A tendência que estuda os papéis temáticos tem como nome principal Dowty (1991). Por fim, os estudos de primitivos conceituais do léxico verbal é representado por Levin (1993), Levin e Rappaport Hovav (2005) e Rappaport Hovav (2008). Como sugestões de leitura são indicados vários estudos do português brasileiro realizados sob as mais diversas perspectivas teóricas. Não se faz menção a grupos de pesquisa. Também há várias indicações de estudos em inglês.

Como podemos observar, não são todas as abordagens apresentadas que podem ser consideradas teorias. Primeiramente, vejamos o quadro abaixo:

Linguística (tradição formal)	Linguística Cognitiva	Linguística Enunciativa	
Semântica formal	Semântica cognitiva	Semânticas da enunciação	Semântica cultural

TABELA 3 - QUADRO DE TEORIAS SEMÂNTICAS A PARTIR DA LEITURA DE BASSO, FERRAREZI (2013).

Na nossa análise, das nove teorias ou vertentes de teorias apresentadas em *Semântica*, *semânticas* apenas quatro são consideradas teorias propriamente. A semântica formal, a semântica cognitiva, as semânticas da enunciação e a semântica cultural são representantes do quadro atual de teorias desenvolvidas no país. Cada uma propõe uma maneira própria de



descrever o significado linguístico, partindo de pressupostos teóricos e de métodos distintos.

As outras abordagens não entram no quadro, a semântica computacional é claramente um instrumento para avaliar teorias, e não apresenta um modelo próprio de investigação do significado linguístico, o mesmo ocorre para o caso da psicolinguística experimental. Quanto a semântica de protótipos e a semântica argumentativa, consideramos que ambas são vertentes de teorias, no primeiro caso da semântica cognitiva, e no segundo da semântica da enunciação. Finalmente, a semântica lexical não é considerada uma teoria, pois é antes uma área de estudos, investigada por diferentes abordagens, sejam elas formais ou funcionais.

Agora, vejamos a comparação do quadro anterior com o apresentado por Pires de Oliveira (1999).

Década de 1980 a 1990	Semiótica	Semântica formal	Semântica argumentativa	Funcionalismo	
Década de 1990 a 2010		Semântica formal	Semânticas da enunciação	Semântica cognitiva	Semântica cultural

TABELA 4: COMPARAÇÃO ENTRE PIRES DE OLIVEIRA (1999) E BASSO, FERRAREZI (2013).

Na primeira linha temos as teorias apresentadas por Pires de Oliveira (1999) que compreendem os estudos desenvolvidos entre 1980 e 1990. Na segunda linha, estão as teorias semânticas desenvolvidas atualmente. É possível perceber, na comparação entre os dois períodos, algumas modificações no quadro de teorias. A semiótica deixa de figurar entre os estudos semânticos. A semântica argumentativa era a única representante da semântica da enunciação, até 1999, hoje precisamos falar em semânticas da enunciação, visto o crescimento de estudos dentro desse tipo de abordagem. O funcionalismo, ao longo das últimas décadas se consolidou no cenário acadêmico, a semântica cognitiva, por exemplo, vem sendo bastante produtiva. Por fim, a semântica formal manteve-se presente ao longo do período, indicando que há um interesse permanente nesse tipo de abordagem. Temos apenas uma nova integrante, a semântica cultural. É importante levar em conta

que se trata de uma teoria ainda muito recente, sendo necessário acompanhar o seu desenvolvimento.

### PARTE III

## UM QUADRO ATUAL DAS TEORIAS SEMÂNTICAS DESENVOLVIDAS NO BRASIL E A SEMÂNTICA FORMAL

### 1. Metodologia

Nossa pesquisa é de cunho qualitativo<sup>37</sup> e tem por objetivos propor um quadro atual das propostas teóricas para o estudo da significação desenvolvidas no país, e uma análise mais detalhada da semântica formal, como um primeiro passo para uma compreensão mais geral da forma como o significado linguístico é estudado no Brasil e como as diferentes comunidades científicas se organizam.

Na seção anterior apresentamos um possível quadro de teorias com base na leitura crítica de *Semântica, semânticas* e da comparação com o quadro de Pires de Oliveira (1999). Porém precisamos dar novos subsídios a esse quadro para torná-lo de fato representativo da pesquisa em semântica.

Foram realizadas duas coletas de dados, a primeira delas teve por objetivo encontrar dados que comprovassem a existência de grupos de pesquisa filiados as teorias semânticas. A coleta foi realizada através do levantamento de grupos de pesquisa cadastrados na base de dados do CNPq, principal fomentador de pesquisa e de desenvolvimento tecnológico do país. Utilizamos como palavra-chave a entrada “semântica”<sup>38</sup>, restringindo a busca à grande área de “Linguística, Letras e Artes”. Com base nessa coleta podemos comprovar, ainda que superficialmente, a existência de grupos de pesquisa ligados às teorias do quadro proposto.

---

<sup>37</sup> De uma perspectiva científica, podemos entender por pesquisa qualitativa aquela que “não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise dos dados; seu foco de interesse é amplo e parte de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos. Dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. Nas pesquisas qualitativas, é frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir, daí situe sua interpretação dos fenômenos estudados.” (NEVES, 1996, p. 1).

<sup>38</sup> Conforme pontua o professor Atílio Butturi Júnior, em banca de defesa, na análise do discurso faz-se uma contraposição entre “semântica” e “sentido”. O termo “semântica” muitas vezes já se aproxima de uma atividade formal, dessa forma, deve-se levar em conta essa distinção em uma próxima investigação. Ao utilizarmos a entrada “sentido” poderemos mapear teorias ligadas à comunidade de pensamento humanista.

A segunda coleta de dados foi realizada para dar conta de questões relacionadas às comunidades científicas. Conforme colocamos no início de nossa pesquisa, desenvolvemos uma investigação de cunho sociológico, que tem por objetivo contribuir para a compreensão de como determinada comunidade científica se organiza, quais são os principais pressupostos teóricos que fundamentam essa prática científica e como se dá a relação de uma comunidade com outra. Como um primeiro passo para a compreensão dessas questões selecionamos um grupo específico dentro dos grupos indicados pelo quadro de teorias. Das quatro abordagens semânticas selecionamos a comunidade de semanticistas formais para realizar essa análise sociológica. Aplicamos questionários a dois grupos de pesquisadores, primeiro ao grupo selecionado, isto é, aos semanticistas formais, e segundo ao grupo que incluía semanticistas de outras abordagens, sem especificação entre elas. Todos os pesquisadores foram convidados a responder as mesmas questões sobre a semântica formal. Em torno das respostas fornecidas pelos semanticistas avaliamos mais detalhadamente a forma como tanto os semanticistas formais quanto os semanticistas de outras abordagens veem a semântica formal, e mais do que isso, como se organiza a comunidade de semanticistas formais, quais proposições são comuns entre os pesquisadores e como é a relação entre essas comunidades.

O trabalho se voltou para o aspecto sociológico e busca apontar para a forma como as comunidades científicas se organizam e a forma como encaram a própria prática científica que realizam cotidianamente.

## 2. Quadro das teorias semânticas

*Toda grande caminhada começa com um simples passo.*

Siddartha Gautama

Nessa seção iremos abordar com mais detalhes o quadro das teorias semânticas desenvolvidas no país. Em seguida analisamos os grupos de pesquisa cadastrados no CNPq que foram levantados através da busca pela palavra “semântica”. Vejamos primeiramente o quadro abaixo:

COMUNIDADE DE PENSAMENTO CIENTÍFICO		COMUNIDADE DE PENSAMENTO HUMANISTA	
Linguística (tradição formal)	Linguística Cognitiva	Linguística Enunciativa	
Semântica formal	Semântica cognitiva	Semânticas da enunciação	Semântica cultural

TABELA 4: QUADRO GERAL DAS TEORIAS SEMÂNTICAS DESENVOLVIDAS NO PAÍS

Levando em conta as discussões em torno do conceito de paradigma, vimos que a linguística abriga duas formas distintas de reflexão sobre a linguagem ou duas *comunidades de pensamento*. Essas duas formas deixam claro que há uma divergência fundamental com relação às metodologias utilizadas. São duas comunidades de pensamento distintas no sentido de constituírem duas formas diferentes de investigar a linguagem, embasadas por pensamentos coletivos distintos, e principalmente por uma metodologia diferente. Isso é o que observamos também na semântica, há uma distinção entre teorias semânticas científicas e humanistas. De modo geral, as teorias semânticas que podem ser enquadradas na comunidade de pensamento científico compartilham uma visão de como investigar a linguagem que considera ser possível aplicarmos metodologias científicas para elucidar os fenômenos do significado linguístico. As semânticas que entram na comunidade de pensamento humanista, por seu lado, compartilham uma

mesma perspectiva ao entender que os fenômenos linguísticos não podem ser explicados totalmente por meio de metodologias científicas, há algo que escapa a esse tipo de investigação, daí a necessidade de considerar outros aspectos para o entendimento mais profundo dos fenômenos investigados. A comunidade de pensamento humanista pode se desdobrar em outras tantas abordagens desde que possamos identificar propostas teóricas sobre a significação. Até o momento, o quadro é composto apenas pelas semânticas enunciativas e pela semântica cultural, mas é possível que um estudo mais detalhado possa indicar outras propostas.

Basicamente, o que observamos é que as teorias da comunidade de pensamento humanista não utilizam uma metodologia científica, mas se valem de metodologias que lidam com eventos particulares. As semânticas da enunciação e a semântica cultural são exemplos dessa perspectiva, elas propõem interpretações sobre os significados linguísticos utilizando procedimentos de análises próprios a uma abordagem interpretativa dos fenômenos linguísticos<sup>39</sup>. Por outro lado, as teorias semânticas da comunidade de pensamento científico estão comprometidas com uma metodologia científica.

Contudo precisamos saber se o quadro é representativo da atual pesquisa em semântica. Para tanto realizamos uma consulta ao diretório de grupos de pesquisa do CNPq.<sup>40</sup> O objetivo era investigar quais são os grupos cadastrados que desenvolvem pesquisa em semântica, e a que tipo de teoria semântica se relacionam. Para realizar esse levantamento procedemos às seguintes etapas: 1) na página de consulta parametrizada utilizamos como palavra-chave “semântica”. 2) adicionamos o filtro que seleciona apenas grupos de determinada área do conhecimento, e então restringimos a busca para “linguística, letras e artes”. 3) tivemos como resultado 71 registros<sup>41</sup>, desse total, 19 grupos filiavam-se a alguma teoria semântica por apresentarem na descrição do grupo algum indicativo que remetia a uma teoria semântica, algumas vezes claramente como, por exemplo, “análise e explicação de

---

<sup>39</sup> A semântica argumentativa entra no conjunto de semânticas da enunciação.

<sup>40</sup> [http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta\\_parametrizada.jsf](http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf)

<sup>41</sup> Busca realizada em 01/08/2015.

fenômenos do português brasileiro sob a ótica da semântica formal das línguas naturais”.

O quantitativo dos grupos de pesquisa indica que dos 19 grupos de pesquisa ligados às teorias semânticas do quadro, oito filiam-se à semântica formal, seis à semântica cognitiva, quatro às semânticas da enunciação e um grupo filiado à semântica cultural. (Ver anexo I)

O levantamento dos grupos de pesquisas nos deu um indicativo daquilo que vem sendo desenvolvido nas universidades. Apesar de não ser uma análise conclusiva, por fazer uma varredura apenas superficial, confirmamos que há pesquisas sendo desenvolvidas pelas quatro teorias semânticas. A semântica formal foi a que mais se destacou em números, seguida da semântica cognitiva, das semânticas enunciativas e por fim da semântica cultura, com um grupo cadastrado.

O nosso quadro se aproxima, portanto, do já proposto por Pires de Oliveira (1999). Passados quase vinte anos as teorias apontadas pela autora ainda se destacam em nosso cenário acadêmico. A diferença que pode ser observada é que hoje o cenário está mais consolidado, especialmente para o caso de teorias como a semântica cognitiva, que teve um crescimento bastante acentuado de pesquisas, e as semânticas enunciativas, que não estão mais limitadas a um tipo de abordagem, como era com a semântica argumentativa.

### 3. A semântica formal pelos semanticistas

*Penso que a humanidade alcançou tal volume de conhecimento que estamos sobre os ombros de muitas gerações, e estamos tão especializados que não cabe eleger um só método de pesquisa e uma só teoria para dar conta de tudo.*  
Informante 2

A semântica formal tem uma forte ligação com a lógica e mantém no Brasil uma longa tradição de estudos passando ao longo dos anos a ocupar um lugar de respeito na pesquisa nacional em linguística, e hoje se insere na pesquisa internacional “participando assim desse amplo projeto que é compreendermos a capacidade humana de interpretar qualquer sentença de sua língua” (BORGES NETO, et ali, 2012, p.14).

Na seção anterior, confirmamos a presença de grupos de pesquisa filiados às teorias semânticas. Nessa seção propomos uma reflexão abordando alguns aspectos da prática científica dos semanticistas formais, a partir de uma perspectiva sociológica. A análise qualitativa dos dados coletados por meio de questionários enviados ao grupo de semanticistas formais, e aos semanticistas de outras abordagens, visa apresentar uma primeira abordagem sociológica de uma comunidade científica, sendo apenas o início do projeto mais específico que é propor a análise sociológica das teorias semânticas que se desenvolvem no país.<sup>42</sup>

O questionário tinha por objetivo incitar os pesquisadores a responder questões de caráter aberto, isto é, questões que não restringiam o pesquisador a uma resposta única. Por conta disso, houve uma grande variedade nas respostas, revelando posições diversas entre os semanticistas.

De modo geral, o questionário buscou desenvolver as seguintes questões: i) como a teoria semântica se organiza pelo aspecto sociológico; ii) há entre os pesquisadores consenso com relação as proposições básicas sobre a teoria a qual se filiam; iii) como os pesquisadores veem as pesquisas na área, que questões estariam impulsionando esses estudos; iv) que sorte de questões não fariam parte ou não estariam sob o escopo da teoria e porque; v)

---

<sup>42</sup> Nas considerações finais apontaremos as limitações de nossa pesquisa, especificamente no que se refere a formulação das questões e a aplicação dos questionários.



como os pesquisadores entendem sua prática científica, estariam as teorias competindo entre elas, ou não.

Com relação a aplicação dos questionários, é importante deixar claro que: 1) o contato com os pesquisadores foi realizado apenas via troca de e-mails, e a colaboração para a pesquisa se deu de forma totalmente espontânea. 2) não vamos expor os nomes dos pesquisadores que colaboraram com a pesquisa. 3) a reprodução das respostas dos questionários será feita somente dos pesquisadores que permitiram sua publicação.<sup>43</sup>

Com relação ao quantitativo de questionários, que formam nossa base de dados, tivemos a seguinte relação: enviamos no total 29 e-mails para pesquisadores cujos nomes estão relacionados à semântica formal, ou por estarem desenvolvendo pesquisas ou por terem formação na área. Desse total tivemos a colaboração de 11 pesquisadores.

Para que a investigação fosse realizada levando em conta a relação de uma comunidade com as outras comunidades que se dedicam a estudar o mesmo objeto, procuramos saber o que os pesquisadores de outras abordagens pensam a respeito da semântica formal. Assim, enviamos o mesmo questionário aplicado aos semanticistas formais para 34 pesquisadores que estão desenvolvendo estudos em outras abordagens. Recebemos retorno de apenas 3 pesquisadores, um número muito baixo de informantes, o que acabou limitando a reflexão sobre a relação entre diferentes comunidades.

Os questionários com as respostas completas estão nos Anexos V e VI. Abaixo iremos dispor sucintamente nossa interpretação das respostas dos entrevistados. Vamos tratar cada uma das cinco questões enviadas aos pesquisadores separadamente a fim de tecer alguns comentários ao fim de cada quadro. Primeiramente trataremos das respostas dos semanticistas formais, e em seguida dos outros pesquisadores.

<b>Questão 1:</b> O que você entende por semântica formal? Você se considera um semanticista formal?	
Informante 1	Qualquer tipo de semântica que proponha representar as características de sentido das expressões da linguagem-objeto mediante uma <i>metalinguagem</i> suficientemente <i>explícita</i> . O

---

<sup>43</sup> O informante 1 do grupo de semanticistas formais não permitiu a reprodução de suas respostas.

	pesquisador não se considera inteiramente um semanticista formal.
Informante 2	Ciência empírica que busca explicitar como se dá a atribuição de significados às expressões das línguas. Tem compromisso com o formalismo e vale-se de <i>linguagens formais</i> para oferecer um modelo rigoroso e com tal <i>explicitude</i> que promova a compreensão pública de sua proposta e permita a sua refutação. Não respondeu se se considera um semanticista formal.
Informante 3	É possível entender a semântica formal contemporânea de duas formas. De um lado, é a busca por explicações de fenômenos gramaticais através do uso de noções como ‘referência’ e ‘denotação’. De outro lado, pode-se entender o escopo da semântica como o estudo do papel composicional das expressões para o significado da oração. Há várias “semânticas formais” feitas hoje, e embora tenham compromissos epistemológicos distintos em alguns graus todas elas se utilizam de <i>linguagens lógicas</i> , pretendem explicar a contribuição composicional das expressões, e usam as noções de ‘verdade’ e de ‘referência’. O pesquisador se considera um semanticista formal.
Informante 4	A semântica que procura <i>relações lógico-matemáticas</i> para explicar fatos da língua, especialmente com relação ao significado de sentenças. O pesquisador acredita estar em uma interface semântica formal e lexical.
Informante 5	Num sentido mais amplo, a semântica formal não é aquela teoria que necessariamente apresenta uma formalização, um algoritmo, para a descrição das expressões linguísticas em questão, mas que trabalha tendo como perspectiva (ainda que não imediata) a descrição do funcionamento dessas expressões da maneira mais formalizada possível. Num sentido ainda mais amplo, a semântica formal é a investigação do significado da linguagem humana a partir de uma abordagem puramente introspectiva e com base em uma tradição filosófica da linguagem, na linha daquilo que mais ou menos se convencionou tratar de filosofia da linguagem, dentro de uma tradição iniciada mais recentemente por Gottlob Frege.
Informante 6	Enquanto semântica, a semântica formal na Linguística pode ser entendida como o ramo de análise linguística que estuda a parte da significação normalmente chamada de significado literal. O pesquisador se considera um semanticista formal, porém não está preocupado com observação, descrição ou explicação de algum fenômeno específico, considera-se antes um teórico.
Informante 7	A construção de <i>modelos lógico-matemáticos</i> para questões envolvendo o significado. O pesquisador se considera um semanticista formal
Informante 8	Podemos entender que é a semântica que descreve os dados utilizando uma <i>metalinguagem formal</i> , independente de assumirmos que as línguas são efetivamente um cálculo. Entendendo que na sua versão atual a semântica formal das línguas naturais não tem um compromisso com a proposta gerativa, isto é, a centralidade da sintaxe, que havia quando Partee fez seu doutorado, orientada por Richard Motague e Noam Chomsky. O pesquisador se considera um semanticista formal, com especial interesse em cálculo e lógica.

Informante 9	Entende semântica formal como uma teoria, ou um modelo, para representar, através de uma <i>metalinguagem explícita e articulada</i> , o significado expresso pelas línguas naturais. Faz semântica formal, mas também tem outros interesses.
Informante 10	Entende por semântica formal o estudo do significado das sentenças das línguas naturais de uma perspectiva verifuncional, que considera que o significado das sentenças é representado por suas condições de verdade. Essa perspectiva procura explicar como cada parte de uma sentença contribui para o seu significado (abordagem composicional) e explicitar o significado de um <i>modo formal</i> , lógico sem ambiguidades. O pesquisador se considera um semanticista formal.
Informante 11	A semântica formal é pensar numa relação linguagem x mundo. A semântica formal não circunscreve o significado na mente dos falantes, mas na sua relação com o mundo ou mundos possíveis. O pesquisador trabalha na interface semântica sintaxe.

(1) A questão 1 tinha por objetivos avaliar os seguintes pontos:

- a) Identificar se há consenso quanto à prática científica da semântica formal, ou melhor, o que define a semântica formal em termos teóricos e metodológicos.
- b) Perceber se há tendências metodológicas e teóricas diferentes entre os semanticistas formais.
- c) Observar se os semanticistas se consideram semanticistas formais, e se inscrevem suas pesquisas dentro dessa abordagem.

De modo geral, observamos certos pontos que se repetem nas respostas. Com relação ao primeiro item, podemos identificar que há de fato consenso entre os semanticistas, especialmente no que se refere a metodologia. O uso de uma metalinguagem formal que seja o mais explícita possível é um dos pontos em que há pleno consenso. Os termos recorrentes são entre outros “metalinguagem suficientemente explícita”, “línguas formais”, “línguas lógicas”, “metalinguagem formal”. A semântica formal, portanto, pode ser entendida como uma teoria sobre significado linguístico que propõe representar as expressões da linguagem-objeto por meio de uma metalinguagem explícita. Os modelos construídos para explicar questões do significado devem ser explícitos o bastante para que possam ser refutados pela comunidade científica.

Com relação a possíveis tendências, de modo geral observamos que os semanticistas podem ter diferentes compromissos epistemológicos, alguns trabalham em uma linha mais ligada ao gerativismo, já outros desenvolvem pesquisas em uma linha mais ligada à lógica. Há pesquisas sendo trabalhadas em várias interfaces. O último ponto nos mostra exatamente isso, alguns semanticistas manifestam seus interesses ao especificar sua linha teórica. Assim temos diferentes posições: o informante 4 acredita trabalhar em uma interface semântica formal e lexical, o informante 6 pontua ser mais um teórico do que propriamente um semanticista formal, o informante 8 enfatiza seu interesse por cálculo e lógica, o informante 1 não se considera inteiramente um semanticista formal, o informante 11 diz trabalhar na interface semântica/sintaxe.

<b>Questão 2:</b> Para você quem são os expoentes dessa abordagem?	
Informante 1	Não cita nomes, porém recomenda recorrer a publicações dos trabalhos apresentados nos <i>Workshops on Formal Linguistics</i> .
Informante 2	Angelika Kratzer, Barbara Partee, Cris Kennedy, Emmon Bach, Gennaro Chierchia, Godehard Link, Irene Heim, Jenny Doetjes, Manfred Krifka.
Informante 3	No Brasil: Roberta Pires de Oliveira, Ana Müller, Marcelo Ferreira, Renato Basso, Luiz Arthur Pagani. No exterior: Irene Hein, Barbara Partee, Angelika Kratzer, Gregory Carlson, Gennaro Chierchia, Christopher Kennedy, David Dowty, Roger Schwarzschild, Sigrid Beck, Armin von Stechow, Paul Portner, Susan Rothstein.
Informante 4	No Brasil: Roberta Pires de Oliveira e Ana Müller. No exterior: Bárbara Partee e Angelika Kratzer.
Informante 5	No Brasil: Rodolfo Ilari e Borges Neto. No exterior: referências clássicas como Frege, Russel, Husserl, Tarski e Montague. Posteriormente, na linguística, Hans Reichenbach, Zeno Vendler, Barbara Partee e David Dowty.
Informante 6	No Brasil: Rodolfo Ilari, Ana Müller, Roberta Pires de Oliveira, Borges Neto, Sérgio Menuzzi, Esmeralda Negrão, Renato Basso, Luisandro Mendes, Marcos Goldnadel, Ana Paula Quadros Gomes. No exterior: Montague. Na linguística Barbara Partee, Emmon Bach, Godehard Link, Angelika Kratzer, Irene Heim, Hans Kamp.
Informante 7	Angelika Kratzer, Gennaro Chierchia e Irene Heim.
Informante 8	No Brasil: Ana Müller, Márcia Cançado. No exterior: Montague, Barbara Partee, Donald Davidson, David Lewis, Gregory Carlson, Susan Rothstein, Angelika Kratzer, Irene Heim, Fred Landman, Gennaro Chierchia.
Informante 9	Frege, Russel, Montague, Barbara Partee, David Dowty, Emmon Bach, David Lewis, David Kaplan, Donald Davidson. Atualmente, Irene Heim, Angelika Kratzer, P. Elbourne, K. van Fintel, Gennaro

	Chierchia.
Informante 10	No Brasil: Ana Müller, Roberta Pires de Oliveria. No exterior: Barbara Partee, Angelika Kratzer, Irene Heim, Lisa Matthewson.
Informante 11	No Brasil: Ana Müller, Roberta Pires de Oliveira, Ilari, Marcelo Barra. No exterior: Russel, Frege, Lewis, Montague, Carlson, Chierchia.

(2) Os pontos a serem avaliados com essa questão eram:

- a) Poder relatar filiações ou um núcleo de referência comum entre os pesquisadores
- b) Avaliar se há indicações de pesquisadores reconhecidos no país, e se a partir disso seria possível delinear claramente a existência de uma comunidade científica estabelecida.

Como podemos observar, é possível visualizar um quadro de referências de pesquisadores, tanto no exterior quanto no Brasil. As filiações, no que se refere à pesquisa fora do Brasil, estão ligadas evidentemente a nomes como o de Barbara Partee. Além dela, são citados outros nomes importantes como o de Angelika Kratzer, Irene Heim e Gennaro Chierchia. Já no Brasil os nomes mais citados foram o de Roberta Pires de Oliveira, Ana Müller e o de Rodolfo Ilari. Dessa forma, é possível reconhecer que há um núcleo de referências comum entre os semanticistas entrevistados, o que indica a existência de uma comunidade bem estabelecida.

Essa é uma das questões mais relevante para a presente análise sociológica, pois ela nos fornece indícios claros da existência de uma comunidade de semanticistas formais no Brasil e evidência o que podemos chamar de um mapeamento genealógico da semântica formal. Estabelecer as linhas de filiação de uma teoria significa desvelar mais profundamente a estrutura da comunidade científica pela identificação dos pesquisadores que estão no *círculo esotérico*<sup>44</sup> dessa ciência, ou seja, o grupo detentor do saber especializado, o centro irradiador de novas ideias. Preliminarmente, e apenas

---

<sup>44</sup> O conceito de círculo esotérico foi proposto por Fleck, tanto o círculo esotérico, composto pelos especialistas gerais e do expert, quanto o círculo exotérico, constituído pelos não especialistas, com formação geral em determinada ciência, são partes constituintes de qualquer *pensamento coletivo*. (PARREIRAS, 2006)

como indício, podemos relacionar os nomes mais citados (Roberta Pires de Oliveira, Ana Müller e Rodolfo Ilari) como o dos pesquisadores pertencentes ao círculo esotérico da semântica formal no Brasil.

<b>Questão 3:</b> Quais questões impulsionam a pesquisa em semântica formal atual? Há questões que são evitadas ou postas de lado? Quais são elas? Por que são evitadas?	
Informante 1	Nominais nus, quantificação em geral. As questões que são postas de lado são aquelas que dizem respeito ao uso que se faz da linguagem em situações concretas: retórica e pragmática.
Informante 2	Universais e parâmetros, devido os novos dados de línguas ameríndias e africanas. Distinção massivo-contável. Os epistêmicos e modalizadores. Quantificadores e determinantes. Não acredita que existam questões evitadas, os interesses seriam ditados tanto por fatores internos à teoria quanto externos. Não haveria uma conduta consciente para evitar questões.
Informante 3	Semântica dos nomes e sintagmas nominais, adjetivos, seus graus e relações de significado, a semântica do verbo e do sintagma verbal, intencionalidade, quantificação, deixis e anáfora, pressuposição, relações de interface com o léxico, com a morfologia, com a sintaxe, com a pragmática. No Brasil, pesquisas em torno da denotação dos nomes, principalmente do chamado 'singular nu' e de aspectos do verbo e do sintagma verbal. Ainda, pesquisas sobre adjetivos e gradação. Há temas que não são discutidos no Brasil, um dos motivos é o pouco número de pesquisadores e interesse pessoal dos próprios semanticistas. O informante solicita uma especificação maior do que se quer com a questão.
Informante 4	Não respondeu.
Informante 5	Trabalhos envolvendo níveis de significação para além do significado-composicional (por exemplo, nível das implicaturas), construção de significado (sentido?) num contexto, tem sido cada vez mais comuns. A descrição da significação de algumas expressões, como advérbios e quantificadores "não-lógicos" avançou bastante. A semântica formal se caracteriza por "pôr de lado" os níveis da significação para além do significado "literal": implicaturas, atos de fala, co-texto, contexto.
Informante 6	Trabalhos sobre advérbios, quantificadores, sintagma nominal e verbal, modalidade. Recentemente com a semântica dinâmica, explicações sobre as anáforas, dêixis e até mesmo implicaturas. Não existiram questões postas de lado propositalmente. Determinado recurso descritivo ou explicativo é explorado de modo a se saber seu potencial e seus limites, a forma mais comum é aplicar o recurso ao maior número de casos empíricos, começando com os mais evidentes e fáceis. Alguns fenômenos empíricos são mais compulsivamente estudados, enquanto outros são menos lembrados.
Informante 7	Papel do contexto na especificação do significado, semântica comparativa envolvendo línguas pouco estudadas. Não há questões sendo postas de lado atualmente de modo consciente.



Informante 8	Movimento forte em direção as línguas não documentadas ou mal documentadas; muitos experimentos buscando-se entender a relação com a cognição; movimento de interdisciplinariedade. As semânticas dinâmicas colocam uma nova forma de fazer semântica. Ainda há debates sobre contagem, números, medidas e a relação com a massa. As implicaturas convencionais e as pressuposições. O conhecimento enciclopédico está fora do campo de interesse, especificamente os fenômenos de implicatura estão fora da alçada da semântica formal.
Informante 9	Não há questões evitadas, apenas questões que aguardam um desenvolvimento melhor da metalinguagem. Há questões que não cabem nas explicações e análise da teoria em questão, observar isso é sinal de maturidade, pois demonstra que sabemos seus limites.
Informante 10	Uma questão que impulsiona os estudos é a existência de universais semânticos; análise de línguas não indo-europeias buscando-se encontrar generalizações. Muitos trabalhos em línguas indígenas, o que confere a teoria um potencial científico maior, já que ela se constrói considerando uma grande variedade de dados. Algumas questões como a intenção ou comprometimento do falante ou informações mais contextuais foram deixadas de lado. Atualmente há estudos que exploram temas como 'modalidade' e 'evidencialidade'.
Informante 11	Muito interesse em torno de eventos, determinantes, quantificadores, marcações de número e de tempo. Menos trabalhos sobre dêixis e anáforas. Não sabe indicar questões evitadas e se houver os motivos.

(3) Os objetivos que tínhamos com a questão eram:

- a) Saber qual o foco das pesquisas realizadas atualmente, que tipos de fenômenos estão sendo mais estudados, ou ainda, quais as pesquisas que mais mobilizam recursos hoje.
- b) Como os pesquisadores veem a teoria, isto é, eles assumem que há uma delimitação consciente de questões que podem ser tratadas pela teoria, ou não.
- c) Se houver uma delimitação consciente daquilo que pode ou não ser abordado pela teoria, quais motivos levam a essa restrição?

Essa questão levantou alguns pontos importantes. Primeiramente há várias frentes de estudos em semântica formal, com interesses bastante variados. Citamos algumas questões de interesse como os estudos sobre línguas indígenas, e de línguas não documentadas, e os crescentes trabalhos interdisciplinares, que colocam novas preocupações no escopo da semântica

formal, como a utilização de experimentos para buscar entender a relação que há entre o conhecimento semântico e a cognição. No que se refere às questões não abordadas pela teoria, tivemos algumas divergências nas respostas. Alguns informantes, como 1, 5, 8 e 10, não tiveram problemas em indicar questões que não fazem parte do campo de interesse da semântica formal; seria o caso das implicaturas, dos atos de fala, ou ainda de questões relacionadas a retórica e a pragmática, por exemplo. Já outros informantes não concordaram com a colocação da pergunta, argumentando não haver uma conduta consciente para evitar questões dentro da teoria. Para o informante 3 muitos temas deixam de ser explorados no Brasil por conta da falta de pesquisadores e pelo interesse pessoal dos próprios semanticistas, já o informante 6 não acredita haver uma conduta consciente para deixar de lado algumas questões, trata-se de uma consequência natural ao desenvolvimento de um recurso explicativo ou descritivo, que começa investigando casos mais evidentes e fáceis indo progressivamente em direção aos mais difíceis. Outra posição interessante foi a do informante 9, para ele não haveria questões evitadas, mas questões que ainda aguardam um melhor desenvolvimento da metalinguagem. Saber observar quais questões cabem ou não nas explicações e análises da teoria é considerado um sinal de maturidade, pois demonstra que se conhece os seus limites.

As questões que ainda recebem pouco tratamento pela semântica formal são aquelas que remetem ao contexto de fala, ou ainda a intenção do falante nos atos de fala.

<b>Questão 4:</b> Que teorias você acredita que estejam “competindo” com a semântica formal hoje em dia?	
Informante 1	As teorias que estariam em competição com a semântica formal são aquelas que desvinculam a significação dos enunciados de suas características constitutivas. De modo geral essas teorias recusam a existência de um sentido literal, encarnando a língua não como um recurso para descrever o mundo, mas como um espaço em que interlocutores procuram influenciar seus semelhantes.
Informante 2	Não vê nenhum competidor direto. Não haveria por parte de semânticas de linhas diferentes as mesmas questões de pesquisa, ainda que investiguem um mesmo tema.
Informante 3	Nenhuma. Ocorre que há temas que não podem ser resolvidos dentro de uma abordagem particular. Os nexos de significado e a distinção massa-contável não podem ser explicados fora da



	semântica.
Informante 4	Não respondeu.
Informante 5	De um ponto de vista epistemológico, não acredita que haja teorias linguísticas que se colocam como alternativas as abordagens formais. As pessoas, os grupos de pessoas podem estar competindo e em geral estão. Faz referência ao fato de que algumas teorias do significado começam os seus trabalhos com uma crítica às semânticas formais, conforme a ideia do inimigo a ser combatido.
Informante 6	Não são as teorias que entram em competição, mas as pessoas que competem umas contra as outras. No sentido de haver teorias alternativas a semântica formal, cita o funcionalismo e a linguística discursiva. De maneira mais ampla, a própria pragmática e a análise do discurso oferecem uma via alternativa para a compreensão da significação.
Informante 7	Não haveria competição, mas complementação vinda de áreas com ênfase maior em aspectos cognitivos e computacionais.
Informante 8	Acredita não haver competição. Entende não haver oposição entre formalismo e funcionalismo, de um lado o funcionalismo pode ser formalizado e de outro os estudos formais buscam, em geral, entender a função semântica de uma partícula funcional. Prefere a ideia de que há pluralidade sem a necessidade de unificação.
Informante 9	Não haveria competição no sentido de que as diferentes abordagens têm limites diferentes. Porém do ponto de vista da sociologia da ciência haveria disputas acadêmicas, mas não científicas, e que certamente são competições que não levam ao avanço do conhecimento.
Informante 10	Não há nenhuma teoria competindo de fato com a semântica formal. Talvez o funcionalismo no que se refere ao estudo de língua não indo-europeia, porém por partirem de questões e pressupostos diferentes não estariam realmente competindo.
Informante 11	A semântica cognitiva. Em certas áreas a semântica formal divide o espaço com uma semântica cognitiva.

(4) A questão 4 tinha por objetivo:

- a) Identificar o tipo de postura dos semanticistas formais frente a possíveis competidores, seja no nível teórico, seja no nível de recursos e financiamento, ou ainda de disputas acadêmicas.
- b) O que essa postura pode revelar da comunidade científica em questão?

A maioria dos informantes foi incisiva ao afirmar que não haveria competição, ao menos no nível teórico. Outros preferem falar em alternativas à semântica formal, citando a semântica cognitiva, o funcionalismo de modo

geral, e ainda a linguística discursiva. Importante observar que um dos motivos para não haver possibilidade de competição seria o fato de que as diferentes teorias estão comprometidas com questões que não são as mesmas, ainda que estejam investigando um mesmo tema. Percebemos aqui uma relação com o discutido anteriormente, no que se refere ao objeto teórico. Há a percepção de que cada teoria cria o seu próprio objeto, o que torna em alguma medida impossível falarmos em uma competição entre objetos distintos.

Para além do nível teórico, as competições de ordem financeira ou acadêmica parecem ser recorrentes. O informante 5, por exemplo, faz referência a prática comum entre algumas teorias do significado em começar seus trabalhos tecendo críticas à semântica formal. Esse é um ponto importante, e revela que há um certo movimento, por parte das outras abordagens do significado, em tentar desqualificar os procedimentos de análise da semântica formal.

<b>Questão 5:</b> Você considera o instrumental lógico-matemático da semântica formal superior aos outros instrumentais? Por quê? Em que medida o uso desse instrumental pode tornar o estudo do significado linguístico mais científico?	
Informante 1	O mérito da semântica formal é sua explicitude. Aponta para o fato de se levar em conta que as fórmulas levam a representações, que são frequentemente aproximativas e imperfeitas. É importante não confundir o esquema com a realidade.
Informante 2	O instrumental lógico ou matemático é importante para evitar a ambiguidade das línguas naturais na metalinguagem científica. Mas entende que esta é apenas uma linguagem, sendo possível fazer uma boa análise sem usar fórmulas. A vantagem é que com o uso dessa linguagem fica mais fácil perceber e apontar equívocos do que se a análise for expressa de qualquer outro modo. A explicitude é sempre uma vantagem por facilitar a verificação da adequação empírica da teoria.
Informante 3	Se o instrumental fornece um mecanismo de formulação explícita de teorias, certamente ele é superior a uma teoria que apenas formule hipóteses usando linguagem natural. A abordagem explícita permite que se teste de diferentes formas, nesse sentido ela seria 'mais científica'.
Informante 4	Questão de perspectiva e não de superioridade. Se se acredita que a língua tem regras o objetivo será o de descrevê-las com o máximo de precisão possível. Nesse sentido, o instrumental parece oferecer isso de maneira adequada.
Informante 5	Não superior, mas complementar a outros instrumentais, e em algumas ocasiões é decisivo. É decisivo, pois permite vislumbrar a estrutura mais profunda subjacente ao fenômeno. Em sentido estrito torna o estudo mais científico, se for considerada os

	limites da teoria e o que ela propõe. Em sentido mais amplo não garante totalmente a cientificidade.
Informante 6	Não. O instrumental lógico-matemático é uma parte da semântica formal adequado para resolver questões que essa semântica se dispõe a explicar. É preciso haver uma diretriz clara sobre a descrição do fenômeno semântico para então ser possível aplicar criteriosamente esses recursos para produzir uma descrição e uma explicação formais. Uma fórmula por mais precisa e complexa que seja, não diz nada sobre o fenômeno semântico a menos que haja um entendimento de como aquela fórmula representa e explica o fenômeno linguístico. Com relação a tornar mais científico, dependerá da seriedade e empenho com que a teoria é praticada, lembrando que há outros modelos de cientificidade além do da física.
Informante 7	Entende que a lógica e a matemática podem ser a metalinguagem de qualquer teoria sobre a capacidade de gerar significados. Por exemplo, a ideia de mapeamento entre domínios pode ser descrita construindo-se um sistema lógico-matemático. Nesse sentido não há necessariamente diferença entre formalistas e funcionalistas, ambos sendo naturalistas.
Informante 8	Não faz sentido falar em mais ou menos científico, ser científico é uma postura. O cálculo permite vermos coisas que antes não se via sem ele e isso faz com que surjam coisas inesperadas para o cálculo, o que leva o cálculo a ser outro. Se há um compromisso com o científico, o cálculo é necessário, mesmo que ele não venha formalizado.
Informante 9	Acha difícil utilizar o termo 'superior', porém seria inegável dizer que esse instrumental traz inúmeras vantagens e é realmente um dos maiores e mais interessantes aspectos da semântica formal. A explicitude da metalinguagem confere cientificidade ao estudo linguístico por impedir sobreposição de conceitos, que impedem o compartilhamento de resultados, replicação de experimentos e conclusões.
Informante 10	O instrumental por si só não contribui para uma abordagem ser mais científica. Porém, o instrumental tem o potencial de deixar o significado o mais explícito possível, e nisso seria superior. Em suma, o uso da metalinguagem lógica-matemática auxilia na explanação de fenômenos que podem ser muito difíceis de ser traduzidos.
Informante 11	O instrumental é importante pela forma como explicita o significado, porém esse instrumental é de difícil operacionalização para os linguistas, de modo geral. Um dos fatores para isso é a resistência a disciplinas da área de exatas, especialmente por parte dos estudantes de linguística.

(5) A última questão tinha por objetivo:

- a) Avaliar em que medida o instrumental lógico-matemático da semântica formal seria considerado fator importante ou imprescindível pelos semanticistas para a realização de uma pesquisa científica em semântica.

b) Esse instrumental por si só conferiria cientificidade a pesquisa?

Com relação ao instrumental, de modo geral os informantes apontam para a vantagem que ele confere, por evitar ambiguidades, e por tornar mais fácil perceber e apontar eventuais equívocos nas análises, nesse sentido, ele seria superior. Porém, há outras formas de formalização que não recorrem a esse instrumental, o que não quer dizer que sejam menos científicas. Dessa forma, observamos que o instrumental por si só não confere cientificidade, mas quando bem aplicado torna a investigação mais explícita.

Abaixo iremos apresentar o resumo das respostas dos semanticistas das outras abordagens<sup>45</sup>. O número reduzido de informantes torna a análise muito restrita, não sendo representativa da maioria dos semanticistas. Foram aplicadas as mesmas questões, tendo em vista os mesmos objetivos, alterando, evidentemente, questões muito específicas que haviam sido mais direcionadas aos semanticistas formais.

<b>Questão 1:</b> O que você entende por semântica formal? Você se considera um semanticista formal?	
Informante 1	Uma vertente dos estudos semânticos que se contenta com a tradução das línguas naturais em formas lógicas na tentativa de elucidar os sentidos atribuídos às sentenças e, em certas abordagens também sua verifuncionalidade. Não se considera um semanticista formal.
Informante 2	O termo 'semântica formal' é ambíguo. Pode indicar uma linha de pesquisa semântica específica que usa uma formalização específica, como pode indicar qualquer linha de pesquisa semântica que use alguma formalização. No segundo sentido o pesquisador se considera um semanticista formal.
Informante 3	Em sentido estrito é uma abordagem da semântica das línguas naturais que tenta modelar o significado composicional de sentenças usando como ferramenta uma teoria de conjuntos. Porém esse não é o único uso do termo, pois todo semanticista que use metalinguagens formalizadas é um semanticista formal.

(1) A questão tinha os seguintes objetivos:

---

<sup>45</sup> Esse segundo grupo é constituído de informantes que desenvolvem pesquisa nas outras abordagens constantes no quadro de teorias. Vale lembrar que realizamos a busca no diretório de grupos utilizando apenas a palavra "semântica", o que pode ter limitado o alcance da pesquisa no que se refere a identificação de outras abordagens teóricas além daquelas apresentadas no quadro proposto.

- a) Identificar se há consenso quanto à prática científica da semântica formal, ou melhor, o que define a semântica formal em termos teóricos e metodológicos.
- b) Observar se os semanticistas se consideram semanticistas formais, e se inscrevem suas pesquisas dentro dessa abordagem.

Um ponto que chama bastante a atenção é a ambiguidade do termo ‘semântica formal’, ou mais especificamente, a ambiguidade gerada pelo termo *formal*. Conforme discutido anteriormente, o termo *formal* possui três diferentes acepções (cf. Pires de Oliveira, 2004). Para dois informantes, a primeira questão pareceu extremamente ampla, pois poderia estar se remetendo a uma abordagem específica, ou ao ato de formalizar os estudos com base em uma metalinguagem. O primeiro informante faz referência a semântica formal, enquanto os outros dois preferem fazer a distinção entre semântica formal em sentido estrito, e em sentido amplo, significando um estudo formalizado sobre aspectos da significação. Interessante observar que se for colocada em sentido amplo, o informante 2, também se considera um semanticista formal pois formaliza seus estudos através de uma metalinguagem.

<b>Questão 2:</b> Para você quem são os expoentes dessa abordagem?	
Informante 1	No Brasil: Rodolfo Ilari, Renato Basso, Roberta Pires de Oliveira, Marcia Caçado, Esmeralda Negrão. No exterior: Gennaro Chierchia.
Informante 2	Podem ter vários como alguns, dependendo do que se está considerando como semanticistas formais.
Informante 3	Atualmente, em se tratando da semântica formal estrita cita Gennaro Chierchia, Kai von Fintel, Angelika Kratzer, Irene Heim, Barbara Partee.

(2) O objetivo da questão era:

- a) Poder relatar filiações ou um núcleo de referência comum aos semanticistas formais.
- b) Avaliar se há indicações de pesquisadores reconhecidos no país, e se a partir disso seria possível delinear claramente a existência de uma comunidade científica estabelecida.

Visualizamos basicamente o mesmo quadro de referências daquelas citadas pelos semanticistas formais, tanto para o caso de pesquisadores brasileiros, quanto pesquisadores estrangeiros, indicando que há realmente uma comunidade bem estabelecida, que é reconhecida até mesmo por pesquisadores de outras abordagens.

Nesse sentido, parece bastante relevante o fato de encontrarmos o mesmo núcleo de referência, reforçando a possibilidade de mapeamento da comunidade de semanticistas formais.

<b>Questão 3:</b> Quais questões impulsionam a pesquisa em semântica formal atual? Há questões que são evitadas ou postas de lado? Quais são elas? Por que são evitadas?	
Informante 1	A semântica formal estaria sendo pressionada pela realidade da língua e estaria começando a falar em contexto linguístico e extralinguístico, em situação discursiva. Estaria tentando se adaptar ao que a língua é de verdade. Há muita coisa evitada pela semântica formal, e essas coisas seriam justamente o que faz da língua o que ela é, especialmente o que circunda o ato linguístico. A semântica formal, e os formalismos, por décadas abordaram as línguas como se estas fossem um apanhado de sentenças resultantes da soma de palavras, por conta disso, essa semântica começou a girar em círculos.
Informante 2	As respostas dependem do sentido dado ao termo 'semântica formal'.
Informante 3	Não acompanha o desenvolvimento da área.

(3) A questão 3 tinha por objetivo:

- a) Saber qual o foco das pesquisas realizadas atualmente, que tipos de fenômenos estão sendo mais estudados, ou ainda, quais as pesquisas que mais mobilizam recursos hoje.
- b) Como os pesquisadores veem a teoria, isto é, eles assumem que há uma delimitação consciente de questões que podem ser tratadas pela teoria, ou não.
- c) Se houver uma delimitação consciente daquilo que pode ou não ser abordado pela teoria, quais motivos levam a essa restrição?

Com base na resposta do informante 1, a semântica formal estaria começando a explorar os aspectos extralinguísticos, como forma de se adaptar

a realidade linguística. O informante 1 deixa claro que discorda das abordagens formais por estas tratarem a língua apenas como um “apanhado de sentenças”. Nesse sentido, a semântica formal teria uma grande quantidade de questões que são deixadas de lado, e seriam exatamente essas questões as consideradas mais importantes para o estudo do significado linguístico. Como vimos, os semanticistas formais entendem que há certos domínios que ainda não puderam ser analisados formalmente. Porém aos olhos de semanticistas de outras abordagens esse parece ser um ponto irreconciliável, isto é, se a abordagem formal não consegue dar conta da “verdade” da língua, então ela deve ser desconsiderada e devemos procurar outras abordagens que possam dar conta desses aspectos.

<b>Questão 4:</b> Que teorias você acredita que estejam “competindo” com a semântica formal hoje em dia?	
Informante 1	Quem compete são os pesquisadores e não suas ciências.
Informante 2	Teorias da enunciação ou discursivas.
Informante 3	Com relação a outras abordagens formais algumas possibilidades são as abordagens de corpus, e ainda abordagens lexicais do tipo Generative Lexicon ou WordNet. Com relação a abordagens não-formais o <i>mainstream</i> no momento é a Linguística cognitiva. Se for dado o sentido de competição por postos de trabalho e financiamento nas agências de fomento, provavelmente os linguistas cognitivistas são os competidores em vantagem no Brasil.

(4) A questão 4 tinha por objetivo:

- a) Identificar se os semanticistas consideram que haja algum tipo de competição, seja no nível teórico, seja no nível de recursos e financiamento, ou ainda de disputas acadêmicas, com relação à semântica formal.

O informante 2 indica abordagens que estariam competindo com a semântica formal. O informante 1 desconsidera a questão e mantém a posição de que não há competição teórica mas entre os próprios pesquisadores. Para o informante 3, além de uma competição a nível teórico, haveria claramente uma competição por financiamentos, e nesse quesito os linguistas cognitivistas



estariam recebendo mais investimentos que qualquer outra abordagem hoje no Brasil.

<b>Questão 5:</b> Você considera o instrumental lógico-matemático da semântica formal superior aos outros instrumentais? Por quê? Em que medida o uso desse instrumental pode tornar o estudo do significado linguístico mais científico?	
Informante 1	Não. Ele é inferior, porque é muito restrito. Há outros instrumentais muito mais complexos e descritivos para lidar com as línguas naturais e seus fenômenos.
Informante 2	O instrumental lógico-matemático dá boas explicações para alguns fatos da língua, porém, obviamente, não dão conta de diversas realidades que existem na língua.
Informante 3	Não considera superior. Dependendo do propósito, usar as ferramentas formais da semântica formal pode não ser adequado, como, por exemplo, uma pesquisa aproveitável para o ensino de língua materna ou estrangeira, ou ainda como boa modelagem para a cognição humana. Por outro lado, os usos dessas ferramentas podem ser vantajosos por disciplinar o uso das intuições dos semanticistas e por mostrar complexidades e regularidades que não seriam notadas de outro modo.

(5) A última questão tinha por objetivo:

- a) Avaliar em que medida o instrumental lógico-matemático da semântica formal seria considerado pelos semanticistas como fator importante ou indispensável para a realização de uma pesquisa científica em semântica.
- b) Esse instrumental por si só conferiria cientificidade a pesquisa?

Com relação a essa questão as respostas foram unânimes em afirmar que o instrumental da semântica formal, apesar de dar boas explicações para alguns fatos da língua, não é suficiente para explicar muitos outros fenômenos, além de não parecer adequado a alguns tipos de pesquisas.

A partir da análise das questões podemos fazer algumas afirmações gerais sobre a semântica formal e sobre a comunidade de semanticistas formais:



- 1) A semântica formal enquanto uma teoria sobre o significado linguístico tem como fundamento construir modelos lógico-matemáticos para a análise de fenômenos linguísticos.
- 2) A postura do semanticista formal é aquela do cientista, devendo este propor hipóteses sobre o fenômeno observado, testá-las e submetê-las a apreciação da comunidade científica.
- 3) No Brasil, a semântica formal tem um quadro expressivo de pesquisadores, o que demonstra a contínua formação de novos pesquisadores, apesar de ser uma teoria um pouco mais “hermética”, por envolver conhecimentos vindos de áreas como matemática e lógica, além de ser uma ciência nova no cenário acadêmico.
- 4) Há um interesse maior em questões que até então não haviam se tornado objeto de análise ou recebiam pouca atenção por parte dos semanticistas formais, o que indica um amadurecimento da teoria ao expandir sua metalinguagem para explicitar fenômenos ainda não trabalhados formalmente.
- 5) Com relação à competitividade entre teorias, não parece haver, tanto por parte dos semanticistas formais quanto dos outros semanticistas, um cenário de competição, pois as diferentes teorias delimitam objetos distintos. Porém no nível acadêmico há muitos embates em torno de recursos e ainda sobre qual perspectiva deveria ser considerada a mais correta.

Os pontos principais de reflexão que buscamos levantar, com a proposta dos questionários, foi a de entender de que forma uma teoria sobre o significado linguístico se fundamenta, especificamente como os semanticistas veem sua própria prática científica, a começar pelo núcleo de referências reconhecido pela comunidade científica, as questões que estão recebendo mais atenção por parte dos pesquisadores hoje, a forma como encaram as diferentes teorias, e por fim, o papel da metalinguagem para a teoria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa elaborou um quadro representativo das teorias semânticas que estão sendo desenvolvidas hoje em nosso país, e a partir dele propomos uma análise sociológica da semântica formal. O trajeto percorrido em nossa investigação foi olhar para a linguística, e entender melhor como as teorias linguísticas estão organizadas, que tipos de pesquisas temos nessa ciência. A proposta de Pires de Oliveira e Basso (2011) nos mostrou que a linguística tem basicamente duas formas distintas de investigação, uma que é científica e outra que é humanista.

Em um primeiro momento tínhamos a intenção de trabalhar os aspectos epistemológicos das teorias semânticas, porém constatamos que seria necessário envolver níveis distintos de investigação (epistemologia e sociologia), pois ao avaliarmos a possibilidade de uma epistemologia da semântica, pareceu imprescindível a elaboração de um quadro representativo dessa ciência, somente a partir daí poderíamos efetivamente propor uma análise epistemológica. Assim, mudamos o foco da pesquisa elegendo como área específica a sociologia da linguística. Nesse sentido, o foco foi alterado para a elaboração de um quadro representativo da pesquisa atual em semântica no Brasil e a análise sociológica dessas teorias. Após a delimitação do escopo da pesquisa reunimos o que tínhamos de estudos até então realizados sobre as teorias semânticas no país. As principais fontes consultadas foram o artigo de Pires de Oliveira (1999) e o livro de Basso e Ferrarezi (2013). Com base nessas referências propomos um quadro de teorias semânticas desenvolvidas no Brasil.

A semântica apresenta duas formas distintas de investigação dos significados linguísticos, uma que se vale de uma metodologia científica e outra que utiliza uma metodologia de cunho humanista, confirmando a proposta de Pires de Oliveira e Basso (2011). Assim, como resultado de nossa investigação chegamos ao seguinte quadro de teorias semânticas, reproduzido novamente abaixo:

COMUNIADE DE PENSAMENTO CIENTÍFICO		COMUNIDADE DE PENSAMENTO HUMANISTA	
Linguística (tradição formal)	Linguística Cognitiva	Linguística Enunciativa	
Semântica formal	Semântica cognitiva	Semânticas da enunciação	Semântica cultural

TABELA 4: QUADRO GERAL DAS TEORIAS SEMÂNTICAS DESENVOLVIDAS NO PAÍS.

Descartamos o conceito de paradigma para trabalhar com outro conceito, o de *comunidades de pensamento*. Não profundamos os conceitos da epistemologia de Fleck<sup>46</sup>, porém sugerimos que uma maneira mais adequada para entendermos a linguística, e a semântica, é utilizar um modelo como o de Fleck em que as várias comunidades, que constituem linhas de pensamento, estão em interação.

A segunda etapa da pesquisa se dedicou a dar sustentação ao quadro proposto e iniciar o estudo sociológico da semântica formal<sup>47</sup>. Realizamos o levantamento dos grupos de pesquisa cadastrados no CNPq como um modo possível de avaliar a representatividade do quadro. Apesar de realmente poder nos dar indícios da pesquisa atual em semântica, a análise desses grupos não é conclusiva, isto é, não podemos concluir a partir do levantamento realizado que a semântica formal seja de fato a teoria mais difundida, ou que as semânticas enunciativas tenham menos “adeptos” do que a semântica formal e cognitiva. O que a análise dos grupos indica é apenas que não é o caso de não termos nenhum grupo de pesquisadores relacionados à determinada teoria. É o caso de fazermos ainda outro tipo de verificação da representatividade do quadro, como o levantamento de dados referentes a produção acadêmica, dissertações e teses defendidas, revistas da área, etc.

O quadro que propomos poderá sofrer modificações na medida em que ampliarmos o alcance de nossa reflexão. Nosso objetivo para uma investigação

<sup>46</sup> Trata-se de uma primeira aproximação da teoria de Fleck. Essa relação deverá ser melhor explorada nas pesquisas posteriores.

<sup>47</sup> Entre as quatro teorias semânticas propostas em nosso quadro, analisamos apenas a semântica formal. O recorte foi necessário, pois não teríamos meios de empreender a análise das outras teorias no curto espaço de tempo disponível.

posterior é reunir o maior número de propostas teóricas que tratam do significado linguístico<sup>48</sup> e que estabeleçam um grupo de pesquisadores ligados a essa abordagem.

Por fim, analisamos, através dos questionários, como uma comunidade científica é constituída, mais ainda como os semanticistas veem a sua prática científica. Voltamo-nos, portanto, para uma análise sociológica da comunidade científica de semanticistas formais.

Analisar aspectos sociológicos de uma teoria nos capacita a ter uma visão abrangente da prática científica, e nos coloca em outro nível de análise teórica. Não avaliamos a teoria em si, mas a comunidade que sustenta essa teoria. Passamos a entender que uma teoria se constrói não apenas com base em conformidades pré-estabelecidas e consensuais, ao contrário, ela é resultado do debate constante entre os pesquisadores, e não apenas dentro do próprio grupo, mas na relação com os outros grupos. A proposta de uma “análise sociológica” pode remeter a algo muito vago ou até dispensável na medida em que os aspectos externos das teorias não costumam chamar a atenção dos pesquisadores envolvidos por suas formulações e construções teóricas. Porém há algo que não pode ser deixado de lado, não há teoria a-histórica, não há observadores neutros e imparciais. Portanto, precisamos expandir nosso conhecimento para além do que uma análise epistemológica possa dizer. Com isso se abre espaço para um sem número de possibilidades de como analisar sociologicamente uma comunidade de pesquisadores, qual perspectiva assumir, ou que critérios utilizar. Não somos sociólogos, apenas pretendemos lançar luz sobre essas questões, nossa análise não se comprometeu com uma teoria sociológica, mas com a vontade de querer entender melhor como e o que pensam os linguistas.<sup>49</sup>

Com relação a aplicação dos questionários como método de coleta de dados, acreditamos que seria necessária uma reformulação das questões de modo a tornar explícitos os pontos que estávamos avaliando. Importante ressaltar que primeiramente o questionário estava direcionado a abordar temas que pudessem esclarecer algumas questões de cunho epistemológico, e não

---

<sup>48</sup> Uma nova busca deverá atentar para a distinção entre “semântica” e “sentido”.

<sup>49</sup> Apesar de nessa pesquisa não termos utilizado nenhuma teoria sociológica, acreditamos que para uma próxima investigação será importante buscamos ferramentas vindas dessa área.

propriamente sociológico. Com a mudança dos rumos de nossa investigação foi necessário utilizar as respostas que já tínhamos e assim proceder a análise dessas questões tomando outra perspectiva. Com o questionário podemos ter uma visão ampla da prática científica dos semanticistas formais, mas falta um levantamento mais detalhado dessa comunidade, dos eventos realizados no país, do mapeamento dos pesquisadores e das universidades em que trabalham, do quantitativo de defesas de teses e dissertações realizadas, enfim, há outros fatores que podem ser considerados e que podem contribuir para o estudo sociológico da semântica formal, e das outras teorias semânticas. Seria o caso de considerarmos aquilo que diz o informante 3: “O problema, eu creio, é que os pesquisadores de diferentes orientações não conversam entre si. Por exemplo, certamente poderíamos fazer um seminário sobre verbo em que pesquisadores do texto, funcionalistas e formalistas pudessem dizer coisas complementares ou contraditórias sobre o tema. Mas como avaliar quem dá uma explicação mais abrangente, ou definitiva sobre o assunto?”. Mais do que pretender avaliar qual é a explicação mais abrangente, fomentar o debate entre diferentes comunidades de pesquisadores parece algo a ser buscado, o debate poderá revelar aspectos importantes da forma como cada comunidade se organiza, como pensam e o que pensam.

Entendemos que essa dissertação deve ser vista como uma primeira tentativa de colocar questões sociológicas sobre comunidades linguísticas em foco. É uma pesquisa inicial, um primeiro apanhado de informações que deverão ser melhor trabalhadas na pesquisa subsequente. Sem dúvida, a partir do que trabalhamos aqui, conhecemos um pouco mais sobre as teorias semânticas que estão sendo desenvolvidas no Brasil. O primeiro levantamento dessas teorias indica que a área é extremamente produtiva e ao contrário de algumas décadas atrás hoje a semântica tem lugar de destaque, deixando claro que o estudo do significado é mais do que nunca fundamental para a linguística. Além daquilo que podemos considerar como teorias semânticas há outros estudos sendo desenvolvidos em interfaces com outras áreas, como é o caso da semântica computacional, ou ainda na relação semântica e psicolinguística.

Considerando apenas a semântica formal, nossa análise mostra que esta é uma teoria bastante consolidada, que constitui uma comunidade

científica com um núcleo estabelecido de pesquisadores. Essa comunidade releva algumas características como apresentar um conjunto de crenças comuns sobre o que é a semântica formal, ou o que define um estudo formal. A semântica formal é definida como a teoria que explicita os fenômenos por meio da utilização de uma metalinguagem lógico-formal. Quando perguntados sobre o modo como a teoria vem se desenvolvendo e se haveriam questões não abordadas pela teoria os semanticistas formais mantiveram posições distintas, alguns enfatizaram que não há questões evitadas, e sim questões que aguardam um melhor desenvolvimento da metalinguagem, enquanto outros entendem que haveriam fenômenos que não entram no escopo de uma pesquisa formal. A fala do informante 2 é bastante esclarecedora a esse respeito: “Acredito que, como em qualquer atividade humana, os interesses do momento são ditados tanto por fatores internos à teoria (sua maturidade, que vai permitir alcançar, com os instrumentos existentes, alguns temas em profundidade, e outros ainda não) quanto externos (áreas com maior visibilidade, com mais probabilidade de fomento, história da ciência etc.)”.

No intuito de entender como essa comunidade define a sua própria prática científica, perguntamos se os pesquisadores identificariam possíveis competidores seja a nível teórico ou a nível “acadêmico”. Praticamente nenhum pesquisador concordou com a questão quando se tratava de apontar possíveis competidores teóricos, há um entendimento bastante difundido entre os semanticistas formais de que o objeto de cada abordagem semântica difere e por diferir não haveria como ter uma competição teórica dada a impossibilidade de comparação. Por outro lado, entendendo por competição aquilo que gira em torno de busca por fomentos, ou de representatividade a nível institucional, ou seja, a nível “acadêmico”, a maioria dos pesquisadores afirmam que de modo geral os grupos estão competindo. Esse é um dado importante que poderá ser explorado posteriormente, afinal, que tipo de competição ocorre entre esses grupos? De que forma ela acontece?

Quando perguntamos aos semanticistas formais a respeito do instrumental lógico-matemático, que é bastante emblemático para a semântica formal, percebemos que não há uma identificação estabelecida entre o instrumental e a cientificidade da teoria. O instrumental lógico-matemático, mesmo sendo considerado bastante útil na tarefa de explicitação de fenômenos

e da própria teoria, não é imprescindível para a realização de uma análise formal. Para o informante 6 “uma fórmula por mais precisa e complexa que seja, não diz nada sobre o fenômeno semântico a menos que haja um entendimento de como aquela fórmula representa e explica o fenômeno linguístico.”

Desse modo, identificamos os traços gerais dessa comunidade científica: i) a comunidade apresenta um núcleo de referências bastante difundido, havendo o reconhecimento desse núcleo mesmo por semanticistas de outras abordagens; ii) há uma série de crenças compartilhadas, como pode ser observado pela definição de “semântica formal”, e pela forma como os semanticistas formais abordam o tema do instrumental lógico-matemático; iii) no reconhecimento de questões evitadas, há uma tendência a considerar que a teoria não evita questões, apenas que não tem o comprometimento com fenômenos para além o significado “literal”; iv) ao questionarmos sobre possíveis competidores, percebemos que os semanticistas formais tem uma visão clara do que é seu objeto teórico, não poderia haver competição pois não há comparação possível entre os objetos das teorias semânticas.

Nossa pesquisa pretende contribuir para a reflexão em sociologia da linguística, além de apontar para a importância de estudos sobre a história e epistemologia das teorias semânticas no Brasil, uma área de estudos ainda pouco explorada.

## REFERÊNCIAS

ALTMAN, Cristina. **A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)**. São Paulo: Humanitas/ FFLCH-USP, 1998. 380 p.

ALTMAN, Cristina. História, estórias e historiografia da linguística brasileira. **Todas As Letras: Revista de Língua e Literatura**, São Paulo, v. 14, n. 1, p.14-37, 2012.

ASSIS, Jesus de Paula. Kuhn e as ciências sociais. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 7, n. 19, p.133-164, 1993. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v7n19/04.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2015.

AUSTIN, John. **Quando dizer é fazer**. Traduzido por Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1990. 136 p.

BASSO, Renato Miguel et al. **Semântica**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina/LLV/CCE/UFSC, 2009. 151 p.

BASSO, Renato; FERRAREZI JUNIOR, Celso. **Semântica, semânticas: Uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2013. 176 p.

BAR-HILLEL, Y. 1982. Expressões indiciais. In: M. DASCAL (org.), **Fundamentos metodológicos da linguística**. Vol. IV, Pragmática, Campinas, Ed. do Autor, p. 23-49.

BENVENISTE, Emile. **Problemas de linguística geral I**. Traduzido por Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

BORGES NETO, José. **A gramática gerativa transformacional: Um ensaio de Filosofia da Linguística**. 1991. 277 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

\_\_\_\_\_. Apontamentos para uma tipologia dos modelos linguísticos. **Revista Letras**, Curitiba, v. 29, p.75-87, 1980.

\_\_\_\_\_. Formalismo x Funcionalismo nos estudos linguísticos. In: BORGES NETO, José. **Ensaio de Filosofia da Linguística**. São Paulo: Parábola, 2004. p. 83-93.

\_\_\_\_\_. História e Filosofia da Linguística: uma entrevista com José Borges Neto. **ReVEL**. Vol. 8, n. 14, 2010.

\_\_\_\_\_. O pluralismo teórico na Linguística. **Estudos Linguísticos** (São Paulo), v. 25, p. 1-14, 1996.

\_\_\_\_\_. Semântica Formal. **Revista Letras**, Curitiba, n. 52, p.167-182, 1999.



\_\_\_\_\_. Um capítulo da história da linguística: a semântica gerativa. In: Ligia Negri; Maria José Foltran; Roberta Pires de Oliveira. (Org.). **Sentido e Significação**. São Paulo: Contexto, 2004b, v. 1, p. 181-216.

BORGES NETO, José; DASCAL, Marcelo. **De que trata a linguística, afinal?** In: Histoire Épistémologie Langage. Tome 13, fascicule 1, 1991. pp. 13-50.

BORGES NETO, José; MULLER, Ana; PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. A semântica formal das línguas naturais: histórias e desafios. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p.119-148, 2012.

BUNGE, Mário. **La ciencia: su método y su filosofía**. Buenos Aires: Ediciones Siglo Veinte, 1985.

CANÇADO, Márcia. Semântica Lexical: uma entrevista com Márcia Cançado. **ReVEL**, vol. 11, n. 20, 2013.

CHALMERS, Alan. F. **O que é ciência afinal?** Traduzido por Raul Filker. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CHIERCHIA, Gennaro. **Semântica**. Traduzido por Luiz Arthur Pagani. Campinas: EdUnicamp, 2003.

CHOMSKY, Noam. **Syntactic Structures**. The Hague: Mouton, 1957

COMTE, Auguste. **Discurso sobre o espírito positivo**. Traduzido por José Arthur Giannotti. In: Comte. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 41-94. (Coleção Os Pensadores)

DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. Traduzido por Eduardo Fonseca. São Paulo: Hemus, 1981.

DILLINGER, Mike. Forma e Função na Linguística. **DELTA**, São Paulo, v. 7, n. 1, p.395-407, 1991.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FLECK, Ludwik. **The Genesis and Development of a Scientific Fact**. Chicago: The University Of Chicago Press, 1979. 203 p.

FLORES, Valdir; TEIXEIRA, Marlene. Enunciação, dialogismo, intersubjetividade: um estudo sobre Bakhtin e Benveniste. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 1, p.143-164, 2009.

FRANCHI, Carlos. Linguagem: Atividade constitutiva. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 22, p.9-39, 1992.

GEERAERTS, Dirk. **Theories of Lexical Semantics**. New York: Oxford University Press, 2010. 341 p.

GRANGER, Giles Gaston. **A ciência e as ciências**. São Paulo: Editora da UNESP. 1994.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João W. **Semântica**. São Paulo: Ática (Série Princípios), 2011.

JACKENDOFF, Ray. **Semantics and Cognition**. Massachusetts: The MIT Press, 1983.

KOERNER, Konrad. História da Linguística. **Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro, n. 47, p.09-22, 2014. Disponível em: <<http://lp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/3307.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2015.

KRAUSE, Décio. Newton da Costa e a Filosofia da Quase-Verdade. **Principia: Revista Internacional de Epistemologia**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p.105-128, ago. 2009.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. Traduzido por Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982. 257 p.

KUHN, Thomas. Comensurabilidade, comparabilidade, comunicabilidade. In: \_\_\_\_\_. **O caminho desde a estrutura** – Ensaios filosóficos 1970-1993. São Paulo: Editora Unesp, 2006b, p. 47-76.

LANGACKER, Ronald W. **Grammar and conceptualization**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2000.

MARCONDES, Danilo. A teoria dos Atos de Fala como concepção pragmática de linguagem. **Filosofia Unisinos**, São Leopoldo, v. 7, n. 3, p.217-230, 2006.

MAZIÈRE, Francie. **A análise do discurso: história e processo**. São Paulo: Editora Parábola, 2005.

MIOTO, Carlos. **Sintaxe do Português**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina/LLV/CCE/UFSC, 2009. 126 p.

NARO, Anthony J.; VOTRE, Sebastião Josué. Mecanismos funcionais do uso da língua função e forma. **DELTA**, São Paulo, v. 8, n. 2, p.285-290, 1992.

NASCIMENTO, Milton do. Teoria gramatical e “mecanismos funcionais do uso da língua”. **DELTA**, São Paulo, v. 6, n. 1, p.83-98, 1990.

NEVES, Maria Helena de Moura. Uma visão geral da gramática funcional. **Alfa**, São Paulo, n. 38, p.109-127, 1994.

NEVES, José Luis. Pesquisa Qualitativa: Características, Usos E Possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, p.1-5, 1996.

NEWMAYER, Frederick J. **Language form and Language function**. Cambridge: MIT Press, 2000.

ORLANDI, Eni. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em Aberto**, Brasília, n. 61, p.53-59, jan. 1994. Disponível em: <<http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/911/817>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

OSORIO, Carlos Rojas. **Invitacion a la Filosofia de la ciencia**. Humacao: Universidade de Porto Rico, 2001. 303 p. Disponível em: <<http://www.uprh.edu/humanidades/libromania/FilosofiaDeLaCiencia.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

PARREIRAS, Márcia Maria Martins. **Ludwik Fleck a historiografia da ciência: diagnóstico de um estilo de pensamento segundo as Ciências da Vida**. 2006. 204 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/VCSA-6XTGF7>>. Acesso em: 02 jan. 2016.

PARTEE, Barbara. **A brief history of the syntax-semantics interface in Western formal linguistics**. *Semantics-Syntax Interface*, 2014,1(1):1, p.1-15.

PARTEE, Barbara. **Montague's "Linguistic" Work: Motivations, Trajectory, Attitudes**. 2013. Disponível em: <<http://semanticsarchive.net/sub2012/Partee.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2015.

PEZATTI, Erotilde Goreti. O funcionalismo em linguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez Editora, 2004. p.165-218.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. Formalismos na linguística: uma reflexão crítica. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez Editora, 2004. p.219-250.

\_\_\_\_\_. **Semântica Formal: Uma breve introdução**. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2001. 240 p.

\_\_\_\_\_. Uma história de delimitações teóricas: trinta anos de semântica no Brasil. **DELTA**. 1999, vol.15, p. 291-321.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; BASSO, Renato. **Filosofia da Linguística**. 1. Ed. Florianópolis: UFSC, 2011. 145 p.

POPPER, Karl. A lógica da investigação científica, In: **Karl Popper**, coleção os pensadores. Traduzido por Pablo Rubén Mariconda e Paulo de Almeida In: Popper. 1 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 01-145 (Coleção Os Pensadores)

RICKERT, Henry. **Ciência cultura y ciência natural**. Barcelona: Espasa Calpe, 1980. 112 p.

ROSCH, Eleanor. Natural categories. In: **Cognitive Psychology**, [S.l.], v. 4, n. 3, p. 328-350, 1973.

ROTH, Wolfgang. A semântica histórica: um campo abandonado da linguística? **Filologia e Linguística Portuguesa**, Brasil, n. 2, p. 61-79, ago. 1998. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59659>>. Acesso em: 24 abr. 2015

SAHLINS, Marshall David. **Esperando Foucault, ainda**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Traduzido por Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1981. 279 p.

SILVA, Augusto Soares da. A linguística cognitiva: Uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. **Revista Portuguesa de Humanidades**, Braga, v. 1, n. 1, p. 59-101, 1997.

SEARA, Izabel Christine et al. **Fonética e Fonologia do Português Brasileiro**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina/LLV/CCE/UFSC, 2011. 119 p.

SEIDE, Márcia Sipavicius. **A semântica de Michel Bréal**: Recontextualização, fortuna crítica e aplicação. 2006. 280 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filologia e Língua Portuguesa, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <[http://www.teses.usp.br/index.php?option=com\\_jumi&fileid=12&Itemid=77&lang=pt-br](http://www.teses.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=12&Itemid=77&lang=pt-br)>. Acesso em: 29 mar. 2015.

SHEPARD, Roger N. The mental image. **American Psychologist**, Vol 33(2), pp. 125-137, 1978.

TAMBA-MECZ, Irene. **A Semântica**. Traduzido por Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

XAVIER, Antônio Carlos; CORTEZ, Suzana (Orgs.). **Conversas com linguistas**. São Paulo, Parábola, 2003. 200 p.

VOTRE, Sebastião Josué; NARO, Anthony Julius. Mecanismos funcionais do uso da língua. **DELTA**, São Paulo, v. 5, n. 2, p.169-184, 1989.

## ANEXO I

## Levantamento de grupos de pesquisa cadastrados no CNPq

Grupos de Pesquisa em Semântica Formal cadastrados no CNPq			
Grupo de pesquisa	Ano de formação	Líder(es)	Descrição
A expressão da quantificação nas Línguas Naturais	2001	Roberta Pires de Oliveira  Ana Lucia de Paula Muller	o grupo se identifica por adotar uma mesma metodologia de pesquisa, a abordagem formal, ainda pouco explorada no Brasil, e também pela construção de pontes tanto com a sintaxe quanto com a pragmática. Este projeto pode, portanto, contribuir para avançar no conhecimento da semântica, sintaxe e pragmática do português brasileiro e das línguas naturais em geral.
A semântica das línguas naturais	2013	Nize da Rocha Santos Paraguassu Martins	análise e explicação de fenômenos do português brasileiro sob a ótica da semântica formal das línguas naturais
Grupo de estudos de Semântica formal do Português	2000	José Borges Neto  Maria José Gnatta Dalcuche Foltran	desenvolve estudos e pesquisas de semântica formal com vistas a um melhor entendimento do funcionamento semântico da língua portuguesa e ao desenvolvimento de ferramentas formais que permitam a interface entre os estudos da linguagem, a lógica e a ciência da computação.
Grupo de pesquisa em Semântica Referencial	2010	Dirceu Cleber Conde	estuda aspectos das relações entre mundo e linguagem, observando principalmente temas como a denominação/designação, cálculo proposicional, levando em conta princípios lógicos, semânticos e pragmáticos envolvidos nos procedimentos de significação.

Grupo de pesquisa em Teoria Gramatical	2014	Marcelo Giavennetti Ferreira Luz	tem centrado seus objetivos na descrição e análise das línguas naturais, partindo de pressupostos teóricos da Sintaxe Gerativa e da Semântica Formal.
Laboratório de Semântica e Pragmática Formais e Experimentais – SEPE Lab	2014	Suzi Oliveira Lima	trabalham em quatro grandes áreas de pesquisa: 1) Aquisição da linguagem e desenvolvimento cognitivo; 2) Semântica e pragmática experimentais; 3) Semântica e pragmática formais e interfaces e 4) Linguística experimental e línguas indígenas.
Significação, forma e contexto	2008	Sergio de Moura Menuzzi  Marcos Goldnadel	busca contribuir com pesquisa original para as áreas de sintaxe, semântica e pragmática. Explora abordagens formais destes domínios (tais como modelos gerativos de gramática e a semântica baseada em condições de verdade).
Teoria da Gramática e o Português Brasileiro	1995	Sandra Quarezemin  Núbia Saraiva Ferreira Rech	os trabalhos produzidos pelos pesquisadores versam sobre a periferia esquerda da sentença (tópico, foco, interrogativas, relativas), sobre a estrutura da sentença e sua relação com a prosódia, sobre semântica formal e sobre aquisição da linguagem.

Grupos de Pesquisa em Semântica Cognitiva cadastrados no CNPq			
Grupo de pesquisa	Ano de formação	Líder(es)	Descrição
Análise textual dos discursos: aspectos semânticos, cognitivos e afetivos	2014	Luis Álvaro Passeggi  Maria das Graças Soares Rodrigues	focaliza as dimensões semântica, cognitiva e afetiva de textos e epitextos de diferentes universos de discurso. Articula perspectivas (a) da Linguística do Texto: J.-M Adam; A. Rabatel; (b) da Linguística Cognitiva: R. Langacker; L. Talmy; (c) da Linguística da Escola de Genebra: o Saussure da "nota sobre o discurso" e dos

			Escritos, e a linguística enunciativa de Ch. Bally.
Cultura e Semântica Cognitiva	2006	Heloísa Pedroso de Moraes Feltes	estabelece conexões entre modelos teóricos da Linguística Cognitiva e suas metodologias. Criam-se interfaces com Pragmática Cognitiva, Antropologia Cognitiva, entre outras, de aplicação (Leitura, Libras, etc), com ênfase em linguagem multimodal.
ELINC- Grupo de Estudos em Linguagem e Cognição	2006	Arabie Bezri Hermont  Rosana Silva do Espírito Santo	organiza-se em torno da proposição de estudos que manifestam a busca de compreensão, por um lado, de fenômenos de caráter semântico-lexical e sintático-morfológico implicados na aquisição (oral e escrita) de língua materna e de língua estrangeira e, por outro lado, de fenômenos de caráter discursivo-cognitivo.
INTEGRA: Interação, cognição e gramática	2009	Vanda Maria Cardozo de Menezes	tem como objetivo reunir professores e alunos interessados em pesquisa linguística(aquisição; produção oral e escrita; leitura; teoria e descrição gramatical), o que pressupõe a interrelação de aspectos socio-interacionais, cognitivos, semânticos e pragmáticos.
SEMÁFORO - Fórum de Discussão em Semântica Cognitiva	2010	Maity Simone Guerreiro Siqueira	Semântica cognitiva
TEXTÓRIO, O FANTASMA DO TEXTO: Lógica, Linguística e Teoria do Direito na decodificação de enigmas com a interface léxico, sintaxe, semântica e pragmática.	2013	Luiz Augusto Lima de Ávila  André Luís Gonçalves	discutir aspectos lógico-linguísticos na interface léxico, sintaxe, semântica e pragmática. Discutir aspectos gerais do processo de categorização e, em particular, da categorização semântico lexical.



Grupos de Pesquisa em Semânticas da enunciação cadastrados no CNPq			
Grupo de pesquisa	Ano de formação	Líder(es)	Descrição
Linguagem, semântica e educação	2006	Tânia Maris de Azevedo	investigar as contribuições da semântica argumentativa para os processos de ensino e aprendizagem e, conseqüentemente, a transposição didática desse referencial teórico.
Argumentação, textualidade e designação na semântica do acontecimento: os sentidos nos diferentes modos de escravidão	2015	Soeli Maria Schreiber da Silva  Carolina de Paula Machado	Linguagem e Discurso: semântica do acontecimento
Linguagem: discurso e acontecimento (LDA)	2011	Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta  Neuza Benedita da Silva Zattar	Estudo dos Processos Discursivos e Análise Semântica da Enunciação
Semântica e Enunciação	2012	Sheila Elias de Oliveira	este grupo congrega pesquisadores inscritos no domínio da Semântica da Enunciação e que trabalham sustentados em uma posição materialista sobre o funcionamento da linguagem e das línguas.

Grupo de Pesquisa em Semântica cultural cadastrado no CNPq			
Grupo de pesquisa	Ano de formação	Líder(es)	Descrição
Grupo de Pesquisas Linguísticas Descritivas, Teóricas e Aplicadas	2013	Celso Ferrarezi Junior	publicação de um volume especial da Revista (Entre Parênteses) com trabalhos exclusivos do GP ( <a href="http://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/index">http://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/index</a> ); entre outros.



**ANEXO II****E-mail enviado aos semanticistas de linha formal**

Caro/a x,

Estamos desenvolvendo uma pesquisa em epistemologia da semântica formal. Esse trabalho tem por objetivo analisar a fundamentação teórica da semântica formal com base na ideia de programa de pesquisa segundo a metodologia de Lakatos, tendo em vista a pesquisa nacional.

Para tanto, precisamos saber qual é o ponto de vista de um pesquisador dessa vertente; o que ele entende como sendo a fundamentação de sua disciplina. Só assim podemos re-construir esse programa de investigação.

O seu nome aparece associado à semântica formal e por isso entramos em contato para pedirmos sua colaboração. São apenas algumas perguntas, não é preciso responder a todas (você pode escolher) e pode também acrescentar informações que ache relevante.

Gostaríamos muito de saber sua opinião!

Anexo encontra-se o questionário.

Gostaríamos também que você indicasse outros pesquisadores nacionais que trabalham nessa perspectiva teórica. Assim podemos construir redes de conexão.

Essa é uma pesquisa qualitativa. Com relação a sua divulgação, não iremos expor os nomes dos pesquisadores que nos ajudaram a construir esse quadro/reflexão, a menos que o pesquisador autorize, já que são relatos pessoais.

Esperamos que seja divertido e talvez iluminador refletir sobre o que é esse programa científico!

Agradecemos imensamente,

Paula Damázio

mestranda do curso de pós-graduação em Letras da UFPR

**ANEXO III**

## E-mail enviado aos semanticistas de outras linhas

Caro professor(a),

Estamos desenvolvendo uma pesquisa em história e epistemologia da semântica formal.

Esse trabalho tem por objetivo analisar a fundamentação teórica da semântica formal com base na ideia de programa de pesquisa segundo a metodologia de Lakatos, tendo em vista a pesquisa nacional.

Para isso, precisamos saber o que os pesquisadores de outras abordagens pensam a respeito desse modelo. Só assim poderemos reconstruir esse programa de investigação de uma maneira crítica.

O seu nome aparece associado à pesquisa em semântica e por isso entramos em contato para pedirmos sua colaboração. São apenas algumas perguntas, não é preciso responder a todas (você pode escolher) e pode também acrescentar informações que ache relevante.

Precisamos muito de saber sua opinião!

Anexo encontra-se o questionário.

Gostaríamos também que você indicasse outros pesquisadores nacionais que trabalham na mesma perspectiva teórica que você. Assim podemos construir redes de conexão.

Essa é uma pesquisa qualitativa. Com relação a sua divulgação, não iremos expor os nomes dos pesquisadores que nos ajudaram a construir esse quadro/reflexão, a menos que o pesquisador autorize, já que são relatos pessoais.

Agradecemos imensamente,  
Paula Damázio  
mestranda do curso de pós-graduação em Letras da UFPR

**ANEXO IV**

## Questionário enviado aos semanticistas

## Questionário

- 1 O que você entende por semântica formal? Você se considera um semanticista formal?
- 2 Para você, quem são os expoentes dessa abordagem?
- 3 Quais questões impulsionam a pesquisa na semântica formal atual? Há questões que são evitadas ou postas de lado? Quais são elas? Por que são evitadas?
- 4 Que teorias você acredita que estejam “competindo” com a semântica formal hoje em dia?
- 5 Você considera o instrumental lógico-matemático da semântica formal superior aos outros instrumentais? Por quê? Em que medida o uso desse instrumental pode tornar o estudo do significado linguístico mais científico?

## ANEXO V

### Respostas dos questionários enviados aos semanticistas formais

#### **INFORMANTE 2**

**O que você entende por semântica formal? Você se considera um semanticista formal?**

A semântica é tida como "o estudo do significado". A semântica formal é uma ciência empírica, que busca explicar como se dá a atribuição de significados às expressões das línguas humanas. Essa semântica tem com o formalismo o mesmo compromisso que qualquer ciência empírica tem: vale-se de linguagens formais para oferecer um modelo rigoroso e com tal explicitude que promova a compreensão pública de sua proposta e permita a sua refutação. A semântica formal das línguas naturais tem caráter preditivo, é um empreendimento coletivo. Ela sofre preconceito como qualquer formalismo, injustamente acusado de reducionismo, por determinar um objeto e um método de abordagem que produzem hipóteses refutáveis. No caso da semântica formal, ela é imprópria para trabalhar com textos, discursos e gêneros, mas é um precioso instrumento para a análise de como as expressões linguísticas, de morfemas a sintagmas e sentenças, codificam significado.

**Para você, quem são os expoentes dessa abordagem?**

Angelika Kratzer, Barbara Partee, Cris Kennedy, Emmon Bach, Genaro Chierchia, Godehard Link, Irene Heim, Jenny Doetjes, Manfred Krifka etc.

**Quais questões impulsionam a pesquisa na semântica formal atual? Há questões que são evitadas ou postas de lado? Quais são elas? Por que são evitadas?**

Uma questão muito atual da linguística são os universais e parâmetros: agora que se atingiu uma descrição mais abrangente de muitas línguas, incluídas aí as ameríndias e africanas, será possível manter os universais postulados em 1970-1980, quando as línguas mais conhecidas eram as europeias? Por exemplo, os universais sobre os determinantes (Barwise & Cooper 1981) não se sustentaram. A distinção massivo-contável está em debate, com a revisão do que se tinha como visão central. A semântica experimental está cada vez mais "na moda". Os epistêmicos e modalizadores também foram valorizados, dada a descoberta de línguas em que há morfemas ou operadores especializados. Quantificadores e determinantes estão sob revisão, e tudo o que se sabia sobre eles está sendo questionado (Kratzer 2002): serão os determinantes operadores sentenciais disfarçados? A semântica de graus tem se expandido bastante, aplicando-se a adjetivos, a intensificadores, a sintagmas verbais... Não acredito que haja questões "evitadas" ou "postas de lado" numa ciência empírica, por questões políticas ou de conveniência. Não há uma conduta consciente de "evitação". Acredito que, como em qualquer atividade humana, os interesses do momento são ditados tanto por fatores internos à teoria (sua maturidade, que vai permitir alcançar, com os instrumentos existentes, alguns temas em profundidade, e outros ainda não) quanto externos (áreas com maior visibilidade, com mais probabilidade de fomento, história da ciência etc.)

**Que teorias você acredita que estejam "competindo" com a semântica formal hoje em dia?**

Eu não vejo nenhum competidor direto, no sentido em que não acho que as semânticas de linhas diversas formulem as mesmas questões de pesquisa, ainda quando investigam um mesmo tema. A cognitiva, por exemplo, produziu um conhecimento fundamental sobre verbos de movimento (Tenny 1995), que é

aproveitado nos estudos sobre o tema em semântica formal. Penso que a humanidade alcançou tal volume de conhecimento que estamos sobre os ombros de muitas gerações, e estamos tão especializados que não cabe eleger um só método de pesquisa e uma só teoria para dar conta de tudo. Também na produção de conhecimento científico a diversidade de métodos e pressupostos teóricos é bem vinda, e é preciso respeitar posições distintas e aproveitar o conhecimento gerado por outros percursos.

**Você considera o instrumental lógico-matemático da semântica formal superior aos outros instrumentais? Por quê? Em que medida o uso desse instrumental pode tornar o estudo do significado linguístico mais científico?**

O instrumental lógico ou matemático, as chamadas fórmulas, são importantes para evitar a ambiguidade das línguas naturais na metalinguagem científica, proporcionando mais precisão. Na física, por exemplo, também se adota fórmulas para tornar explícitas e precisas as análises. Mas isso é apenas uma linguagem: é possível fazer uma boa análise sem usar fórmulas, e é possível usar fórmulas em análises equivocadas. A vantagem é que, uma vez expressa nessa linguagem, é muito mais fácil perceber e apontar o equívoco do que se a análise for expressa de qualquer outro modo. Como as hipóteses de qualquer modelo formal podem ser derrubadas por exemplos que não caibam nela, a explicitude é sempre uma vantagem, por facilitar a verificação da adequação empírica da teoria.

**INFORMANTE 3**

**O que você entende por semântica formal? Você se considera um semanticista formal?**

Vou inverter a ordem. Primeiro, me considero um semanticista formal.

Segundo, pra mim, podemos entender a semântica formal contemporânea de duas formas. Por um lado, é a busca por explicações de fenômenos gramaticais através do uso de noções como 'referência', 'denotação' etc. Com isso quero dizer que se busca explicar o comportamento gramatical de uma expressão pelo o que ela denota. Veja o caso dos nomes. A oposição massa/contável é uma oposição referencial que possui consequências gramaticais (sintáticas, ou composicionais) para muitas línguas. Por outro lado, podemos entender o escopo da semântica como o estudo do papel composicional das expressões para o significado da oração. Veja que as duas coisas estão entrelaçadas. Preciso do significado dos itens para dar o significado do todo (da oração ou sentença). Assim, a semântica formal envolve algum tipo de interface com o léxico e com a sintaxe. Precisamos mostrar não apenas qual é a referência do item, mas também como essa referência contribui para o seu papel composicional. Claro, entendo por semântica formal as diversas abordagens que vem realizando a empreitada iniciada por Richard Montague, e trazida para o bojo da linguística por Bárbara Partee. Essa abordagem envolve basicamente o uso de uma linguagem matemática para capturar os dois aspectos que mencionei acima. Há várias 'semânticas formais' feitas pelo mundo afora hoje, e embora tenham compromissos epistemológicos distintos em alguns graus (compromisso com o empreendimento gerativo, como a abordagem de Irene Hein e Angelika Kratzer (1998), por exemplo; ou falta de compromisso, como a Gramática Categorial, que conheço pouco), todas elas se utilizam de linguagens lógicas, pretendem explicar a contribuição composicional das expressões, e usam as noções de 'verdade' e de 'referência'.

**Para você, quem são os expoentes dessa abordagem?**

Depende.

No Brasil: Roberta Pires de Oliveira, Ana Müller, Marcelo Ferreira, Renato Basso, Luiz Arthur Pagani.

No exterior: Irene Hein, Barbara Partee, Angelika Kratzer, Gregory Carlson, Gennaro Chierchia, Christopher Kennedy, David Dowty, Roger Schwarzschild, Sigrid Beck, Armin von Stechow, Paul Portner, Susan Rothstein...

**Quais questões impulsionam a pesquisa na semântica formal atual? Há questões que são evitadas ou postas de lado? Quais são elas? Por que são evitadas?**

A pergunta é muito ampla. Vamos por partes.

A) As questões atuais: há diversos conjuntos de problemas. Talvez dando uma olhada em dois Handbooks de épocas distintas se possa ter uma ideia da vitalidade do campo (compare, por exemplo, o handbook organizado por von Stechow em 1991 com o handbook organizado por Paul Portner em 2012). De qualquer forma, há uma série de temas que geram muito debate: a semântica dos nomes e sintagmas nominais; dos adjetivos, seus graus e relações de significado; a semântica do verbo e do sintagma verbal (tempo, aspecto, acionalidade etc.); intensionalidade (auxiliares modais, verbos de atitude proposicional etc.); quantificação; dêixis e anáfora; pressuposição; relações de interface com o léxico, com a morfologia, com a sintaxe, com a pragmática. No Brasil as pesquisas tem girado em torno da denotação dos nomes, principalmente do chamado 'singular nu' (à primeira vista é um nome contável sem determinante) e de aspectos do verbo e do sintagma verbal. Há também algumas pesquisas recentes sobre adjetivos e gradação.

b) questões evitadas: não sei responder essa questão, ela deveria ser mais específica. Se você quer saber se há questões dentro da semântica que são evitadas, eu diria que não. Há temas que não são discutidos no Brasil por motivos diferentes. O pouco número de pesquisadores é um dos motivos. O outro é o interesse pessoal dos próprios semanticistas. As pessoas pesquisam o que lhes desperta curiosidade intelectual. É por isso que eu faço semântica, e é por isso que estudo as coisas que estudo, quero saber mais sobre elas.

Agora, se há questões sobre o significado que a semântica evita. Aí a história é diferente. Depende do que você tem em mente.

**Que teorias você acredita que estejam “competindo” com a semântica formal hoje em dia?**

Nenhuma, eu diria. Competindo em que sentido?

Mas depende do tema, também. Não dá pra fazer descrição gramatical sem semântica. Há vários aspectos da gramática de uma língua que precisam considerar o significado. Como falar de verbo sem considerar tempo, aspecto, acionalidade? Como explicar o uso do artigo 'o' sem falar em definitude?

Abordagens do estudo 'discursivo', seja uma sintaxe funcional ou uma linguística do texto, precisam falar do significado. A diferença é que a preocupação com a formulação de uma teoria formalmente explícita só existe na semântica formal. Os funcionalismos e a linguística textual clássica não distinguem os níveis sintático, semântico e pragmático. A semântica formal separa claramente os níveis sintático, semântico e pragmático.

O problema, eu creio, é que os pesquisadores de diferentes orientações não conversam entre si. Por exemplo, certamente poderíamos fazer um seminário sobre verbo em que pesquisadores do texto, funcionalistas e formalistas pudessem dizer coisas complementares ou contraditórias sobre o tema. Mas como avaliar quem dá uma explicação mais abrangente, ou definitiva sobre o assunto? Não dá pra avaliar, eu acho, porque cada uma das abordagens coloca questões diferentes para os dados, cria diferentes objetos (a velha lição do Saussure), e portanto são incomensuráveis.

O projeto da Gramática do Português Culto Falado no Brasil objetivava colocar pesquisadores de diferentes abordagens escrevendo sobre o mesmo tema. Não sei até que ponto isso de concretizou ao longo das diferentes publicações do projeto.

Fazer linguística envolve algum tipo de decisão teórica, praticamente em todos os níveis de análise da linguagem.

Apesar disso, veja que há temas que não podem ser resolvidos dentro de uma abordagem particular. Não dá pra explicar nexos de significado ou a distinção massa-contável fora da semântica. Talvez dê pra explicar o funcionamento de uma cadeia referencial, ou da coerência de um texto apenas em termos referenciais, mas não é isso a que se propõe a semântica formal tradicional (embora a DRT, Teoria de Representação do Discurso, busque explicar fenômenos discursivos, como a anáfora e a dêixis).

**Você considera o instrumental lógico-matemático da semântica formal superior aos outros instrumentais? Por quê? Em que medida o uso desse instrumental pode tornar o estudo do significado linguístico mais científico?**

Novamente, como assim, 'superior'? Que outros instrumentais?

Se ele me fornece um mecanismo de formulação explícita de teorias, certamente ele é superior a uma teoria que apenas formule hipóteses usando linguagem natural (claro, posso ser rigoroso mesmo usando língua natural). Se tenho uma abordagem explícita, posso testá-la de diferentes formas: achar contraexemplos, formular um teste para verificar a realidade psicológica (do ponto de vista do adulto ou da aquisição pelas crianças), verificar as previsões que a teoria faz etc. Nesse sentido ela é uma abordagem 'mais científica'. Mas, creio, tudo depende com que tipo de abordagem você está comparando. Uma pergunta ampla como essa fica difícil responder.

#### **INFORMANTE 4**

**O que você entende por semântica formal? Você se considera um semanticista formal?**

A semântica que procura relações lógico-matemáticas para explicar fatos da língua, especialmente com relação ao significado de sentenças. Em parte, me considero. Acredito que estou numa interface entre semântica-formal e lexical.

**Para você, quem são os expoentes dessa abordagem?**

Bárbara Partee e Angelika Kratzer são os nomes que primeiro me aparecem. No Brasil, acredito que a Roberta Pires de Oliveira e a Ana Müller.

**Quais questões impulsionam a pesquisa na semântica formal atual? Há questões que são evitadas ou postas de lado? Quais são elas? Por que são evitadas?**

Não sei responder.

**Que teorias você acredita que estejam "competindo" com a semântica formal hoje em dia?**

Não sei responder.

**Você considera o instrumental lógico-matemático da semântica formal superior aos outros instrumentais? Por quê? Em que medida o uso desse instrumental pode tornar o estudo do significado linguístico mais científico?**

É uma questão de perspectiva, não de superioridade. Se acredito que a língua tem regras (ou uma lógica), desejo descrevê-las com o máximo de precisão possível. O referido instrumental parece oferecer isso de maneira adequada.



**INFORMANTE 5****O que você entende por semântica formal? Você se considera um semanticista formal?**

Num sentido estrito, a definição de semântica formal é a dos manuais: a teoria que analisa o significado da língua natural com um instrumental teórico lógico-matemático. Nesse sentido, o postulado geral da teoria é a formulação de Richard Montague, de que não existe diferença importante entre linguagens formais e as línguas naturais. Essa definição é incompatível (ou apenas parcialmente compatível) com o que muitos estudos ditos de semântica formal fazem. Primeiro, porque há estudos que não formalizam, ou que formalizam numa forma, descrita por Thomason & Stalnaker (1973), como formalizações informais, que seguem a forma básica do cálculo de predicados, mas que não necessariamente transcrevem para essa linguagem (ou para outro tipo de cálculo) todos os elementos representados. Há ainda trabalhos que não apresentam nem mesmo formalizações informais e incompletas, como a maior parte do meu trabalho de pesquisa.

Já escutei alguém dizer (não lembro, senão diria quem disse) que “se não formalizar não é semântica formal”. Eu acho que não é exatamente o caso; não é o caso de ser o que a teoria estabelece (mesmo a semântica formal mais formal, quer dizer, aquela que te dá a formalização) e muito menos o caso do que a história da teoria mostra – quer dizer, independente do que os pesquisadores dizem que fazem, ou que pretendem fazer, aquilo que eles realmente fizeram ao longo da história e foi chamado, por eles ou por quem quer que seja de semântica formal.

Assim, num sentido mais amplo, a semântica formal não é aquela teoria que necessariamente apresenta uma formalização, um algoritmo, para a descrição da expressão linguística em questão, mas que trabalha tendo como perspectiva (ainda que não imediata) a descrição do funcionamento dessa expressão da maneira mais formalizada possível. Aí entram as “formalizações informais”, os esquemas de referência temporal reichenbachianos, etc.

Num sentido ainda mais amplo, a semântica formal é a investigação do significado da linguagem humana a partir de uma abordagem puramente introspectiva e com base em uma tradição filosófica da linguagem, na linha daquilo que mais ou menos se convencionou tratar de filosofia da linguagem, dentro de uma tradição iniciada mais recentemente por Gottlob Frege (ainda que muitos semanticistas formais pretendam uma linhagem ainda mais recuada no passado). Nessa linha, muitos trabalhos seguem uma proposta que vem do segundo Wittgenstein, através de filósofos da linguagem como Zeno Vendler, por exemplo, se aventurando na selva intrincada dos dados, dos contextos de usos das expressões e contemplando – talvez, às vezes apenas talvez – a possibilidade de se atingir uma formalização. Que às vezes é deixada para um outro momento, talvez por alguém mais versado na relojoaria dos cálculos.

Ainda assim, acho que podem ser reconhecidas algumas assunções básicas nesses trabalhos – assunções intuitivas e reconhecidas como evidentes, que podem ser formuladas mais ou menos assim:

- palavras [morfemas] da língua natural nomeiam [com as restrições de praxe] objetos reconhecidos (ou reconhecíveis) como tal no mundo; não necessariamente nomeiam objetos existentes no mundo (cuja natureza e divisão não são objeto de estudo da linguística);
- o significado das sequências (sentenças) da língua natural é composto pelo significado dos itens que compõem e da posição deles na sentença;
- as sentenças são passíveis de serem interpretadas em termos de valor de verdade, ainda que pelo estabelecimento das suas condições de verdade;
- esse sentido denotativo, literal e composicional, ao que se pode atribuir valor de verdade (ou, alternativamente, cujas condições de verdade podem ser estabelecidas) subjaz ao sentido efetivo daquilo que é dito, depois a que ele é adicionado, ou



sobreposto, o sentido daquilo que é implicado, ou acrescentado de alguma forma, na situação específica e concreta de uso.

A semântica formal vai pressupor um universalismo de tipo chomskyano de uma forma ao mesmo tempo mais radical (a lógica é universal de universo, mesmo; não de humano) e mais branda (não há um compromisso necessário com uma estrutura de gramática universal biologicamente determinada). Nesse sentido, não faz muita diferença discutir se a linguagem é inata (dado que a lógica é assim porque o Universo é assim e o Universo é assim porque a lógica é assim, a linguagem humana só poderia ser assim, ou não serviria pra nada). Esse pressuposto básico é também um pressuposto cognitivo: a linguagem e a lógica são assim porque a nossa cognição do mundo é assim.

Nossa definição básica do que é uma língua é a mesma dos chomskyanos – ou, antes, a dos chomskyanos é que é uma definição formal (conjunto virtualmente infinito de sentenças construído a partir de um conjunto finito de elementos), mas obviamente precisamos concordar com eles que a forma sintática é autônoma com relação à forma semântica.

Essa ligação com os chomskyanos tem se desenvolvido num movimento pelo qual eles pretendem nos anexar (isso implica uma relativização da interdição de fazer semântica pontificada pelo Grande Guru do MIT). Eu faço parte dos que resistem a essa anexação. O Chomsky pode ser pessoalmente um anarquista, mas ele é o tycoon da Linguistics Inc., que é uma grande corporação nos mesmos moldes daquelas que ele combate em seus ensaios políticos.

STALNAKER, R. C.; THOMASON, R. H. 1973. A semantic theory of adverbs. *Linguistics and Philosophy* 4: 195-220.

### **Para você, quem são os expoentes dessa abordagem?**

Acho que nós somos uma veneranda tradição. Nossas questões fundamentais foram formuladas pelos gregos. No Sofista, Platão explica que ónoma e rhema se juntam pra formar uma sentença, que é o que tem valor de verdade. Nomes sozinhos não tem VV, verbos [predicados de n lugares] sozinhos não tem VV. É a questão central, pra ele; é o ponto de qualquer aula de introdução à semântica formal [o exemplo de Platão é Sócrates corre; na minha aula introdutória à semântica formal, com o Borges, em 1993, foi João corre]. Os pontos fundamentais da lógica aristotélica, descritos na primeira parte do *Órganon*, são basicamente subscritos pela semântica formal.

Há uma sequência histórica nessa tradição, formada por algumas continuidades básicas. Há, é claro, muitas rupturas. Obviamente a história que eu apresento aqui é uma história koerneriana do tipo 2, uma história que advoga um determinado ponto de vista sobre a natureza da linguagem e da pesquisa linguística. Esse tipo de narrativa costuma entender o passado de uma forma bem teleológica. E basear suas pretensões de encontrar percursos no passado não raro em distorções de termos e conceitos do passado. Porém, eu acredito que em diversos sentidos é possível entrever continuidades importantes (juntamente com descontinuidades igualmente, ou até mais, importantes), ainda que os conceitos tenham mudado ao longo do caminho.

Eu diria que a constelação clássica inclui, obviamente, Frege (e Russell, e Husserl), Tarski e Montague<sup>50</sup>. Acho que dá pra incluir figuras-chave que lançaram os fundamentos mais operacionais, como Hans Reichenbach, Zeno Vendler (que nem era formalista), Barbara Partee (a única linguista que, segundo Montague, não era o caso

---

<sup>50</sup> Há uma descontinuidade importante, aqui. Frege e Tarski, pelo menos (os outros eu não sei, Husserl dá a entender que contempla a possibilidade), não acreditavam que a semântica de base lógica pudesse dizer alguma coisa de relevante para a semântica das línguas naturais.

de que ele não conseguia falar com ela<sup>51</sup>), David Dowty. A partir daí, eu acho que grupos diferentes dizendo coisas diferentes, e daí dá pra citar um monte de nomes, dependendo do campo em que você trabalha.

No Brasil, duas influências importantes e decisivas são o Ilari e o Borges. Eles meio que deram os fundamentos do trabalho por aqui, formaram a primeira geração de pesquisadores.

**Quais questões impulsionam a pesquisa na semântica formal atual? Há questões que são evitadas ou postas de lado? Quais são elas? Por que são evitadas?**

Se compararmos o que a semântica formal descreveu, entre meados dos anos 90 e o atual momento, dá pra dizer que o “paradigma” foi bastante produtivo. Trabalhos envolvendo níveis de significação para além do significado-composicional (por exemplo, nível das implicaturas), construção de significado (sentido?) num contexto, tem sido cada vez mais comuns. A descrição da significação de algumas expressões, como advérbios e quantificadores “não-lógicos” avançou bastante.

A semântica formal tem se mantido, eu diria, saudavelmente longe de super-explicar, de ter “uma explicação para tudo”, nos termos de Popper. Acho que isso está ligado ao fato de que o semanticista formal descreve sempre um fragmento de uma língua. A “teoria” mal tem uma definição para várias questões importantes: o que é uma língua? o que são palavras? como funciona a comunicação humana? o signo é arbitrário? estruturas lógicas são estruturas cognitivas? Acho que essas questões são “postas de lado”. Eu evoquei alguns pontos de vista chomskyanos acima, mas mais como convicção. Eles não são necessariamente pontos da teoria. A semântica formal é fortemente operacional, uma teoria “pé-de-boi”, no sentido que minha bisavó usava. Descreve seu fragmento e é isso. Teria alguma importância o fato de o Tarski, o semanticista favorito do Karl Popper, ter sido o orientador do Montague?

Mais materialmente falando, a semântica formal se caracteriza por “pôr de lado” os níveis da significação para além do significado “literal”: implicaturas, atos de fala, contexto, contexto. É o que já foi descrito por um crítico das teorias formais como “faxina da linguagem” ou “pasteurização da linguagem”. A ideia é passar pra eles depois que se tiver um pouco mais de segurança sobre estas partes mais básicas. Mas nunca foi unânime a posição de que essas coisas sejam formalizáveis. E algumas delas já está se propondo formalização...

**Que teorias você acredita que estejam “competindo” com a semântica formal hoje em dia?**

Não acredito que nenhuma das teorias linguísticas que se colocam como alternativas às abordagens formais estejam competindo com elas, de um ponto de vista epistemológico, pelo menos. Elas centralizam alguns aspectos da(s) linguagem(ns) para além do aspecto que nós centralizamos, mas um formalista não teria, a princípio, que discordar que a linguagem funciona para a comunicação humana e está estruturada para essa função; que a significação não se esgota no sentido literal; que as linguagens matemáticas, como o cálculo de predicados, podem ser melhor vistas como uma aproximação à cognição humana, mas que não tem como representar todos os processos; que somos assujeitados por discursos que nos precedem.

Claro, as pessoas, os grupos de pessoas podem estar competindo – e em geral estão. As turminhas, as “curriolas”<sup>52</sup> estão sempre tramando umas contra as outras, principalmente nas universidades. Porém não é verdade que todos os pesquisadores

<sup>51</sup> <http://quarterlyconversation.com/less-than-meets-the-eye-david-berlinski-the-mad-man-samuel-r-delany>

<sup>52</sup> Prof. Carlos Faraco utilizava esse termo, nas suas aulas, em meados da década de 90, para se referir às turminhas da Academia.

que “professam” qualquer teoria  $x$  estão competindo ferozmente com todos os pesquisadores que professam qualquer teoria alternativa  $y$ , tal que  $x \neq y$ . Há pessoas mais e menos competitivas e, eu acho, que há teorias com programas políticos mais e menos expansionistas. Sinceramente, acho que a semântica formal é pouco expansionista.

Em algumas teorias do significado, é quase uma praxe começar os trabalhos com uma crítica às semânticas formais. É uma espécie de ritual de iniciação para os neófitos. Eu mesmo, se somar os artigos a que eu dei parecer com os que eu recusei porque achei que não faz sentido esse tipo de trabalho, fui convidado, ao longo de uns vinte anos, para dar parecer em uns dez trabalhos claramente de neófitos que pretendiam desbancar o Frege. A Roberta Pires se expressou lindamente no seu livro de Introdução à Semântica Formal quando diz que a SF se tornou uma espécie de “inimigo a ser combatido”. Somos encarados como siths, como se pertencêssemos ao “lado negro da força”.

Eu, por mim, acho que não há por que “competir”. Se você acha que a tua teoria chegou à “verdadeira verdade” sobre a natureza da língua(gem) humana, então ponha as mãos nos dados e mostra como funciona.

Um adendo: eu disse, no primeiro parágrafo, que, nas universidades, as “curriolas” estão sempre tramando umas contra as outras. Tenho um dado importante pra te passar, acerca disso, e vem do segundo volume da série de Richard Evans, O Terceiro Reich:

O sucesso dos nazistas em adequar as universidades a seus propósitos ideológicos foi [...] surpreendentemente limitado. [...] Nem Bernhard Rust nem Alfred Rosenberg, as duas lideranças nazistas eminentes no campo da educação e ideologia, eram politicamente hábeis ou determinados o bastante para driblar professores astutos cujas aptidões para intriga e dissimulação haviam sido aguçadas em décadas de luta interna nos comitês universitários. [EVANS, 2011: 352]

O ponto aqui é: nem os nazista puderam com as curriolas universitárias! Nem os nazistas...

EVANS, Richard J. O Terceiro Reich no poder. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

**Você considera o instrumental lógico-matemático da semântica formal superior aos outros instrumentais? Por quê? Em que medida o uso desse instrumental pode tornar o estudo do significado linguístico mais científico?**

Não diria superior. Ele é complementar a outros instrumentais e, em algumas ocasiões específicas, é decisivo. É decisivo porque ele é que te permite vislumbrar a estrutura mais profunda subjacente ao fenômeno. Ao mesmo tempo, se existe uma investigação para determinar como se dá o significado nas línguas naturais, existe também uma investigação sobre a lógica, sobre como ela funciona. Há mais de uma lógica, talvez chegue o momento em que a gente conclua que a lógica pode descrever melhor a língua natural desde que a gente faça adequações nela. Que a descrição da estrutura mais profunda exige um cálculo de predicados modificado – e exige, e ele incorporou modificações ao longo do tempo.

Isso não exclui a investigação em outras frentes. Funcionalismo, discurso, pode tudo. Como disse o Feyerabend.

Em sentido estrito, torna o estudo mais científico: sim. Se considerarmos os limites da teoria, o que ela propõe. Em sentido mais amplo, não garante totalmente a cientificidade, que demanda muito mais coisas. A começar por definir o que é essa cientificidade, que está em debate. Não estamos em Viena, não é mais 1936.

**O que você entende por semântica formal? Você se considera um semanticista formal?**

Enquanto semântica, a semântica formal na Linguística (é bom lembrar que a semântica formal foi inventada pelos lógicos, que a aplicaram muito antes de influenciarem os linguistas; ela hoje também é empregada na Ciência da Computação, para lidar com as linguagens de programação) pode ser entendida como o ramo de análise linguística que estuda a parte da significação normalmente chamada de significado literal (que é difícil de definir, mas está fundamentalmente associado à nossa capacidade de fazer juízos de consequência, que é relativamente independente de contextualização, e que está na base da capacidade que os humanos tem de se entenderem através de uma língua natural).

[A Roberta Pires de Oliveira] escreveu um capítulo de livro discutindo três vertentes de formalismo; ainda que seja na linguística, e não na semântica formal, acho que o mesmo tipo de ambiguidade (ou vagueza) afeta o termo “semântica formal”.

De qualquer forma, neste momento, posso lembrar que há na tradição linguística e filosófica pelo menos duas linhas: a primeira entende “forma” como oposto de “substância” (assim, esta é uma semântica que estuda a colaboração da estrutura linguística, e não dos itens lexicais, por exemplo); a segunda emprega algum sistema formal para estudar a significação (e esta pode ser ramificada em duas partes, caso se entenda que as línguas naturais devem ser tratadas exatamente como as línguas formais, ou caso se entenda que uma língua formal serve apenas como metalingua para descrever e explicar o significado). Observe que, na minha descrição, nenhuma das acepções são antagônicas.

De brincadeira, poderia dizer que “semântica formal” é uma semântica metida a besta, porque se veste de terno e gravata e se comporta sempre muito protocolarmente...

E, sim, eu me considero um semanticista formal, ainda que caiba ainda mais uma distinção: eu não sou um empirista, portanto não estou preocupado em observar, descrever e explicar algum fenômeno linguístico específico; sou antes um teórico, que prefere entender o funcionamento, as possibilidades e as limitações de uma teoria semântica. Como já disseram do Borges, parece que sou antes um filósofo do que um linguista...

**Para você, quem são os expoentes dessa abordagem?**

Sem o Richard Montague, talvez nem tivéssemos uma semântica formal dentro da linguística; foi ele quem conseguiu pela primeira vez mostrar que era possível aplicar às línguas naturais o procedimento que o Alfred Tarski tinha inventado para as línguas formais.

Talvez a gente também não tivesse semântica formal na linguística sem o ex-casal Barbara Hall Partee e Emmon Bach; eles ajudaram a divulgar o procedimento montagoveano entre os linguistas e aumentaram bastante o escopo empírico desta linha. Eles também são responsáveis por formar muitos dos semanticistas formais que estão em atuação.

Depois deles, o Godehard Link tem um papel importante na compreensão da distinção entre massivo e contável; a Angelika Kratzer tem reconhecimento inclusive na filosofia e na lógica pelo trabalho com modalidade; já a Irene Heim e o Hans Kamp têm destaque na questão do indefinido.

E isso me leva à semântica dinâmica, iniciada independentemente pelos mesmos Heim e Kamp. E mais do que a DRT, do Kamp, prefiro a dos holandeses, em especial a de Groenendijk e Stokhof.

Aqui no Brasil, talvez não tivéssemos semântica formal se não fosse o empenho pioneiro do Rodolfo Ilari, que acho que foi quem primeiro falou de Montague por aqui entre nós, linguistas. Acho que a maior parte dos semanticistas formais brasileiros foram formados direta ou indiretamente por ele. A Ana Lúcia Müller, da USP, e a Roberta foram orientandas dele. Outro nome importante é o de José Borges Neto (que também foi orientando do Ilari, ainda que a tese tenha sido de epistemologia da gramática gerativa, e não de semântica); ele consolidou uma linha aqui na UFPR (não só de semântica formal, mas que incluía também a gramática categorial). O Sérgio Menuzzi também foi orientando do Ilari (ainda que o Sérgio não seja apenas semanticista e, quando é, não é só formal). A Esmeralda Negrão teve formação diferenciada, porque foi orientanda do Robin Cooper; ainda na USP, tem o Marcelo Ferreira, que também não foi orientando do Ilari, mas foi aluno de graduação da Unicamp, e depois do doutorado se converteu à semântica formal.

E, claro, há uma nova geração sendo formada. O Renato Miguel Basso, ainda que não tenha sido orientando de doutorado do Ilari, tem uma ligação bastante forte com ele. O Luisandro Mendes foi orientando da Roberta e o Marcos Goldnadel foi orientando do Jorge Campos (que eu não mencionei antes porque pratica uma semântica influenciada pela filosofia anglo-saxônica, mas não chega a ser um formalista), ambos são professores na UFRGS, como o Menuzzi; a Ana Paula Quadros Gomes foi orientanda da Ana Lúcia Müller, e está na UFRJ.

Apesar de ter listado algumas pessoas, é claro que devo estar esquecendo de alguém.

**Quais questões impulsionam a pesquisa na semântica formal atual? Há questões que são evitadas ou postas de lado? Quais são elas? Por que são evitadas?**

A primeira grande questão da semântica formal, como eu tinha mencionado antes, foi a da aplicabilidade da interpretação dos sistemas formais às línguas naturais; mas essa é mais uma questão teórica do que empírica.

E quando o Montague insistiu nessa aplicação, o maior resultado que ele obteve foi o da unificação da interpretação de dois tipos de sintagmas nominais: os nomes próprios e as descrições definidas. Depois da solução de Russell para a interpretação das descrições definidas (sintagmas nominais iniciados com o artigo definido singular com nome comum contável, que portanto designa um único indivíduo), essas duas subcategorias passaram a ter distribuições sintáticas e interpretações semânticas diferentes: os nomes próprios seriam argumentos de predicados e denotariam indivíduos; as descrições individuais seriam funções (que tomam o predicado como argumento e resultam numa sentença) e denotariam quantificadores generalizados (funções que tomam a função denotada pelo SV como argumento e resultam num valor de verdade). O Montague mostrou que os nomes próprios também podiam ser tratados como quantificadores generalizados (usando o recurso da sublimação individual: um indivíduo pode ser identificado com a intersecção de todos os conjuntos de forma que ele é o único membro dessa intersecção), e pode ser considerado um quantificador generalizado, como as descrições definidas.

De lá para cá, se descobriu muita coisa sobre a interpretação do sintagma nominal. Como eu também já mencionei, a distinção entre termo contável e termo de massa ganhou novas dimensões e um antigo problema da interpretação dos indefinidos recebeu a sua primeira solução; além disso, se começou a falar dos SN nus e os genéricos também tornaram a ser rediscutidos.

Em relação ao SV, sua interpretação começou a ganhar fôlego a partir das propostas de Vendler, de tipos de eventos, e da sugestão do Davidson, de tratar os eventos como indivíduos da ontologia. Com isso, todos os procedimentos para a interpretação



dos SNs puderam ser aplicados ao SV. Questões como a do paradoxo do imperfectivo puderam receber um tratamento mais unificado.

Ainda nessa mesma fase, iniciou-se um trabalho sobre os advérbios, que também foram tratados como quantificadores. Logo depois, questões relativas à modalidade começaram a ser tratadas dentro da semântica formal pela também já mencionada Angelika Kratzer.

Mais recentemente, com o advento da semântica dinâmica, algumas questões que eram consideradas mais pragmáticas puderam receber um tratamento formal. Assim, passamos a ter boas explicações para as anáforas, que sempre deram trabalho para a semântica formal; e mesmo a dêixis já pode ser tratada a partir da proposta de lógica dos demonstrativos, de David Kaplan. Mesmo as implicaturas começam a ganhar espaço dentro da semântica formal.

Quanto à sua pergunta sobre questões evitadas ou postas de lado, minha perspectiva também é um pouco diferente. Não me parece que haja qualquer complô diabólico para esconder ou fingir que algumas questões não existem... Me parece antes que o que acontece é que, quando um determinado recurso descritivo ou explicativo é descoberto, o normal é explorar esse recurso para descobrir qual é o seu potencial e saber quais são seus limites; a maneira mais corriqueira é aplicar o recurso ao maior número de casos empíricos e, claro, começar pelos mais evidentes e mais fáceis é uma solução prática compreensível. Mas quando esse procedimento é perseguido com a devida persistência, não há porque evitar qualquer questão porque, em princípio, ela não seria adequada para aquele procedimento. Por isso, alguns fenômenos empíricos são mais compulsivamente estudados, enquanto outros são menos lembrados. Mas se a gente procurar bem (ou dermos tempo para os paradigmas trabalharem por tempo suficiente), sempre a gente encontra um maluco tentando aplicar um método onde menos se esperaria que ele funcionasse; eu mesmo sou um que adora fazer isso.

Só para terminar, acho que vale a pena lembrar a minha obsessão epistemológica, o que justifica que eu não tenha citado nenhum fenômeno empírico mais detalhadamente. É que eu sou formalista até para falar da semântica formal.

**Que teorias você acredita que estejam “competindo” com a semântica formal hoje em dia?**

Falando de uma maneira mais estrita, não são as teorias que entram em competição; são as pessoas que competem umas contra as outras (e parece que estamos num período em que a competição é uma coisa completamente na moda, como mostra o sucesso dos reality shows). As teorias não são entidades intencionais, que tomam a decisão de se comparar ou se opor umas às outras.

Mas se o que você estava querendo perguntar é que outras escolas semânticas estão disponíveis atualmente como alternativas para serem escolhidas para se praticar a semântica, eu poderia mencionar o funcionalismo (há um centro importante na Unesp de São José do Rio Preto), a semântica argumentativa (além do Eduardo Guimarães, alguns pesquisadores formados sob sua influência estão espalhados pelo Brasil), e a linguística discursiva (o Valdir Flores, da UFRGS, coordena um grupo que tem publicado alguns livros). (Essas teorias são normalmente concebidas como antagonistas da semântica formal por ambas as partes – tanto deles em relação à semântica formal, quanto da semântica formal em relação a eles – mas não acho que essa oposição seja necessária.)

Ainda de uma perspectiva mais ampla, se pensarmos no estudo da significação, a própria pragmática pode ser vista como uma alternativa à semântica formal (ainda que

eu também não acredite numa oposição necessária aqui); e mesmo a análise do discurso oferece uma via alternativa para a compreensão da significação.

De qualquer maneira, acho que a formulação da sua pergunta induz a uma confusão entre duas coisas diferentes: de um lado temos as características das teorias semânticas, que podem ser complementares, contraditórias ou simplesmente incomparáveis entre si; de outro, temos o aspecto sociológico de como os semanticistas praticam e defendem sua teoria, ou como atacam a prática de outras teorias.

**Você considera o instrumental lógico-matemático da semântica formal superior aos outros instrumentais? Por quê? Em que medida o uso desse instrumental pode tornar o estudo do significado linguístico mais científico?**

Não. Eu considero o instrumental lógico-matemático de uma parte da semântica formal (porque a semântica formal, a da forma oposta à substância, não precisa necessariamente adotar o instrumental lógico-matemático) adequado para resolver as questões a que essa semântica formal se dispõe a explicar.

Os recursos formais são apenas uma ferramenta que precisa ser complementada com recursos metodológicos que determinem como aplicar o instrumental lógico-matemático; sem essa metodologia, simplesmente não há o que fazer com o mais poderoso instrumental lógico-matemático.

A teoria de conjuntos e o cálculo de predicados não nos dizem nada sobre o fenômeno semântico em si. É preciso que haja uma diretriz clara sobre a descrição do fenômeno semântico antes de podermos aplicar criteriosamente esses recursos para produzir uma descrição e uma explicação formais. Em resumo, uma fórmula, por mais precisa e complexa que seja, não diz nada sobre o fenômeno semântico, a menos que haja um entendimento de como aquela fórmula representa e explica o fenômeno linguístico; uma fórmula sem uma interpretação clara funciona mais como um obscurecimento da questão do que como uma boa explicação.

Em relação a “tornar o estudo do significado linguístico mais científico”, essa é uma questão que depende basicamente como se entende o que seja um “estudo científico”. Como a semântica formal, quando bem praticada, costuma vir junto com critérios de explicitação epistemológica em relação aos recursos teóricos e às observações empíricas, isso normalmente a aproxima do paradigma científico mais moderno, em que o grande modelo é a física; mas isso não é uma característica necessária da semântica formal, que, como tudo, sempre pode ser praticada de uma maneira irresponsável. Além disso, o paradigma físico não é o único modelo de cientificidade; aspectos humanos, mais imponderáveis, também podem ser bem capturados por uma metodologia menos formal. Tudo sempre depende da seriedade e do empenho com que a teoria é praticada.

### **INFORMANTE 7**

**O que você entende por semântica formal? Você se considera um semanticista formal?**

A construção de modelos lógico matemáticos para questões envolvendo o significado. Sim, eu me considero um semanticista formal.

**Para você, quem são os expoentes dessa abordagem?**

Dentre os vivos e atuantes, vou mencionar (em ordem alfabética) os três nomes que me parecem os mais influentes atualmente: Angelika Kratzer, Gennaro Chierchia e Irene Heim.

**Quais questões impulsionam a pesquisa na semântica formal atual?**

**Há questões que são evitadas ou postas de lado? Quais são elas?**

**Por que são evitadas?**

Dois temas me vêm de imediato à mente, mas certamente há outros: Papel do contexto na especificação do significado, semântica comparativa envolvendo línguas pouco estudadas. Não vejo na atualidade nenhuma questão sendo posta conscientemente de lado.

**Que teorias você acredita que estejam “competindo” com a semântica formal hoje em dia?**

Não vejo competição, mas complementação vinda de áreas com ênfase maior em aspectos cognitivos e computacionais.

**Você considera o instrumental lógico-matemático da semântica formal superior aos outros instrumentais? Por quê? Em que medida o uso desse instrumental pode tornar o estudo do significado linguístico mais científico?**

Não. Significado é obviamente algo com múltiplas faces e dificilmente seus mistérios se revelarão através de uma única abordagem. Há momentos em que se lucra mais deixando a formalização para mais tarde e buscando primeiro uma aproximação mais intuitiva com um fenômeno. A modelização lógico-matemática é sempre bem vinda por produzir hipóteses explícitas e falseáveis, mas de modo algum necessária para se gerar ou expressar um insight semântico, que, no final das contas é o que faz o progresso da área.

### **INFORMANTE 8**

**O que você entende por semântica formal?**

Há várias maneiras de entendermos semântica formal. A Semântica Formal pode ser entendida como a Semântica Lógica, que é feita pelos lógicos. Também pode ser compreendida como a Semântica que se iniciou com Barbara Partee na década de 70: A Semântica Formal das Línguas Naturais. Mas isso aconteceu já faz um tempo. De lá pra cá muita água rolou. Podemos entender que é a semântica que descreve os dados utilizando uma metalinguagem formal, independente de assumirmos que as línguas são efetivamente um cálculo. Nesse último sentido, trata-se de usar a lógica (e a matemática) como metalinguagem para descrição das línguas naturais. Nessa direção é absolutamente plausível ser um funcionalista/formalista. Entendendo que na sua versão atual a semântica formal das línguas naturais não tem um comprometimento com a proposta gerativa, isto é a centralidade da sintaxe, que havia quando Partee fez seu doutoramento orientada por Richard Montague e Noam Chomsky. Pode haver esse comprometimento. Há diferentes maneiras de vermos a arquitetura da linguagem. Mesmo em Heim & Kratzer (1998) que falam em semântica gerativa parece não haver um compromisso com a centralidade da sintaxe. As autoras diferenciam gramaticalidade de aceitabilidade semântica, não há um pareamento entre sintaxe e semântica (como queria o Montague) e tampouco a sintaxe determina a semântica, porque há estruturas que são propriamente semânticas (modularidade), mas não está claro que a sintaxe é central... pelo menos para mim, mas sei lá, né? Chierchia (2014) que certamente é um semanticista formal propõe que as línguas ou a linguagem humana é um sistema dedutivo (isto é, semântico) para além de ser uma sintaxe. Não conseguimos derivar a agramaticalidade de ‘He sees any dog’ se não fizermos uma conta que irá levar a uma contradição. Nesse caso há o comprometimento maior de que as línguas naturais são sistemas lógicos. Esse passo está em Chierchia (2014) que Chomsky recusa.

De certa forma, todo semanticista das línguas naturais é formalista, porque usar o cálculo é um compromisso com a ciência, mas nem todo semanticista acredita que as



línguas naturais são efetivamente cálculos lógicos. Eu não sei, acho que são, mas essa é uma questão empírica. A semântica cognitiva é naturalista e portanto usa uma linguagem arregimentada, mas entende que as línguas naturais não são cálculos lógicos. Aliás o gerativismo também. Chomsky insiste que as línguas não são “computacionais”. De novo, pra mim, essa é uma questão empírica. Precisamos primeiro entender como é esse sistema. Há várias questões envolvidas aqui entre elas como é a faculdade da linguagem, como é a relação com a cognição, como é a arquitetura dessa faculdade... Sabemos ainda muito pouco e talvez estejamos (pasmé!) num momento de ciência normal, compartilhamos uma série de crenças de fundo, sobre as quais não podemos ainda nos pronunciar, mas estamos tentando investigar os problemas na direção de solucioná-las. Penso que a universalidade é hoje senso comum. Também o inatismo. Mas há muita controvérsia sobre como é essa universalidade e esse inatismo. De novo, estamos começando a entender.

Pra mim, não vale a pena ficar tentando definir o que é a Semântica Formal. Acho que vale mais a pena tentarmos entender como é essa capacidade que nos permite falar e que mostra claramente que pensamos. Usar o cálculo (explicitar os termos que estão sendo utilizados na descrição) é um compromisso com ser científico. E encontramos isso em todas as escolas, no funcionalismo e no formalismo, que são certamente naturalistas.

Veja, entender o Singular Nu no Português Contemporâneo, o meu projeto de pesquisa, é algo que eu espero que possa interessar tanto a funcionalistas quanto a formalistas porque o que eu estou buscando é uma compreensão mais refinada do que significa um morfema de plural que ocorre em várias línguas; e se a noção de pluralidade é universal, afinal há língua que não tem esse morfema, como o Karitiana. Eles contam? Como? O que é expressar pluralidade? Essas são questões que interessam aos linguistas em geral e entendê-las pode ajudar a refletir sobre a arquitetura da linguagem, porque, por exemplo, pluralidade está ligada ao conceito de contável e sabemos, via pesquisas sobre a cognição, que bebês muito novos, de 3 meses, distinguem massa e contável. Mas também sabemos que nem todas as línguas fazem isso. O Yudja, ver Lima (2014), por exemplo conta massa diretamente. Algo absolutamente inesperado para a ortodoxia sobre massa e contável. Quero entender como isso ocorre. E como gosto de cálculo, fico tentando montar um mostrinho que funcione. E há várias propostas para o caso específico de nomes de massa e pluralidade. Chierchia (2014) e Rothstein (2015).

#### **Você se considera um semanticista formal?**

Oh, yep! Mas não sei se sou um protótipo de semanticista formal... acho que não. Eu adoro o cálculo. Gosto de Lógica e podemos entender um tanto de coisas olhando para o sistema formalmente. E se você gosta do sistema formal, por que não? Mas nem todo semanticista formal tem essa paixão pela lógica. Eu tenho. É coisa de quem gosta de matemática, eu acho. Também eu sei pouca sintaxe gerativa, por isso meu delírio é na lógica e também nas línguas, na empiria. Semanticistas formais de tradição gerativa têm outro tipo de preocupação, como a relação de c-comando, por exemplo, algo que eu não me coloco muito; ultimamente cada vez mais, tentando entender “merge” que para mim é aplicação funcional. Se for isso, bom, talvez Chierchia tenha razão. Mas isso é talvez porque minha pesquisa principal seja sobre os nominais e o léxico (entendido aqui de maneira bem restrita, isto é não estou pensando na enciclopédia). Não sei. Mas há outros modos de ser um semanticista formal. Creio que Márcio Guimarães, Rodolfo Ilari, José Borges Neto são semanticistas formais mas eles não têm aparentemente essa paixão pelo cálculo. O Luiz Arthur Pagani tem. E a semântica formal feita pelo grupo da USP, liderado por Ana Müller, que foi certamente quem fundou a Semântica Formal no Brasil (Borges Neto et al 2010)

#### **Para você, quem são os expoentes dessa abordagem?**

Puxa, essa é uma questão tão pessoal... Se penso nos nominais e também nos modais vem Richard Montague, Barbara Partee, Donald Davidson, David Lewis, Gregory Carlson, Susan Rothstein, Angelika Kratzer, Irene Heim, Fred Landman, Gennaro Chierchia, entre muitos outros. Tem muita gente boa mesmo. Se penso nas implicaturas e nas pressuposições, Grice, Laurence Horn (demais!), Uli Sauerland, Gennaro Chierchia (de novo!)... Também tem isso, essa semântica formal das línguas naturais se tornou dinâmica. Não se fala mais no significado como condições de verdade, mas também como condições de felicidade. São os modelos de Semânticas Dinâmicas, Heim, Kamp, e os holandeses. Essa vertente promete gerar muitos resultados. Concordo com a Barbara Partee quando ela diz que é emocionante estar na Semântica Formal das Línguas Naturais nos dias de hoje. É mesmo!

No Brasil, Ana Müller é o grande nome. Formou um grupo muito forte que está olhando com bastante cuidado para as línguas indígenas brasileiras que têm muito a nos dizer. É um outro caminho nos dias de hoje. Acredito que o grupo do Paraná, no qual estou, é um centro de pesquisas sobre a semântica das línguas naturais a partir de um prisma naturalista/formal. A pesquisa sobre grade temática dos verbos do PB é bastante importante e está sendo desenvolvida pelo grupo de Minas, Mário Perini e Márcia Caçado. De novo, acho que há um florescimento da área. Há grupos no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul, em Roraima, no Piauí para citar alguns.

#### **Quais questões impulsionam a pesquisa na semântica formal atual?**

Bah, inúmeras. Eu diria que o grande movimento é para fora das línguas “tradicionais”, inglês, por exemplo. Há um movimento forte em direção às línguas não documentadas ou mal documentadas, como aparece no SULA. Há questões metodológicas bem interessantes: como colher um dado semântico em campo. A reflexão de Matthewson é bem importante. E a contribuição do grupo da USP, Ana Müller e outros, é relevante. Também é o caso que há muito mais experimentos e busca-se entender a relação com a cognição. Há um movimento de interdisciplinariedade forte. A pesquisa de Lima sobre o Karitiana mostra isso. A minha própria pesquisa com o PB tem desenvolvido experimentos. E houve uma mudança que ampliou os domínios da semântica porque incluiu informações contextuais finas. As semânticas dinâmicas colocam hoje em dia um novo modo de fazer semântica. A ideia de pressuposição, que traz consigo discurso, conhecimento compartilhado, é central. O trabalho de Marcos Goldnadel da UFRGS é nessa direção.

Na minha pesquisa, o debate acalorado é sobre contagem, números, medidas e a relação com massa. Chierchia e Rothstein. Há uma questão com a cognição.

As implicaturas convencionais e as pressuposições. É possível diferenciar? Como elas são? Sauerland, Chierchia, Heim, Potts. No Brasil, Goldnadel, Guimarães, entre outros. A relação com o discurso, as semânticas dinâmicas e suas implementações Heim, Kamp

Os modais e a relação com o tempo. Kratzer, Potner, no Brasil Ana Lúcia Pessotto, Ana Ibanos (PUCRS), Karina Molsing

Os papéis temáticos e como se estrutura o léxico. Rappaport. No Brasil, Perini, Caçado.

#### **Há questões que são evitadas ou postas de lado? Quais são elas? Por que são evitadas?**

Deve haver, né? Só muito recentemente, com a minha entrada na pós do inglês, que comecei a me colocar o problema do significado de itens lexicais e a sua relação com a Semântica. Para mim, o que, por exemplo, ‘casar’ efetivamente significa é completamente irrelevante. O que me interessa é se estamos diante de um predicado, se há uma variável de evento, qual é a grade temática,... O conhecimento enciclopédico está fora do meu campo de interesse. Mas entender esse conhecimento enciclopédico é super importante e relevante e há muitas pesquisas sobre isso. Só está fora da minha pesquisa. Seria muito bom poder ter uma visão do todo e entender

como é que esses sistemas todos interagem, mas por enquanto o que temos são teorias independentes. E eu ainda não entendi um negócio tão besta quanto massa e contável.

Veja, o fato de que é um ato político assumir que casar é entre seres humanos, adultos, independente do sexo, é muito importante e precisa ser estudado e entendido. Mas está fora da minha pesquisa. Está fora da semântica formal? Por que haveria de estar? Podemos tentar descrever esses fatos usando o instrumental formal. O fato de que ao ouvirmos 'João casou' imediatamente imaginamos que seja com uma mulher deve ser ou uma implicatura ou uma pressuposição. É óbvio que merece ser explicado e precisamos entender como isso se relaciona com o significado de 'casar', mas esses são tópicos para outros pesquisadores. Infelizmente, a gente não tem tempo infinito. Mas é claro que há coisas que a semântica não pode explicar. A bem da verdade, os fenômenos de implicatura estão fora da sua alçada.

**Que teorias você acredita que estejam “competindo” com a semântica formal hoje em dia?**

Não tenho ideia. Acho que não há competição. Você pode sempre ser um formalista, independente de sua opção metafísica, por assim dizer. É possível entender que as línguas se constroem por metáforas, que são um tipo particular de função, que pode ser descrita formalmente. O cognitivismo de Lakoff e Johnson por exemplo é absolutamente passível de ser formalizado, isto é, de se criar um sistema lógico que descreve os diferentes mapeamentos. É provável que se eles lessem isso, teriam um ataque, mas acho que essa reação é muito mais uma questão política, de marcar seu próprio nicho, do que uma diferença epistemológica. Não vejo o formalismo como se opondo ao funcionalismo. Acho que essas são questões de arquitetura que não sabemos ainda e é muito provável que haja os dois componentes. É claro que um funcionalista é formalista no sentido de que sua descrição é passível de ser formalizada. É certo que um formalista é um funcionalista. Estamos tentando entender a função semântica de algo, em geral uma partícula funcional (!). Cada vez mais se fala abertamente sobre gramaticalização nos círculos formais (veja Chierchia (2014)). Há tantas variedades de tudo hoje em dia e acho isso bem salutar. Será que a gente precisa mesmo dessas caixinhas?

Além disso não gosto da metáfora da competição para descrever o empreendimento científico, prefiro a ideia de que há pluralidade que pode nos revelar mais sobre um objeto extremamente complexo e essencial para nós, humanos. Veja pluralidade sem ser necessário uma teoria de unificação. No fundo é assim: vamos pesquisar como é o significado nas línguas naturais e depois a gente vê o que isso nos dá.

**Você considera o instrumental lógico-matemático da semântica formal superior aos outros instrumentais?**

Sua pergunta pressupõe que há outros instrumentais. Há? Quais outros instrumentais? Não entendo o que isso significa talvez porque para mim a lógica e a matemática sejam tão plásticas que é claro que esse instrumento pode ser a metalinguagem, em alguma medida, de qualquer teoria sobre a capacidade de gerar significados. Mas isso talvez porque eu tenha uma visão da lógica bem diferente do que há no senso comum. Como disse, analisar as línguas usando a ideia de mapeamento entre domínios é passível de ser descrito construindo um sistema lógico-matemático. Ah, mas esse sistema não vai apreender o todo, a língua em sua plenitude. Estou de acordo. Mas qual linguagem vai? Nesse nível não há, para mim, diferença entre funcionalistas e formalistas, ambos são naturalistas o que leva necessariamente a uma linguagem formalizada ou formalizável. Mas tudo é formal, então? A natureza é matemática? Essa é uma questão muito difícil e não sei. Talvez seja. Chomsky diferencia qualitativamente o que é da ordem do natural do que é da ordem do político. Se houver esse cisma, esse abismo, então a pergunta não faz sentido, porque os instrumentos serão absolutamente distintos. Mas e se não houver

essa diferença? E se Galileu tiver razão e a natureza for efetivamente matemática? Somos natureza, não? Não somos seres divinos ou fora da natureza, somos seres naturalmente sociais e esse não é um fato banal.

**Por quê? Em que medida o uso desse instrumental pode tornar o estudo do significado linguístico mais científico?**

Não faz sentido pra mim falar em mais, ou menos, científico. Ser científico não é gradual, ou se é ou não se é científico. Ser científico é uma postura. O que não quer dizer que não haja termos graduais. Há muitos. Faz parte do fazer científico, qualquer que seja, utilizar uma linguagem arregimentada. Veja, não se deve ter uma noção estática das linguagens formais. São vários os exemplos na física contemporânea de como a pesquisa em física levou a modificar o cálculo. Tentamos mostrar isso no nosso artigo (Pires de Oliveira & Mortári 2013, acho) e no nosso livro, que um dia vamos publicar: o cálculo lógico vai se modificando conforme entendemos melhor a modalidade nas línguas naturais. E é claro que usar o cálculo lógico gera resultados inesperados. Chierchia (2005) discute isso quando fala sobre a conservatividade e sua relação com os determinantes nas línguas naturais. O cálculo permite vermos coisas que a gente não via sem ele e isso faz com que surjam coisas inesperadas para o cálculo, o que leva o cálculo a ser outro e assim por diante. A cobra que come o rabo da cobra.

De novo, há outras formas de saber que não são o científico (por exemplo, a religião) e que portanto não utilizam o cálculo, a prova. Mas se há um compromisso com o científico, o cálculo é necessário. Mesmo que ele venha não formalizado, como é o caso em boa parte dos trabalhos mesmo na semântica formal. Por exemplo, o que o Ilari escreveu sobre a semântica do português é formal, mas não foi formalizado pelo autor. Isso não quer dizer que o que ele fez é o ponto final na investigação sobre o tempo e o aspecto, por exemplo. Não é. Os trabalhos de Ducrot, que não se proclama um semanticista formal (porque não aceita a relação com o gerativismo, entre outros), são formais. Veja a noção de escala que ele utiliza.

**INFORMANTE 9**

**O que você entende por semântica formal? Você se considera um semanticista formal?**

Entendo semântica formal como uma teoria, ou um modelo, para representar, através de uma metalinguagem explícita e articulada, o significado expresso pelas línguas naturais. Os conceitos usados na minha resposta – teoria, modelo, metalinguagem, significado – merecem uma elaboração melhor, e podem variar de época para época e de autor para autor.

Prefiro dizer que, às vezes, com algum grau de profundidade, eu faço semântica formal, ao invés de dizer que sou um semanticista formal. Meus interesses e meu foco são muito variados para que eu seja de fato um semanticista formal, com todo o rigor que essa disciplina exige.

**Para você, quem são os expoentes dessa abordagem?**

Do ponto de vista história, Frege, Russell, Richard Montague, Barbara Partee, David Dowty, Emmon Bach, David Lewis, David Kaplan, Donald Davidson e outros. Atualmente, diversos linguistas, lógicos e filósofos, I. Heim, A. Kratzer, P. Elbourne, K. van Fintel, G. Chierchia, etc.

**Quais questões impulsionam a pesquisa na semântica formal atual? Há questões que são evitadas ou postas de lado? Quais são elas? Por que são evitadas?**

As questões que motivam a semântica formal têm a ver com o poder de sua metalinguagem, a meu ver. Por conta disso, quando temos uma metalinguagem “pouco poderosa”, temos poucos (ou menos) fenômenos em análise. Por muito tempo, o que hoje chamamos de quantificadores não recebia uma análise muito fina em termos de metalinguagem, e assim seu estudo também não era tão aprofundado. Isso muda com Frege, quando os quantificadores recebem uma boa análise. Com a semântica dos mundos possíveis, diversos outros fenômenos em princípio intratáveis ganham análises interessantes. O mesmo pode ser dito sobre indexicais.

Por conta disso, diria que boa parte das questões “evitadas” não são necessariamente evitadas, mas simplesmente aguardam um desenvolvimento melhor da metalinguagem.

Por outro lado, uma vez definido significado linguístico, que seria o grande objeto da semântica formal, o que não tem a ver com ele, não seria estudado. Deixar algo de lado, não estudar algo pode ser, a meu ver, um sinal de maturidade de uma teoria, pois isso demonstra que sabemos seus limites, e se for assim não devemos falar em questões que são evitadas – elas não cabem nas explicações e análise da teoria em questão.

**Que teorias você acredita que estejam “competindo” com a semântica formal hoje em dia?**

Seriam teorias que têm o mesmo objeto, mas não estou certo de que haja de fato isso. Teorias como a “semântica cognitiva”, me parece, têm concepção de significado, e o mesmo pode ser dito da semântica argumentativa, da enunciação, dos protótipos, etc. Os limites do que essas teorias têm que explicar é diferente do que vemos para o caso da semântica formal, e nesse sentido, acho que não há competição.

Por outro lado, se pensarmos de um ponto de vista mais sociológico, da sociologia da ciência e disputas acadêmicas, mas não científicas, podemos falar em competição, mas certamente não é uma competição que leva ao avanço do nosso conhecimento.

**Você considera o instrumental lógico-matemático da semântica formal superior aos outros instrumentais? Por quê? Em que medida o uso desse instrumental pode tornar o estudo do significado linguístico mais científico?**

Acho difícil usar “superior”, mas também acho inegável que esse instrumental lógico-matemático traz inúmeras vantagens e é de fato um dos maiores e mais interessantes aspectos da semântica formal. A explicitude da metalinguagem, a meu ver, confere cientificidade ao estudo linguístico por impedir sobreposição de conceitos, medidas ad hoc, etc., que assolam empreitadas linguísticas e não permitem, por exemplo, compartilhamento de resultados, replicação de experimentos e conclusões, etc.

**INFORMANTE 10**

**O que você entende por semântica formal? Você se considera um semanticista formal?**

Entendo por semântica formal o estudo do significado das sentenças das línguas naturais de uma perspectiva verifuncional, que considera que o significado das sentenças é representado por suas condições de verdade. Além disso, essa perspectiva procura explicar como cada parte de uma sentença contribui para seu significado (abordagem composicional) e explicitar o significado de um modo formal, lógico, sem ambiguidades.

Sim, eu me considero uma semanticista formal.

**Para você, quem são os expoentes dessa abordagem?**



Para mim, os expoentes internacionais são Barbara Partee, Angelika Kratzer e Irene Heim. Quero citar também a Lisa Matthewson, um expoente no que diz respeito à combinação do estudo da Semântica Formal com uma abordagem trans-linguística.

No Brasil, as pesquisadoras mais reconhecidas, inclusive internacionalmente, são Ana Müller e Roberta Pires de Oliveira.

Claro que existem muitos outros, inclusive ex-alunos das pesquisadoras mencionadas. Mas considero que essas são autoras que devem ser lidas e relidas sempre.

#### **Quais questões impulsionam a pesquisa na semântica formal atual?**

(A) Uma das questões que tem impulsionado os trabalhos atualmente é a existência de universais semânticos. A teoria tem sido utilizada na descrição e análise de línguas não indo-europeias na perspectiva de verificação de generalizações que vinham sendo defendidas para as línguas mais conhecidas. Por isso, há muitos trabalhos recentes em línguas indígenas americanas. Essa abordagem, além de muito interessante, torna a teoria com um potencial científico maior, já que se constrói considerando uma grande variedade de dados.

#### **Há questões que são evitadas ou postas de lado? Quais são elas? Por que são evitadas?**

No geral, a teoria tem interesse em entender como cada parte de sentenças declarativas contribui para seu significado.

Ao longo do tempo, algumas questões como a intenção ou comprometimento do falante ou informações mais contextuais foram deixadas de lado. Mas, mais recentemente, com a exploração de temas como 'modalidade' e 'evidencialidade' essas questões vem sendo trabalhadas por semanticistas. O mesmo vale para as perguntas.

#### **Que teorias você acredita que estejam “competindo” com a semântica formal hoje em dia?**

Honestamente, não vejo nenhuma teoria competindo de fato com a semântica formal. O funcionalismo, talvez, seja uma teoria em competição, sobretudo no que diz respeito ao estudo de língua não indo-europeias. Mas uma vez que essas teorias partem de questões e pressupostos diferentes, não as vejo competindo realmente. São apenas pontos de vista diferentes.

#### **Você considera o instrumental lógico-matemático da semântica formal superior aos outros instrumentais? Por quê? Em que medida o uso desse instrumental pode tornar o estudo do significado linguístico mais científico?**

O instrumental por si só não contribui para uma abordagem mais científica. No entanto, o instrumental tem o potencial de deixar o significado o mais explícito possível. E nisso ele é superior. Quando se traduz uma sentença de uma língua natural em uma forma lógico-matemática, o significado é revelado de uma forma transparente. Isso é muito importante, por exemplo, quando se está estudando uma língua pouco investigada, como as línguas indígenas. O uso da metalinguagem lógico-matemática auxilia na explanação de fenômenos que podem ser muito difíceis de ser traduzidos.

#### **INFORMANTE 11**

#### **O que você entende por semântica formal? Você se considera um semanticista formal?**

A semântica formal, pra mim, é pensar numa relação linguagem x mundo. O significado não é um conceito (os conceitos na mente das pessoas divergem muito). O significado seria traçar as condições de verdade (situações) em que uma expressão

ou enunciado seriam considerados verdadeiros. A semântica formal não circunscreve o significado na mente dos falantes, mas na sua relação com o mundo ou mundos possíveis. Daí a diferença entre sentido e denotação, sentido e referência, etc. A linguagem não veicula apenas referentes, mas relações, propriedades, eventos, situações, estados mentais...

Eu me considero uma linguista mais afeita a modelos formais. Não trabalho exclusivamente com semântica, mas muito mais na interface da semântica com a sintaxe. Na sintaxe, me coloco no âmbito da teoria gerativa, que é uma teoria formal. A semântica formal é bastante compatível com essa teoria sintática. Isso não significa prescindir de outras abordagens, principalmente no que diz respeito a elencar fatos linguísticos. Leio sempre diversas abordagens, que podem ser funcionalistas, cognitivistas. Nem sempre é fácil traçar as fronteiras entre elas. Este é um risco que a gente corre.

**Para você, quem são os expoentes dessa abordagem?**

Nossa, são muitos. Há uma longa tradição que pode chegar a eras remotas. Alguns que me vêm à mente: Russell, Frege, Lewis, Montague, Carlson, Chierchia.

No Brasil, citaria, sem sombra de dúvida, Ana Muller, Roberta Pires de Oliveira e pessoas formadas por elas. Acho que o Ilari é um desbravador dessa linha, mas com poucos trabalhos que possam ser considerados efetivamente da semântica formal.

O Marcelo Barra também, mas seus trabalhos são pouco divulgados.

**Quais questões impulsionam a pesquisa na semântica formal atual? Há questões que são evitadas ou postas de lado? Quais são elas? Por que são evitadas?**

É muito difícil responder. Em geral, ficamos restritos a determinados fatos e não lemos muito sobre outros. Vou responder à pergunta tendo em vista mais as leituras que tenho sobre português. Diria que há muito interesse em torno de eventos (incluo aí toda a literatura de aspecto), determinantes, quantificadores, marcações de número e de tempo. Tenho a impressão que há menos trabalhos sobre dêixis e anáforas..., mas pode ser só impressão, falta de leitura minha.

Não saberia dizer se há questões evitadas e, se houver, qual o motivo. De modo geral, os modelos formais oferecem mais dificuldade, pelo tempo que se leva para se conhecer as ferramentas. Isso também acontece com a sintaxe.

**Que teorias você acredita que estejam “competindo” com a semântica formal hoje em dia?**

Acho que é a semântica cognitiva. O problema (impressão que tenho) é que em certas áreas, a semântica formal divide o espaço com uma semântica cognitiva. Acho que é assim na semântica lexical, por exemplo.

**Você considera o instrumental lógico-matemático da semântica formal superior aos outros instrumentais? Por quê? Em que medida o uso desse instrumental pode tornar o estudo do significado linguístico mais científico?**

Acho um instrumental importante, pela forma como explicita o significado. Mas é um instrumental de difícil operacionalização para os linguistas, de modo geral. Difícil, porque, em geral, os estudantes de linguística já passaram por momentos em que se esquivaram de disciplinas da área de exatas. Há sempre uma resistência para retomar esse caminho.



## ANEXO VI

Resposta dos questionários enviados a semanticistas de outras abordagens.

### **INFORMANTE 1**

**O que você entende por semântica formal? Você se considera um semanticista formal?**

É uma vertente dos estudos semânticos que se contenta com a tradução das línguas naturais em formas lógicas na tentativa de elucidar os sentidos atribuídos às sentenças e, em certas abordagens, também sua verifuncionalidade. Não, não me considero nem um pouco formalista.

**Para você, quem são os expoentes dessa abordagem?**

No Brasil, há vários nomes, como Rodolfo Ilari (para mim, o melhor de todos), Renato Miguel Basso, Roberta Pires de Oliveira, Márcia Cançado, Esmeralda Negrão, entre outros. Mundialmente Gennaro Chierchia encabeça a lista.

**Quais questões impulsionam a pesquisa na semântica formal atual? Há questões que são evitadas ou postas de lado? Quais são elas? Por que são evitadas?**

A Semântica formal está sendo pressionada pela realidade da língua e já começa a falar em contexto linguístico e extralinguístico, em situação discursiva, em variação e outras coisas que lhe eram abomináveis até pouco tempo. Ela está tentando se adaptar ao que a língua é de verdade. Há muita coisa evitada pela semântica formal e essa “muita coisa” é justamente o que faz da língua o que ela é, especialmente o que circunda o ato linguístico. Por décadas, os formalistas apenas abordaram a língua como se ela fosse um apanhado de sentenças resultantes da soma de palavras. Por isso, essa semântica começou a girar em círculos. Hoje, com a abertura que os novos pesquisadores estão impondo aos estudos, talvez a coisa evolua um pouco mais na compreensão das línguas naturais (como evoluíram as abordagens socioculturais, por exemplo, muito mais poderosas no aspecto descritivo).

**Que teorias você acredita que estejam “competindo” com a semântica formal hoje em dia?**

Abordagens científicas não estabelecem competição entre si. Isso é tolice... Cada uma explica a coisa a seu modo. Isso é ser diferente e não é estar em “competição”. Quem compete são os pesquisadores que gostam de holofotes, não suas ciências...

**Você considera o instrumental lógico-matemático da semântica formal superior aos outros instrumentais? Por quê? Em que medida o uso desse instrumental pode tornar o estudo do significado linguístico mais científico?**

Não. Ele é inferior, porque é muito restrito. Há instrumentais muito mais complexos e descritivos para lidar com línguas naturais e seus fenômenos. Infelizmente, ainda temos impressos em nossa mente alguns parágrafos dessa lenda que diz que números, símbolos e fórmulas fazem de uma explicação qualquer – mesmo que tacanha - algo científico. Pura bobagem...

### **INFORMANTE 2**

**O que você entende por semântica formal? Você se considera um semanticista formal?**

O termo ‘semântica formal’ é ambíguo. Pode uma linha de pesquisa semântica específica que usa formalização específica ou qualquer linha de pesquisa semântica

que use alguma formalização. No segundo sentido de semântica formal, sou semanticista formal sim.

**Para você, quem são os expoentes dessa abordagem?**

Há vários/alguns pois há mais de uma abordagem que se pode chamar de semântica formal.

**Quais questões impulsionam a pesquisa na semântica formal atual? Há questões que são evitadas ou postas de lado? Quais são elas? Por que são evitadas?**

De novo as respostas dependem do sentido que você der ao termo 'semântica formal'.

**Que teorias você acredita que estejam “competindo” com a semântica formal hoje em dia?**

Teorias da enunciação ou discursivas.

**Você considera o instrumental lógico-matemático da semântica formal superior aos outros instrumentais? Por quê? Em que medida o uso desse instrumental pode tornar o estudo do significado linguístico mais científico?**

Qualquer instrumental lógico-matemático sempre me chama a atenção, dão boas explicações para alguns fatos da língua, porém é mais do que óbvio que eles não dão conta de diversas realidades que existem na língua. De novo, você está tomando o termo 'semântica formal' em apenas um sentido, isso desqualifica, ou faz parecer inútil, a sua primeira pergunta. Se você quer respostas sobre uma noção específica de semântica, no próprio questionário deve solicitar que as respostas sejam dadas segundo a semântica x ou y.

**INFORMANTE 3**

**O que você entende por semântica formal? Você se considera um semanticista formal?**

A semântica formal, num sentido estrito (pelo que se vê nos livros e artigos que trazem “semântica formal” no título ou nas palavras-chave), é uma abordagem da semântica das línguas naturais que tenta modelar o significado composicional de sentenças usando como ferramenta uma teoria de conjuntos. Nunca me considerei um semanticista formal desse tipo, embora os formalismos sejam muito divertidos.

Esse não é o único uso adequado do termo “semântica formal”, é claro. Todo semanticista que use metalinguagens formalizadas (não necessariamente as citadas) é um semanticista formal. E o assunto não acaba aí.

**Para você, quem são os expoentes dessa abordagem?**

Atualmente, numa semântica formal estrita (que tentei descrever acima), conheço, de memória, apenas Gennaro Chierchia, Kai von Stechow, Angelika Kratzer, Irene Heim, e, de uma geração anterior, Barbara Partee.

**Quais questões impulsionam a pesquisa na semântica formal atual? Há questões que são evitadas ou postas de lado? Quais são elas? Por que são evitadas?**

Suponho que a pergunta se refira ao que chamei de “semântica formal estrita”. Não acompanho os desenvolvimentos na área. Não saberia dizer.

**Que teorias você acredita que estejam “competindo” com a semântica formal hoje em dia?**

Competindo formalmente? Se a pergunta diz respeito a outras possibilidades de semântica que empreguem ferramentas formais, penso que as abordagens de corpus, com grandes massas de dados, poderiam, talvez, modelar denotações formalmente, mas de modos diferentes do que é feito pela semântica formal ao estilo de, digamos, Gennaro Chierchia. Há também as abordagens lexicais, do tipo Generative Lexicon, ou, de outro tipo, WordNet.

Se, entretanto, a pergunta não se referia à “competição” em termos de alternativas ao formalismo, mas em termos de alternativas *não-formais* para se fazer semântica, então diria que o mainstream no momento é a Linguística cognitiva. Se formos ainda mais abrangentes, todas as teorias enunciativas e do discurso, além de várias correntes de Pragmática.

Se “competição” aqui quer dizer, por outro lado, competição por postos de trabalho e financiamento nas agências de fomento, então eu diria que os linguistas cognitivistas são os competidores, provavelmente em vantagem no Brasil, no momento.

**Você considera o instrumental lógico-matemático da semântica formal superior aos outros instrumentais? Por quê? Em que medida o uso desse instrumental pode tornar o estudo do significado linguístico mais científico?**

Não considero superior, e acho que a pergunta foi feita de maneira muito imprecisa. Costumo levar em conta, para avaliar a adequação de uma abordagem, o propósito com que se faz o estudo. Se o propósito for, por exemplo, uma pesquisa aproveitável para o ensino de língua materna ou estrangeira, usar as ferramentas formais da semântica formal (num sentido estrito) não me parece nem um pouco adequado. Para implementações mais ou menos diretas em aplicativos computacionais, igualmente, não me parece que tal ferramenta seja a escolha natural. Posso, é claro, estar totalmente enganada. No momento, e vendo “de fora”, também não acho que a semântica formal seja uma boa modelagem para a cognição humana. Por outro lado, se forem outras as metas, o uso de ferramentas lógico-matemáticas pode ser vantajoso, por exemplo, por disciplinar o uso das intuições dos semanticistas e por mostrar complexidades e regularidades que não seriam notadas de outro modo.